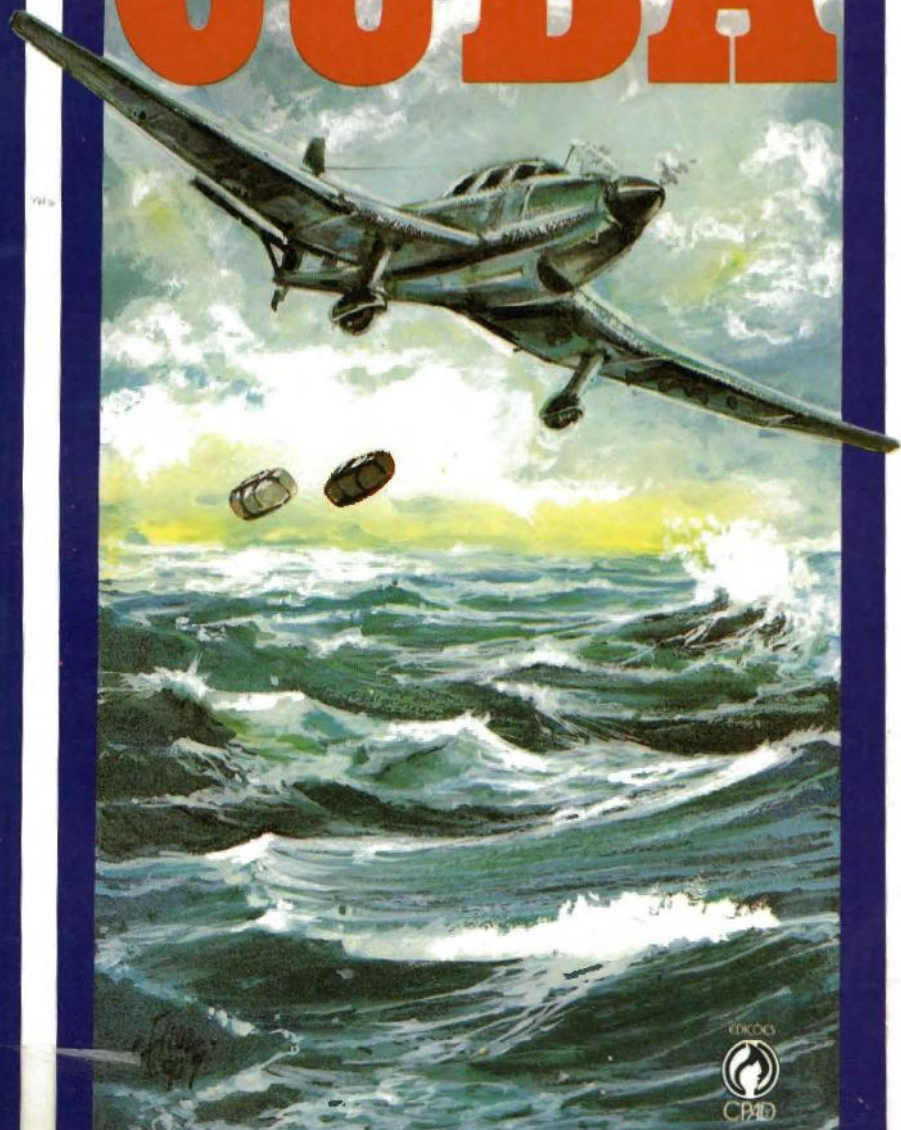


TOMAS WHITE

MISSEIS *Sobre*

CUBA ★



ENCLOS



CPAID

MISSEIS *Sobre*
CUBA

TOMAS WHITE

MÍSSEIS *Sobre*
CUBA

EDIÇÕES



CPAD

God's Missiles Over Cuba

Spanish Edition

Copyright 2015 Voice Media

info@VM1.global

Web home: www.VM1.global

All rights reserved. No part of the publication may be reproduced, distributed or transmitted in any form or by any means, including photocopying, recording, or other electronic, or mechanical methods, without the prior written permission of the publisher, except in the case of brief quotations embodied in critical reviews and certain other noncommercial uses permitted by copyright law. For permission requests, email the publisher, addressed “Attention: Permission Coordinator,” at the address above.

This publication **may not be sold, and is for free distribution** only.

Índice

Dedicatória	9
Prefácio	10
Prólogo	11
1. Oito, zero, Julieta... Socorro! Socorro!	18
2. Pão sobre Águas Turbulentas	29
3. Na Escola do Espírito	40
4. Maná Derramado de 3.500 Metros de Altura.....	51
5. A Terceira Pata do Gato	65
6. Turista em Havana	79
7. Segurança Interna	89
8. Na Escola do Sofrimento	96
9. Contra-revolucionário para Cristo	103
10. As Torres de Vigia são o Flagelo de Nossas Igrejas	119
11. Vento ao Redor do Mundo	135
Epílogo	143
Nota	144

Cruzada de Literatura Cristã nos países de fala espanhola

**Argentina: Cruzada de Literatura Cristã
Corrientes 846
Buenos Aires, Argentina**

**Chile: Cruzada de Literatura Cristã
Classificador 701
Santiago, Chile**

**Colômbia: Centros de Literatura Cristã
Apartado 29724
Bogotá I, D.E., Colômbia**

**Espanha: Centro de Literatura Cristã
Apartado 20.017
Madrid, Espanha**

**Panamá: Livraria Caribe
Apartado 3139
Panamá 3, Panamá**

**Uruguai: Cruzada de Literatura Cristã
Casilla 351
Montevideo, Uruguai**

**Venezuela: Cruzada de Literatura Cristã
Apartado 563
Barquisimeto, Venezuela**

Dedicatória

Ao desconhecido irmão em Cristo que deixou a cruz feita com tiras de retalho na cela 44 e aos milhões de sofredores soldados de Deus, cujas histórias nunca serão contadas neste mundo. Algum dia nos encontraremos aos pés de Cristo.

Prefácio

Há dois fatos que se sobressaem nesta interessante narração dos esforços de um homem para propagar o Evangelho de Jesus Cristo na desditosa nação de Cuba: O primeiro, é a feroz resistência que se levanta neste país dominado pelo Comunismo, contra qualquer forma de cristianismo. Apesar das tentativas mal orientadas de alguns líderes de igrejas norte-americanas para encobrir a perseguição, e a natureza da mesma, Cuba é aqui apresentada como realmente é: um povo sofredor dominado por dirigentes que estão determinados a prejudicar e eliminar a igreja cristã da mesma maneira que a Alemanha nazista esteve para liquidar o povo judeu.

O segundo fato, é a consistência e o poder do testemunho de Tomas White quando exposto ao fogo do inimigo. Ao invés de gastar sua vida coletando diplomas ou recebendo louvores, este jovem decidiu fazer algo por Cuba e se meteu em problemas. O leitor não conseguirá esconder sua admiração diante da sua fé e ousadia sob os ataques do inimigo. É algo verdadeiramente inspirador.

O autor é o melhor defensor de si mesmo; por isso asseguro que será difícil deixar de lado este livro. Durante a leitura, rogo conosco a Deus pelos nossos irmãos em Cuba, especialmente por aqueles que estão ainda encarcerados, simplesmente por se terem colocado a favor de Deus e da verdade. Ora vem, Senhor Jesus!

Sherwood Eliot Wirt
Editor Emérito da Revista "Decision"

Prólogo

O grande caminhão russo rodava lentamente em direção ao engenho açucareiro cubano, resfolegando sob a pesada carga. O capataz do engenho parou de falar com seu assistente, ao reparar a estranha carga empacotada, colocada na parte traseira do caminhão.

“Deve haver algum erro”, disse entre os dentes. “Por que me mandariam centenas de caixas pequenas?”

Ao dar-se conta de que atrás do caminhão vinha uma patrulha, chegou-se a ela. O patrulheiro abaixou o vidro e apresentou um pequeno crachá. Assim empalmado, ele dizia tudo: “G-2, Polícia de Segurança Interna”. Chamada por alguns a KGB cubana, esta força policial está baseada no modelo de sua congênera russa. Não era necessária nenhuma explicação. E nenhuma foi dada.

Enquanto o caminhão estacionava ao lado de umas moedeiras de cana enormes e de aço, que são como grandes tambores com centenas de dentes sobre eles, vários trabalhadores se aproximaram para ver o que continham as caixas. Ao notar o semblante severo do seu chefe e ver saltar da patrulha policiais em roupas civis, afastaram-se rapidamente. Um interruptor foi apertado e os grandes cilindros giraram com um rugido insurdecedor. Quatro soldados começaram a descarregar o caminhão; enquanto esvaziavam as caixas sobre os dentes dos cilindros, as lâminas enormes trituravam o conteúdo convertendo-o numa pasta doce, mas não de cana de açúcar. Esta doçura era de uma natureza mais rica, porque as máquinas estavam despedaçando as palavras de Deus, da verdade, da luz, do amor e da compaixão.

O engenho se ergue austeramente por sobre o horizonte plano, rodeado de mares de cana de açúcar que se movem de forma ondulante. Enquanto era queimada a massa de bíblias uma nuvem de fumaça se evolava das chaminés. Cem mil bíblias foram atiradas à voracidade da fornalha naquele dia.

O Dr. Herbert Caudill, um pastor batista que vivia em Cuba nesse tempo, tem conhecimento de muitas ocorrências iguais a estas nas quais foram destruídas muitas bíblias e outros tipos de literatura cristã. Nada mudou. Hoje, mais de uma década depois, o pastor cubano Noble Alexander e muitos outros cristãos contam a queima “acidental” de 27 mil bíblias num depósito aduaneiro de Havana, depois de 3 mil delas terem sido distribuídas oficialmente entre sorrisos e comemorações entre crentes ocidentais. No tempo da igreja primitiva, os cristãos queimaram livros de magia (At 19.18,19). Em Havana, os ímpios queimam bíblias dos crentes.

A ameaça de mísseis provenientes de Cuba é um dos maiores temores dos Estados Unidos, porém Cuba teme os mísseis de outra natureza. A Bíblia é a força mais poderosa do mundo para derrubar as fortalezas da maldade.

Durante meus quatro anos como professor num centro de educação secundária em Grã Caimã, uma colônia inglesa ao sul de Cuba, estive lendo as obras de Richard Wurmbrand, Haralan Popov e do irmão André. Seus relatos acerca dos sofrimentos e triunfos dos cristãos que estão debaixo do regime comunista, comoveram meu coração. Entretanto, em várias publicações eclesiásticas, li sobre a liberdade de culto e da avalanche de literatura permitida nos países comunistas. Em quem deveria crer? Nos dias atuais podemos observar pastores e sacerdotes participando de todo tipo de polêmica. Diante de mim estava uma tarefa realmente desafiadora. Deveria eu procurar esclarecer a verdade, ou continuar confortavelmente ignorante?

No verão de 1972, viajei para os Estados Unidos para inteirar-me mais sobre estas histórias. Lendo mais e mantendo diálogos com pessoas em várias partes do país, descobri algumas das maneiras sutis e declaradas como são perseguidos os cristãos que estão sob governos de bandeira vermelha. Numa convenção celebrada em Dallas, conheci o reverendo Peter Deyneka Jr., cuja família estava ativamente empenhada numa guerra espiritual pelo rádio. Enquanto viajava e mais me inteirava pareceu-me que estava

já metido numa engrenagem. Eu não sabia como se encaixavam as engrenagens, mas Deus sabia. Rapidamente fiquei sabendo que alguns cristãos haviam deixado cair evangelhos em pacotes de plástico nas praias da China, Albânia e União Soviética. As correntes oceânicas os levavam às áreas menos acessíveis. Cuba era definitivamente inacessível, uma ilha “aprisionada em correntes de água”. Este método de distribuição é controverso. Alguns irmãos, aos quais amo, acham que é um desperdício. Talvez. Quando é possível, os turistas e mensageiros secretos poderiam ser mais eficazes. Lançar o pão da vida às águas é algo realmente não muito convencional. À primeira vista, pode parecer até estúpido. Porém William Tyndale usou um método parecido para introduzir a Palavra de Deus entre a plebe da Inglaterra no século 16. Ele escondia as Escrituras em fardos de algodão, os quais eram logo embarcados para o resto do país. Tyndale foi queimado na fogueira por seu zelo evangélico. Se não fora por seus métodos não tradicionais, os descendentes ingleses não haveriam recebido a luz senão no século seguinte. As bíblias que ele distribuiu prepararam o caminho para o que veio a ser a tradução inglesa *King James*. É fácil para os cristãos que estão de ambos os lados deste assunto, aceitar o de Tyndale, porque é algo que já passou à história. Existem centenas de narrações que recebem igual aceite, mas os métodos atuais de abordagem são mais difíceis de aceitar, porque os mesmos nos molestam. O noticiário sobre a tirania e as façanhas heróicas dos crentes batalhando contra seus inimigos, e triunfando sobre eles, geralmente não nos interessa investigar, estudar e orar antes de tomar uma posição a respeito. Preferimos que nos digam em que devemos crer. Isto é muito perigoso, porque por nossa complacência não ouvimos os gritos desesperados de nossos irmãos que estão escravizados.

Durante o tempo que passei na Califórnia, conheci um pastor luterano da Romênia, o reverendo Richard Wurmbrand, que havia sofrido torturas indizíveis debaixo dos nazistas e comunistas durante 14 anos. Sua esposa, Sabina, definhou durante três anos em campos de trabalho forçado dominados pelos comunistas. Nos sete anos seguintes, enquanto ouvia falar dos sofrimentos dos cristãos nos países opressores, estiveram em minha casa crentes da Romênia, Bulgária e Rússia. Todos eles haviam estado presos por sua fé e testemunho: Vasile Rascol, o reverendo David Klassem e outros,

os quais eram testemunho vivo, não história contada. Estes exemplos dos santos sob perseguição deram-me ânimo e coragem, quando mais necessitei deles.

No vôo de regresso a Grã Caimã, naquele verão, o avião comercial rugiu sobre Cuba, voando pelo corredor estabelecido, a rota permitida. Recordei minha primeira viagem comercial um ano antes. Minha Bíblia, tal como naquele instante, estava aberta sobre meus joelhos no Salmo 139.9,10: “Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá”.

“Que formosos e apropriados versículos”, murmurei.

Como chegou a acontecer depois com toda a Bíblia, esta passagem se tornou muito mais rica em significado nos dias que viriam.

Enquanto o aparelho parecia voar mais rápido em sua descida em Grã Caimã, um certo sentido de fatalidade veio ao meu coração. Lá embaixo estava uma ilha de escravidão, repleta de multidões famintas. Sem esperança e buscando a luz, as pessoas andavam às tontas e sem ajuda na escuridão que as rodeava atrás da cortina de cana de açúcar. Quem penetraria nesse manto de sofrimento e trevas? Quem aliviaria seus corações sobrecarregados? Eu estava inclinado a ser um voluntário. Por acaso não diz a Escritura: “Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás?” (Ec 11.1). O mar se converteria num portador de esperança, um transportador da luz. Com os termos bíblicos “asas da alva” ardendo em meu coração, uma compreensão maior brotou em mim. Até o céu, o firmamento entregaria sua mensagem de verdade.

Deixar cair literatura cristã pelas janelas de uma aeronave não é uma inovação. O grupo *Trans World Missions* já fez isto sobre o México e outros países durante anos. Bill Bright e Dick Halverson fizeram o mesmo sobre algumas partes da Califórnia do Sul. Os pilotos missionários, que servem em áreas da selva, deixam cair presentes, fotografias e folhetos. Este método de evangelismo, que é altamente não convencional, atrai as críticas inflamadas de alguns setores da comunidade cristã. É provável que algumas delas sejam justificadas, mas muitas não o são. Algumas pessoas discutem se as minhas prisões não são justas. Que faríamos, nós do mundo livre, aos comunistas que enchessem nossos campos com sua

literatura arrojada de aviões? Essa é a pergunta que fazem. Mas o certo é que nas terras livres não há necessidade deste tipo de abordagem. Os comunistas imprimem abertamente seu material em muitos países ocidentais, mas a literatura cristã não se imprime nos deles. Meus sete anos gastos em despejar literatura sobre os arredores de Cuba não foram uma atividade passageira - estilo James Bond - coberta por um slogan que a tornasse realizada "em nome de Jesus". Foram um esforço concentrado para penetrar a ilha do medo com o Evangelho do amor. Alguns são de opinião que o contrabando da Palavra de Deus é algo estranho para o sentimento cristão. Por que imitar James Bond e desafiar as autoridades? - argumentam. "Mantenhamos esse tipo de coisa sob controle. Há certas formas legais de fazê-lo. Além disso o apóstolo Paulo disse que deveríamos respeitar as autoridades. Deus coloca os governantes e os ordena, não é assim? Não é propósito deste livro a discussão do assunto. Entretanto, devo tomar uma posição. Todos os cristãos temos que obedecer e respeitar as autoridades. Devemos dar a César em cada área que seja de César. Mas há algumas coisas que não são dele".

Nos dias de Jesus, as autoridades temiam que o Cristo vivente as colocasse numa posição de instabilidade política; eles torciam assuntos espirituais para convertê-los em algo de caráter político. Este receio foi o fator decisivo em direção ao sacrifício de Jesus: "Se o deixamos assim, todos crerão nele, e virão os romanos e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação" (Jo 11.48).

Em outra ocasião, Pedro e outros apóstolos se depararam com estes mesmos homens e os desafiaram: "Mais importa obedecer a Deus do que aos homens" (At 5.29).

Em contraposição ao seu próprio país, Raabe obedeceu ao mais alto mandato de Deus e ajudou aos espias fazendo-os baixar pelo muro da cidade (Js 2.15). Deus honrou sua fé em Hebreus 11.

O Livro de Atos declara que Paulo foi a Jerusalém e mais tarde a Roma como prisioneiro. Ele se submeteu voluntariamente às autoridades, mas somente porque sabia que era o plano de Deus (At 19.21; 21.13,14; 23.11).

Precisamos ter sabedoria espiritual para saber quando a submissão vai favorecer ao ministério e quando se tornará um obstáculo para o mesmo. Paulo, que pregava a submissão nas questões civis, freqüentemente escapava das autoridades que

procuravam destruir a obra de Deus. Ele mesmo define o que é autoridade em 1 Timóteo 2.2; Romanos 13.3,4; Hebreus 13.17 e 1 Pedro 2.14. Deus condicionou seu apoio às autoridades segundo estas definições e isto é algo que vemos através da história. Ele não se deixa influenciar por elas, mas não obstante as punia quando elas lhe desobedeciam. Faraó foi castigado com pragas; Herodes morreu em agonia devido a sua apostasia. Quantas vezes Deus traspassou a lei civil para livrar seus servos da prisão no livro de Atos?

O cumprimento contínuo da Grande Comissão é nossa tarefa primordial. Esta é a nossa principal chamada, a de maior importância. Por outro lado, Deus começou a usar Samuel, em seguida a Davi com Jônatas para evitar a autoridade espiritual de Saul. Isto porque “deixou de me seguir e não executou as minhas palavras”, Deus retirou dele a sua soberania (1 Sm 15.11; 16.1-3). De acordo com esta base bíblica, as autoridades comunistas não são reconhecidas diante dos olhos de Deus. Contrabandar literatura cristã não é ilegal, porque Deus é nossa autoridade suprema; Ele nos tem comissionado para pregar o Evangelho a toda criatura.

Infelizmente, nós, que estamos no Ocidente, somos inconstantes em nossa maneira de pensar diante do conflito cristão-governamental. Por que aprovamos as transmissões de rádio cristãs e de ondas curtas que transpõem as fronteiras dos países comunistas e fazemos restrições às várias técnicas de “contrabandar” porque as mesmas parecem enganosas? Qual é a diferença entre a palavra impressa e a palavra falada? Quando nossas transmissões de rádio penetram na União Soviética e Cuba são elas legais aos olhos dos comunistas? Assim sendo por que os soviéticos gastam milhões de rublos para instalar sistemas de alta potência para causar interferência nas ondas de transmissão desses países? A terminologia moralista nos pode fazer cair numa armadilha e levar-nos a intelectualizar a situação. No meu entender há ovelhas famintas que não estão sendo saciadas e Jesus está ordenando: “Apascenta as minhas ovelhas”. Tenho informação de que Cuba aceita oficialmente a pílula da religião e logo após a cospe, pela destruição de bíblias. Se o paciente não deseja tomar voluntariamente o remédio, então nós, como médicos muito interessados, devemos usar um método “horripilante, não convencional” que inspira pavor, não só a crianças mas também aos adultos. Temos que dar uma injeção que vá direto à corrente sanguínea.

Ainda que pareça irônico, muitos cristãos e comunistas atacam o contrabando de literatura exatamente sob o mesmo ponto de vista: “Não se deve misturar política com Evangelho”, sustentam eles. “Os crentes deveriam dedicar-se somente à propagação do Evangelho puro”. João Batista perdeu a cabeça somente porque fez uma aplicação do Evangelho à forma pecaminosa como Herodes tomou para esposa a mulher de seu irmão. Estêvão, o primeiro mártir cristão, foi apedrejado, porque, ao pregar o “evangelho puro”, acusou o Sinédrio de haver cometido um assassinato. A luz da verdade brilhou sobre alguns enquanto denunciava a outros. Ela não é uma luz positiva nem negativa. Não é religiosa nem política. Como o refletor e o projetor divino, ela penetra em cada setor de nossas vidas. O mundo não se agrada da sua propagação, porque a luz revela de forma dolorosa as trevas em que vive a humanidade. Não obstante, como filhos da luz, nossa missão é converter o mundo com o clarão da verdade divina. Aos que cumprem essa missão, dedico este livro. Minha história não é a de vitórias de alguém sobre um sistema: é um testemunho do amor inenarrável de Deus, da proteção de Deus, da instrução paciente de Deus no meio de um inferno ideológico.

1

Oito, zero, Julieta... Socorro! Socorro!

A noite caía, enquanto nos aproximávamos da costa cubana, para nossa primeira verificação pelo rádio sobre o território de Punta Alegre. Mel Bailey batalhava para manter a sacolejante avioneta em seu curso, apesar do forte vento que a combatia. Ao começar nossa travessia de 73 quilômetros, forcei a porta traseira da avioneta *Cherokee Seis* a continuar aberta e a travei com pedaços de papelão. Devido à pressão do ar contra a porta, abandonei rapidamente meu complicado plano de deixar cair uma certa quantidade de literatura evangélica cada minuto e simplesmente comecei a trabalhar mais rápido quanto era possível. Nosso intento era sobrevoar a área por 20 minutos. Com muito esforço, e sussurrando uma oração ao Senhor, para que me fizesse agüentar, comecei a cortar as cordas dos pacotes de cinco libras e a lançá-los para baixo. Enquanto isso, Mel estava em dificuldades para comunicar-se com Havana e havia mudado a frequência para falar com Camagüey:

“Centro de Camagüey, aqui é Cherokee Oito, zero, Julieta. Como está o tempo sobre Cuba?”, chamou, perguntando.

“...Zero... Não signif... Temp... Visibilidade...” gaguejou o rádio com interferência.

“Camagüey, nós estamos entrando numa tempestade. Pode dar-nos o seu alcance?”

“Negativo, Oito, Zero, Julieta”, respondeu o controlador de forma inaudível.

“Estamos no seu radar, Camagüey?”

“Negativo, Zero, Julieta”, respondeu a voz.

Talvez a tormenta que se aproximava nos encobrisse em sua tela. Lá embaixo podíamos ver as luzes das casas, os automóveis e as ruas, como pequenas pedras preciosas piscando na escuridão. Seriam encontrados os folhetos? Seriam lidos? Seria plantada nos corações a semente “boa semente” da esperança e do amor de Deus? Não havia como sabê-lo, mas, apesar de sua turbulência, o vento era um grande benefício dentro do plano de Deus. Estávamos muito perto de receber as respostas para nossas perguntas.

Havíamos alcançado a costa sul-ocidental de Cuba, cruzando pelo ponto de averiguação radial denominado Simone Reyes. Este era um ponto de saída; alguns momentos antes de deixar de sobrevoar aquela área, deixei cair o último pacote de literatura.

- Já joguei todos os folhetos, gritei a Mel em tom triunfante.

- Aleluia!, disse ele, agitando alegremente o braço direito.

- Hosana! Graças ao Senhor! disse eu, sorrindo.

A avioneta sacolejava terrivelmente, enquanto nos aproximávamos da tormenta em nosso trajeto para o sul, a Jamaica. Comecei a limpar o chão das cordas, papéis e pedaços de couro que se achavam espalhados. Sentado na cauda senti vontade de vomitar, devido ao balanço. “Está bem, Senhor”, pensei eu, “se tudo o que a situação exige é uma pequena indisposição, pode incluí-la no meu trabalho”. Mel pilotava em zig-zag e a avioneta relinchava como um potro selvagem, entre relâmpagos, vento e trovões. Passando finalmente para o banco do co-piloto, eu me apercebi do quanto era grave a nossa situação. Agora estávamos nos comunicando com Kingston.

- Oito, Zero, Julieta, vocês têm DME?

- Negativo, Kingston, respondeu Mel. Vocês têm radar?

- Negativo, Oito, Zero, Julieta.

- Como está o tempo em Montego Bay, Kingston? - gritou

Mel.

Mais adiante eu podia ver a tempestade entre nós e a Jamaica. O Centro de Controle anterior nos transferiu para o de Montego Bay, mas este tão pouco podia nos ajudar. Mel virou o avião para a esquerda, para passar ao lado da tormenta. O VOR número dois (um sobressalente de navegação aérea) estava parado e não se podia confiar no número um. Nosso ADF (aparelho para achar a

direção automaticamente) tinha seu ponteiro girando sem governo. Diante de nós surgiu o que parecia ser uma ilha e Mel comprimiu o botão para falar ao microfone.

- Controle de aproximação de Montego, Oito, Zero, Julieta. Jamaica possivelmente a vista. Nossos VORs funcionam mal.

- Roger, Oito, Zero, Julieta, estamos iluminando as balizas da pista de aterrissagem. Podem nos ver?

- Negativo.

Mel e eu nos encurvamos para a frente, bem perto do pára-brisa, sondando meticulosamente na noite negra e chuvosa. Não vimos a pista. Calmamente a torre nos instruiu.

- Acenda suas luzes de aterrissagem, Oito, Zero, Julieta.

Mel deu um toque no interruptor. Aceso, apagado, aceso, apagado, aceso de novo. "Pode nos ver, Montego?" - sua voz refletia uma tensão crescente.

- Negativo, Oito, Zero, Julieta.

O barulhento motor continuava chupando preciosas gotas de gasolina. Os quatro medidores de combustível estavam colocados diretamente à minha frente. Dois dos ponteiros vermelhos estavam parados na palavra *vazio*. Os outros se aproximavam perigosamente do mesmo nível.

De repente, vimos uma mancha de luz debaixo da nossa asa esquerda. Seria a Jamaica? Se era, estávamos passando por ela e saindo para mar aberto. Tínhamos bolsas salva-vidas e equipamentos de socorro, mas fazer uma descida forçada naquela noite em mares tormentosos seria suicídio. Debaixo de tal pressão e incerteza, giramos a nave para a esquerda e nos dirigimos como uma mariposa atraída pela luz.

Subitamente, o motor fez um ruído desconexo e parou. Outro ponteiro se moveu para indicar *vazio*. Instintivamente, Mel ligou o quarto tanque e o motor voltou a funcionar. Dei-lhe um piparote, olhando com preocupação a Mel que pegou novamente o microfone.

- Montego, estamos nos dirigindo para a luz. O nosso combustível está praticamente no fim.

- Roger, Oito, Zero, Julieta. Continuamos acendendo e apagando as luzes da pista. Enviaremos um carro de bombeiros para o final da mesma. Procure ver sua luz de emergência. Está nos entendendo?

- Afirmativo, Montego.

- Oito, Zero, Julieta. Quando chegar à ilha siga a linha da costa. Assim poderá achar o aeroporto. Pode descer a mil metros.

Sobrevoando o litoral nos esforçamos para localizar a luz de emergência. Tudo o que podíamos ver eram pequenas aldeias, vilarejos. Suas fileiras de pequenas luzes ao largo da costa pareciam um colar.

- Oito, Zero, Julieta - a voz do controlador se desvanecia misturada à estática - vê o caminhão de bombeiros?

- Negativo, Montego - respondeu Mel lugubrememente, enquanto lutava com os controles - e temos combustível apenas para cinco minutos.

- Oito, Zero, Julieta, por favor acenda e apague suas luzes de aterrissagem outra vez.

Nossas luzes, um pequeno clarão no céu escuro, acendiam-se e apagavam-se alternadamente diante dos olhos que não nos viam enquanto voávamos acima e abaixo pela costa. Algumas vezes o rádio que parecia castigado pela estática disparou estrepitosamente e parou de repente, ao mesmo tempo que uma faixa de luz zigzagueava à nossa frente.

- Aterrissemos naquela estrada! Rápido! - disse eu, enquanto apontava para os indicadores de combustível. O motor já havia parado três vezes, devido aos três tanques vazios. Estávamos tão baixo que era possível ver gente olhando para cima na avenida costeira. Naturalmente eles tinham notado que a nossa avioneta estava com problemas.

- Aterrisar naquela estrada? Veja quanta gente está lá embaixo, gritou Mel, cheio de assombro.

- Eles sairão do caminho! - gritei freneticamente. Ou aterrissamos, ou nos espatifamos.

Orei fervorosamente, enquanto Mel fazia uma volta bem baixa tentando esvaziar a estrada. Pensando que podia, porém, transmitir pelo rádio, sintonizou a frequência de emergência: "SOS! SOS! SOS! Cherokee Cinco, Cinco, Oito, Zero Julieta, SOS!"

Com a mão novamente no acelerador, Mel diminuiu a potência e se colocou alinhado com a estrada para procurar uma aterrissagem perfeita. Passou abaixo das luzes e tentou tocar a terra um pouco além de uma vagoneta que estava estacionada à direita. Enquanto Mel punha o nariz da avioneta em posição de aterrissagem,

perdeu de vista o veículo. Levantei minhas mãos para adverti-lo, mas já era demasiado tarde. Com os braços protegendo o rosto pronunciei em voz baixa o nome mais poderoso que há sobre a terra - JESUS, ao mesmo tempo que esbarrávamos na vagoneta a uma velocidade de 120 quilômetros por hora.

As rodas estavam, entretanto, a uns trinta centímetros do chão no momento do impacto e a asa direita se deslocou a pouca distância do meu ombro, a avioneta girou dando pequenas voltas e rodando por quase meio quilômetro da rodovia, antes que a outra asa se soltasse. Parte do parabrisa dianteiro foi arrancado, enquanto reviramos de pernas para o ar deslizando e voltando à posição normal.

- Vamos sair, vamos sair - gritou Mel, temendo que houvesse um incêndio. Arrancando bruscamente o cinto de segurança, empurrei a porta para abri-la e nos metemos na calorosa noite tropical. Rapidamente fomos rodeados por vozes que falavam animadamente em espanhol. Horrorizado olhei para Mel.

- Aqui não é a Jamaica. É Cuba.

Era uma e vinte da manhã de 27 de maio de 1979, o dia do aniversário de minha esposa. Por um momento desejei estar em casa, em Glendale, Califórnia, para ficar junto dela, tocá-la.

Nosso espetáculo aeronáutico havia acontecido à frente dos quartéis gerais da polícia denominada G-2; uma motocicleta de fabricação russa, com seu pequeno reboque ao lado, roncou no meio da multidão. Mel e eu fomos colocados nele e levados rapidamente pelas ruas de Manzanillo, uma cidade costeira na província que antes era denominada Oriente. Tivemos pouco tempo para conversar um com o outro. Enquanto avançávamos na moto, roncando pelas ruas, com o vento batendo em nossos rostos, eu simplesmente agradecia por estar vivo e em solo firme sem mais enjôo causado pelos movimentos da nave enquanto voávamos. E pensei: "Entrega o teu caminho ao Senhor. Confia nele".

Paramos defronte a um edifício quase ruindo e fomos levados para o interior do mesmo; era um hospital. Estávamos sendo tratados como turistas, porque os cubanos não se haviam dado conta da nossa nacionalidade. Sentamo-nos numa saleta para ser interrogados, estando Mel exatamente à minha frente. Ao tirarmos nossos coletes salva-vidas verificamos que não havia ferimentos em nosso corpo e demos graças pela proteção divina. Nenhum ferimento.

Sorrindo feliz, eu disse para Mel que o rei do Universo estava agindo em nosso favor. E ele continuava conosco ali em Cuba.

As entradas do edifício estavam cheias de gente quando saímos. “É estranho”, disse comigo mesmo. “Por que haverá tanta gente esperando consulta às duas horas da madrugada?” Mais tarde nos demos conta que estavam ali para nos observar.

Já fora, fomos acompanhados até um carro russo e levados através da cidade. Um dos passageiros que estava no banco da frente estava lendo um panfleto. Algumas centenas de prospectos evangélicos permaneceram presas à cauda da nave e durante o acidente se haviam esparramado por toda a avenida. Estremeci ao pensar que o homem pudesse estar lendo um deles. Paramos numa pequena casa para esperar os oficiais de imigração e a G-2. Enquanto esperava, escrevi o nome e o endereço de minha esposa num pedaço de papel e tentei entregá-lo a uma mulher que estava na cozinha, julgando que aquela fosse a única oportunidade que teria de contatar com minha família.

- Por favor, senhora, envie isto à minha esposa, roguei.

Ela levantou as suas mãos como se estivesse sendo atacada; seus olhos se arregalaram de medo.

- Não vou enviar coisa alguma, disse temerosa.

- Por favor, insisti.

- Não! Não! Nada de mal vai lhe acontecer.

- Pelo amor de Deus, por favor, pegue isto, exigi.

Ela baixou os olhos e sacudiu a cabeça. Eu voltei meio assustado ao lugar de espera. Levaram-nos para a sala de imigração e fomos interrogados detalhadamente por uns oito oficiais.

- Para onde se dirigiam?

Mel e eu nos assentamos num sofá, cara a cara com eles.

- Íamos a Montego Bay, mas nos perdemos na tempestade, respondeu Mel com tranqüilidade.

- Então quer dizer que iam à Jamaica para passar o fim de semana como turistas, hein? - disse em tom de ironia um homem de bigodes que estava atrás de uma escrivania. Pegou um dos evangelhos plastificados e sorriu, soprando uma espessa baforada de fumaça do cigarro.

- Então alguns destes caíram por casualidade do avião durante a viagem, enquanto voavam, não?

Dirigi meu olhar para um homem que estava junto da parede

do outro lado da sala. Usava um uniforme militar de cor verde e falava austeramente ao telefone com Havana, descrevendo o folheto que tinha nas mãos.

Senti um calafrio só em pensar que poderíamos ficar em Cuba por muito tempo. Os guardas me levaram para um salão de espera no andar de baixo, enquanto Mel era interrogado por mais tempo. Sentindo-me cansado, coloquei a cabeça sobre a mesa e tentei dormir. Depois de alguns momentos em que havia fechado os olhos, ouvi um rugido de leão. Um leão em Cuba? O rugido se fez ouvir novamente. Levantei minha cabeça e perguntei ao guarda:

- Há algum zoológico aqui por perto?

Ele fez que sim com a cabeça; eu baixei novamente a minha e sorri. Daniel... Ele teve alguns conflitos com o governo, mas Deus estava com ele. Também pensei no meu filho Daniel. O Daniel bíblico tinha uma conduta impecável e respeitava a autoridade civil, mesmo quando essa autoridade invadia o território de Deus. Daniel obedecia a Deus antes que aos homens. Nesse momento o testemunho do profeta me enchia de coragem.

Fomos mantidos separados quando os cubanos se inteiraram de que éramos mais que simplesmente turistas; a polícia nos conduziu em veículos diferentes até um pequeno aeroporto para onde nossa acidentada avioneta fora levada num caminhão. Os restos da fuselagem foram colocados num pátio por um reboque e ao vê-los nos maravilhamos mais uma vez ao pensar na extraordinária graça de Deus. Enquanto os agentes examinavam a avioneta e seu conteúdo, sentei-me no chão e me apoiei contra uma viga de aço, tentando dormir um pouco mais. Mas os mosquitos não me permitiam. Comecei a espantá-los, dando palmadas no ar frio e úmido, mas eram muitos e atacavam implacavelmente.

Penalizado por mim, um guarda veio e me permitiu sentar-me num carrinho atrelado a uma motocicleta policial. Era meio baixo e tinha um rosto bronzeado e curtido. Suas orelhas eram salientes e apareciam debaixo do gorro militar. Era um homem simples e tinha um sorriso aberto. Vez em quando passava os dedos gordos e calosos pelo rosto para espantar o sono e seus olhos avermelhados.

- Sabia que há um Deus e que Ele o ama? - perguntei com calma. Ele sacudiu a mão como se fosse arrojá-la para longe daquelas palavras e murmurou:

- A ciência já provou que viemos da ameba, de um molusco.

- Mas, você não tem olhado o rosto de seu filho e se tem maravilhado diante do milagre da semelhança dele com você, dos milhares de células que chegaram a formar um nariz e dois olhos que olham como os seus?

- Hah! Os filhos são somente um produto sexual, grunhi ele, e olhando furtivamente para os outros guardas, colocou um dedo sobre os lábios em sinal de silêncio. Pensei então que ele não queria parecer amigável comigo diante dos outros. Mas resolvi orar mais decididamente por ele.

Enquanto isso, Mel estava explicando os diferentes usos do equipamento de salvamento ou sobrevivência, o qual estava agora espalhado no cimento e ao redor da fuselagem danificada do Cherokee sem asas. Muitos policiais curiosos, G-2, e guardas rurais se juntaram à volta dele. Outros poucos oficiais revistavam os papéis que tínhamos a bordo.

- Este é um transmissor localizador de emergência - disse Mel com um certo tom de cântico; eles se agruparam em volta das caixas e pacotes que tinham aparência suspeita, com expressões variadas de respeito, medo e prazer. Um guarda carregava seu rifle russo de campanha como se fosse um brinquedo. Alguns destes guardas me fizeram lembrar das histórias que ouvira acerca das primeiras visitas dos índios *Aucas* a Nate Saint naquela praia do Equador. Aproximei-me de Mel enquanto ironizava os seus expectadores.

- Vejam, disse Mel, sorrindo. Somente nos sobrou um rádio e está amarrado ao nosso equipamento. Se houvéssemos caído no mar, o melhor que Tom poderia ter feito era nadar juntamente comigo.

Um pouco mais relaxado, pensei: “Como pode esta gente ser perigosa?” Eu me fazia esta pergunta, um pouco esperançado. Julgava que poderíamos ser soltos dentro em breve como turistas.

Enquanto o sol despontava lentamente, vi alguns caminhões cheios de homens velhos e mulheres jovens trafegando em direção aos canaviais. Era manhã de domingo. Pensei: “Serão estes os *voluntários* de que tenho ouvido falar, que são recolhidos nas igrejas e postos a trabalhar?”

Deixaram que dormíssemos algumas horas, antes de sermos levados de novo ao lugar do acidente. Nossa escolta parou no lugar

onde havíamos chocado e nos mostraram quanto havíamos deslizado e revirado. Uns dez estudantes primários nos rodeavam curiosos. Passei a mão sobre os cabelos crespos de um deles e me perguntei se algum dia alguns daqueles meninos ouviriam falar de Jesus como Salvador.

Ao regressar ao hotel para comer, tive meu primeiro encontro com a incongruência do comunismo. Ao sentarmos à mesa, alguém trouxe o cardápio. À esquerda, a lista de comidas estava sobre um papel amassado e sujo. Apresentavam poucas opções - muito pobres - que consistiam na maior parte de arroz. Do lado direito estava uma folha de papel limpo. Nele havia uma lista oferecendo galeto, costeletas de porco e postas de peixe frito. Naturalmente aquela lista havia sido colocada ali para nosso benefício. Um dos guardas que nos escoltavam, visivelmente satisfeito por poder pedir costeletas, comeu como se estivesse comemorando o dia de Ação de Graças e o Natal ao mesmo tempo. Mais tarde soubemos que havia pouca carne disponível para as pessoas comuns. Durante o tempo em que estivemos ali, houve protestos e demonstrações em toda ilha, em parte devido à escassez de comida.

Depois do almoço nos imprensaram num pequeno Alfa-Romeu com alguns policiais; um guarda sentou-se entre Mel e eu e fomos proibidos de conversar. O carro arrancou barulhento, os pneus rangendo nas curvas a grande velocidade, enquanto deixávamos Manzanillo, uma cidade pobre. A última recordação que tenho do povo é de uma janela de uma cabana em cujo interior havia um vestido pendurado e algumas maçãs de plástico. Ainda que havia perdido meus óculos no acidente, mesmo assim me foi possível ver a pobreza.

O motorista acelerou o carro ao máximo, enquanto percorremos uma distância de uns 130 quilômetros que era o que nos separava de Holguin. Eu ouvira a palavra avião e efetivamente nos dirigíamos a um aeroporto. Do veículo saímos em disparada em direção a umas portas que estavam abertas no aeroporto e por elas chegamos a uma escadinha de um *Yak-40*, feito na Rússia e propriedade da empresa comercial cubana. Mel e eu entramos no avião, cada um escoltado por um guarda G-2. Depois de apertar o cinto de segurança, olhei para a parte de trás destinada a passageiros. Vi Mel assentado atrás e meio irônico falei: “Está parecendo que o avião é nosso”. Mas logo depois outros passageiros entraram no avião

olhando-nos com curiosidade. Por nossa causa tiveram que esperar o vôo normal por mais de duas horas. Admirei-me de que ninguém se queixasse. Neste sistema totalitário, ninguém se atreve a resmungar, enquanto a polícia está por perto. Posso imaginar o que os passageiros de uma linha aérea estadunidense diriam a alguém que atrasasse seu vôo por tanto tempo, desde que a liberdade de expressão garante o direito de queixar-se.

Enquanto voávamos em direção a Havana, um casal sentou-se à minha frente e me pareceu que eram noivos, tal a liberdade com que demonstravam o afeto que sentiam um pelo outro. Em certo momento o homem sussurrou algo para a mulher e ambos riram demoradamente. Foi nesse momento que me senti tão longe de minha preciosa esposa, sozinha em casa, sem saber o que me estava acontecendo. Minha cabeça se inclinou contra a janela e orei por Ofélia e as crianças. Os contornos da Baía de Havana apareceram lá embaixo; por não ter meus óculos me era impossível certificar-me dos pequenos detalhes da cidade. Entretanto, meus pensamentos se voltaram para nossos folhetos contendo a Palavra de Deus: “Um lugar especial para se despejar literatura!”

Por fim, aterrissamos com a dura realidade da situação nos despertando, ao sermos algemados e levados aos quartéis da G-2. Conduzidos por um portão, com muralhas altíssimas, cercas feitas de correntes e arame farpado, entramos no que fora antes a Vila Marista, um monastério católico. Este lugar havia sido convertido nos quartéis gerais para interrogatório da G-2, a polícia de segurança interna, a polícia política. Muitos deles são “secretos”, ou vestidos à paisana. Ao ver a transformação deste edifício, percebi uma manifestação física da guerra espiritual que Satanás trava contra a Igreja. Lembrei-me da leitura da poesia diabólica e de magia negra escrita por Marx, quando era apenas um estudante universitário. As celas deste edifício, que eram usadas antes para a oração, tinham agora a finalidade de abrigar a tortura e o massacre dos presos. Fizeram-nos despirmos e registraram detalhadamente nossos corpos, enviando-nos depois ao segundo andar para recebermos coletes amarelos sem mangas que antes haviam servido como uniforme das tropas de Batista. Fui colocado na cela 44 e Mel na de número 60. O que eu mais desejava era dormir. Deitei-me sobre um colchão duro e encaroçado, deformado, que cobria uma tábua presa à parede por uma corrente; rolei de um lado para outro, tentando

conciliar o sono mas não me foi possível; meu corpo não estava acostumado a tanta dureza. Eu começava então a perceber que Deus me queria em Cuba. Nosso acidente, algo incomum para nós, não era incomum do ponto de vista de Deus. Mas, por quê? Que benefício poderia resultar do fato de eu estar apodrecendo num distante cárcere comunista? O que haveria acontecido com os folhetos e panfletos que havíamos deixado cair? Minha mente retratou momentos anteriores mais felizes numa pequena ilha do Caribe, longe daquela cela escura e solitária.

Pão sobre Águas Turbulentas

Grã Caimã é uma ilha pequena, pitoresca, com palmeiras que se balançam ao vento e praias brancas rodeadas de águas tão claras como o cristal. A lembrança de sua população unida com base num sistema de famílias de rostos tranqüilos e sorridentes me trouxe ânimo, enquanto ali estava com as costelas doendo, deitado naquele catre da cela 44. Pensei no meu pequeno apartamento ao longe, que se havia convertido em depósito de bolsas de plástico, cilindros de papel e goma de mascar, tudo isto desde o começo de minhas aventuras de contrabando. Vários cristãos, incluindo um companheiro que era professor, chamado Arturo Manchester, e uns poucos estudantes consagrados, se uniram a mim aos sábados para empacotar panfletos sobre o Evangelho o que fazíamos em grupo. Empacotávamos a literatura junto com um cilindro e uma pequena barra de goma de mascar e logo fechávamos as bolsas com lacre. A goma de mascar atrairia as crianças ou adultos que estivessem na praia e os induziria a abrir o pacote e retirar a literatura. Os cilindros eram para manter o pacote flutuando.

Em certo país, os cristãos patrulham as praias, procurando este tipo de literatura. Seria diferente em Cuba? Seria vão o nosso plano de deixar cair o Evangelho no mar? No inverno de 1972, estávamos prontos a conhecer as respostas a todas estas perguntas.

Embalamos os 50 mil pacotes em grandes bolsas de plástico, destas que se usa para empacotar lixo e os levamos para bordo de um barco no porto de Georgetown. A noite estava clara e a lua bailava alegremente sobre a água, enquanto levantávamos âncora

e zarpávamos. Os edifícios brancos e baixos, usados para escritórios, pareciam afastar-se, enquanto nós deslizávamos sobre um mar calmo. Ao mesmo tempo, a ilha foi tomando a forma de uma torta, do tamanho de um cartão sobre o horizonte. De repente estávamos sós.

Observando esta cena do teto da cabine de comando da embarcação, terminei meu enorme sanduíche de salsicha e queijo e me deitei a contemplar as estrelas; era minha primeira viagem por mar. “Não está mal, não está mal”, pensei, ouvindo o roncar constante dos motores. “É maravilhoso”. Embaixo, três irmãos cristãos também estavam comendo e rindo com a tripulação.

O capitão Alfred Eaton estabelecera um curso paralelo a Cuba, permanecendo cuidadosamente em águas internacionais mar a dentro a uns 20 quilômetros da costa. Não chegaríamos à área de onde deixaríamos cair a literatura, senão até a manhã seguinte. Tudo parecia perfeito. Estava quase dormindo sob a calorosa noite do Caribe, quando o barco começou a sacudir, entrando em águas tempestuosas do agitado mar; o vapor e a espuma das ondas passavam sobre mim a uns oito metros do nível normal das águas.

Descendo rapidamente, fiquei sabendo que fomos atingidos pelo vento noroeste, o que era uma tempestade comum naquela época do ano. Dentro de trinta minutos, todos nós, marinheiros de água doce, estávamos enjoados; em poucas horas a tripulação também estava. O capitão e Arturo foram os únicos que montaram aquele cavalo selvagem sem ter sintomas de enjôo.

O barco permaneceu na tormenta por toda a noite, montando a crista das ondas turbulentas e batendo contra as partes baixas das mesmas. Fomos cambaleando em ritmo brusco, mas constante; em todas as camas havia um homem doente. Eu me joguei sobre um banco de madeira que estava pregado à parede junto à mesa da cozinha. Vomitava mais ou menos a cada dez minutos. Depois de quatro a cinco horas, Arturo veio tropeçando até a cozinha.

- O capitão quer saber se deseja voltar, disse ele, enquanto se agarrava à mesa. - Ele disse que provavelmente teremos esse tempo pelo resto da viagem. Deseja saber o que fazer.

Lentamente, consegui sentar-me, tonteando de novo, enquanto o olhava. Grandes dúvidas me assaltaram naquele momento: “Isto é uma loucura. Sou eu Jonas numa missão obstinada e sem fruto? É provável que isto não venha a dar certo. Mas estamos na metade do caminho para o nosso alvo e também a minha fé me manda conti-

nuar.” Embora não me sentisse exatamente como um herói, balancei a cabeça e consegui dizer simplesmente *não* e continuamos a sofrer sacudidelas e empurrões, enquanto o barco saltava sobre as ondas.

Pela manhã, a tormenta havia cessado e estávamos já perto da área de onde despejaríamos a literatura. Decidimos deixar uma linha de evangelhos a uns oitenta quilômetros, jogando maior quantidade no final da viagem. Sentei-me à frente e comecei a atirar pacotes ao mar, orando para que o Senhor, em quem eu criara ter-nos inspirado este esforço, abençoasse este pequeno sacrifício e o usasse para glória do seu nome. Arturo e Roberto Johnson vieram até mais perto e começaram a jogar quantidades maiores. Era fácil rasgar as caixas e as bolsas para abri-las ao levantá-las sobre o corrimão do barco. Milhares de pacotes foram jogados, ondulando e deixando uma esteira branca atrás de nós. O vento que nos fizera passar tão mal à noite, agora movia a literatura formando uma espécie de desenho ampliado. O convés estava liso e escorregadio. Devido às ondas, balançávamos e caíamos, mas nos ajeitamos da melhor maneira para jogar todos os impressos.

Não podíamos ver Cuba. Era um dia nublado e estávamos a uns vinte e dois quilômetros da costa, mas por meio do radar e dos equipamentos de navegação *Loran*, conhecíamos nossa posição. Pobre Federico Pritchard, o terceiro irmão que nos estava ajudando. Ele jamais pôde levantar-se da cama durante a viagem. Eu definitivamente compreendia o que ele estava passando. Depois de jogar toda a literatura, demos a volta e nos arriamos na cama do capitão por outras trinta e seis horas, levantando-nos, em pequenos intervalos, para beber água. Durante a viagem de regresso, um petroleiro, que estava em águas cubanas, nos localizou e veio até nós como se quisesse nos abalroar. Ao passar tão perto, por cautela, dentro de águas cubanas, eles evidentemente temiam que nós fôssemos cubanos; nós, pelo contrário, temíamos que eles tivessem intenções hostis, uma vez que não tinham bandeiras e recusavam comunicar-se pelo rádio. Sua enorme proa, cortando as ondas no meio do mar aproximou-se demais, a uns novecentos metros. Nosso capitão carregou seu rifle 30-30 como último recurso, ainda que seria inútil contra aquela montanha de aço. Mas tudo não passou de curiosidade de ambas as partes; o tanque passou um pouco atrás de nós; ficamos alegres de ver de novo Georgetown. Uns poucos meses mais tarde,

trinta e seis refugiados cubanos, viajando num bote pesqueiro, buscaram abrigo em Grã Caimã. Foram procurados por alguns aviões militares cubanos que iluminavam a noite com fogos de artifício, fazendo sinais, mas chegaram a salvo. Dirigi-me à casa de praia que o governo de Caimã nos havia emprestado. Tubal, um professor de espanhol num curso secundário, que era meu intérprete, correu comigo até à pequena casa de madeira que ficava logo depois da praia. Os refugiados estavam sentados nas camas e sobre uma mesa de bilhar em grupos de dois ou três, e se mostravam cansados e nervosos.

- Deus os abençõe, saudei-os, com a ajuda de Tubal. Poderiam responder-me algumas perguntas? Eles assentiram com movimentos de cabeça e nos convidaram a sentar.

- Estou interessado em saber algo sobre a vida dos cristãos em Cuba. Podem dizer-nos algo a respeito?

Uma jovem alta, meio magra e de cabelos negros, que se chamava Lucia Reyes, caminhou até a mesa onde estávamos sentados.

- Em minha igreja intentamos organizar um culto de mocidade, mas as autoridades sempre nos importunavam.

- Como assim? - perguntei. Por acaso eles apedrejavam a congregação?

- Não, disse ela. Mas cada vez que começávamos o culto, um caminhão grande parava à porta do templo; os militares se postavam à entrada, solicitando voluntários para cortar cana. Rapidamente compreendemos que eles somente nos queriam como voluntários, quando nos reuníamos para falar do Evangelho. Todos éramos obrigados a ir, ou seríamos considerados antipatriotas.

Acabando de falar, a moça correu para o lugar onde estivera, apertando nervosamente as mãos.

Um homem baixinho e gordo, de bigode e de óculos, veio mais perto, tomando a mesma iniciativa. Começou a despejar improperios, como se eles estivessem retidos há muito tempo.

- Eu tenho experimentado a falsa liberdade de culto que há em Cuba. A liberdade do governo comunista de Castro é fechar todas as igrejas que há no país.

Este homem era o dr. Enrique Alvarez, que estava respirando aliviado por poder, finalmente, externar tudo o que estava retido. "A única religião é Fidel Castro, Fidel, Fidel. Isso é tudo o que se ouve. Nada mais."

- Agora é impossível ter uma Bíblia - disse bruscamente um outro refugiado, esfregando os olhos. Apoiou-se contra a parede e continuou: "Tudo está caindo aos pedaços; a literatura, as igrejas, tudo está caindo aos pedaços!

- Olhem - respondi com esperança. Fizemos uma viagem em um barco pesqueiro há poucos meses; estivemos aqui. (Desenhei um mapa tosco num pedaço de papel.) Viram alguma literatura empacotada em sacos de plástico?

Olhei em volta da sala suja e escura aquelas figuras desoladas, esperando pelo menos um sorriso, ou sinal de reconhecimento, um movimento de cabeça. Mas não. Eles não tinham visto nada. Passariam sete anos antes que eu tivesse qualquer notícia.

Na primavera de 1973, durante as férias da Páscoa, voei até São José da Costa Rica com alguns dos estudantes da nossa classe de espanhol na Escola Triple C, onde eu ensinava. Nesse tempo eu não falava nem uma palavra do idioma, mas fui para ajudar como acompanhante do grupo. Uma noite, durante um culto, numa casa que ficava ao pé das montanhas, conheci Ofélia. Depois do culto dei meu endereço a algumas de suas irmãs que desejavam escrever-me. Ela estava em silêncio, parada e recostada contra a parede da cozinha, sorrindo. Senti um sobressalto. Na manhã seguinte, despreocupado, porque havia professores suficientes para cuidar do grupo, tomei o primeiro ônibus para São José, voltando às montanhas, minha recém encontrada amiga e eu não podíamos entender, mas há tantas formas de expressão. Sentados na grande varanda ao sol a pino, pegamos nossas bíblias e começamos a "falar" um com o outro. Nos primeiros dias ficamos entre Salmos e Provérbios. Levávamos nossas bíblias nos ônibus a qualquer lugar que fôssemos. A compaixão, ternura e pureza do Espírito de Cristo que habitava nela, testificavam ao Jesus que estava em mim. Quase ao final daquela indescritível semana, enquanto o Espírito de Deus ia confirmando algumas coisas em nossos corações, lemos porções da maravilhosa poesia de amor externada no livro de Cantares. Às vezes, era tão divertido. Seu pai, um cristão sincero, subia às vezes até onde estávamos e eu, envergonhado, parava de ler. Ele sorria, fazendo graça e dizia-me zombando:

- Não pare de ler.

Eu visitava a oficina onde ela trabalhava como costureira e me sentava junto da máquina, ao lado dela, ignorando o riso

brincalhão de suas amigas. Depois de nossa primeira semana, sem grande progresso, regressei a Grã Caimã. Trocamos cartas durante sete meses - mais de cem cartas cada um. Quando fiquei sabendo que uma de suas amigas traduzia minhas cartas para ela, comecei a fazer esforço para escrever em espanhol. Eu imaginava que o pequeno vale onde sua família vivia há mais de trezentos anos se alegrava de saber das expressões românticas enviadas cada dia por um norte-americano apaixonado.

Os missionários da cidade nos recomendaram muito bem um ao outro; com este estímulo e confiando no Senhor, planejamos o casamento para dezembro de 1973. Ela havia visitado Grã Caimã uma vez com sua irmã; passaram-se várias semanas. Eu já a havia visitado em sua casa.

Lembro-me daquela manhã quando atravessei o rio que passava ao lado da sua casa, e fui até onde seu pai estava trabalhando no Lar do Bom Samaritano, um asilo para idosos, um lugar de descanso. Sua mãe era a diretora do estabelecimento. Eu pensava em pedir-lhe consentimento para casar-me com sua filha. Por várias vezes pratiquei o meu discurso, enquanto andava nervosamente de um lado para outro. No meu praticamente inexistente espanhol, procuraria dizer-lhe que sua filha precisaria afastar-se deles, para fora de Costa Rica a uma ilha distante da família. Agora, relembro os tempos idos, estou certo de que ele sabia porque eu atravessava aquela ponte naquele momento. Talvez toda a comunidade soubesse. À sombra de uma árvore começamos a conversa que durou apenas alguns minutos. Com nosso limitado vocabulário a conversa precisava ser definitivamente "curta". Francisco, o Pancho, como o chamavam, era um dedicado servo do Senhor, e eu me senti à vontade para realizar o meu intento. Se ele me dissesse que não, certamente não seria algo doloroso, um grande choque. Depois de expor meus desejos de forma quase brusca, ele sorriu tranquilamente e disse:

- Ainda que Ofélia estará longe de nós e de sua mãe sei que estará nas mãos do Senhor.

Ele continuou falando, mas na ocasião era tudo o que eu podia entender; apertei sua mão e dei graças a Deus pela bondade do seu coração.

Anos antes ele havia ajudado a uns cristãos menonitas a construir aquele ancianato. Anteriormente havia sido um dos homens mais ricos do vale, mas a bebida e o esbanjamento levaram toda a

sua riqueza. Um crente lhe deu uma Bíblia e ele decidiu lê-la “de capa a capa”, antes de entregar seu coração a Cristo, aceitando-o como seu Salvador pessoal. Quando, por fim, fez sua decisão trouxe toda a família aos pés de Jesus e agora tinha um ministério como pastor. E passou a ser o exemplo do seguinte pensamento: “Um homem rico nunca está satisfeito, mas um homem satisfeito é sempre rico”.

No verão de 1973, resolvi fazer uma ou mais viagens de barco e comecei a preparar cem mil pacotes. Não era porém o momento de colher frutos; Deus parecia estar dizendo: “Continua semeando”. Preparei pacotes durante os longos e calorosos dias de junho e julho com a ajuda mais uma vez de alguns estudantes fiéis. Eram eles, Roy, Stan, Kim, os Reynolds e outros. Sabendo que as correntes oceânicas têm suas mudanças estacionais, planejei regressar à mesma localidade, mas com um planejamento diferente. Ao nos aproximarmos do lugar indicado soube que o pescueiro não estava disponível. Que devia fazer? Enquanto fechava os pacotes, orava para encontrar uma saída. Ouvindo meus rogos, o Senhor me enviou um piloto crente, Carlton Bodden, que se prontificou a voar comigo sobre Cuba, usando o corredor estabelecido para as Bahamas. Eu deixaria cair apenas a metade da carga antes de cruzar a costa Sudeste e a outra metade eu jogaria depois de passar à costa Noroeste.

No domingo, 12 de agosto, pela manhã, bem cedo, Carlton e eu deixamos Grã Caimã num bimotor *Beechcraft D 18*; os dez assentos haviam sido tirados para dar lugar à carga. Levávamos 40 bolsas grandes de plástico contendo mais ou menos uns setenta mil folhetos fechados também em plástico. Lotavam o compartimento que estava destinado originalmente aos passageiros. Deixamos os outros trinta mil para uma nova distribuição, futuramente.

À medida que Carlton fazia rodar o aparelho pela pista, eu me arrastava por entre as bolsas até a janela de emergência. A voz do operador da torre de contato de Grã Caimã estalou através do rádio.

- Pista desimpedida para decolagem em direção ao aeroporto de Congo Town nas Bahamas; suba e mantenha-se a dois mil metros.

Carlton empurrou lentamente os aceleradores para a frente e o rugido de dois motores *Pratt & Whitney* encheu a cabine. Eu me levantei e dei um puxão na alavanca para abrir a janela de emergência. O vento me arrancou a camisa, enquanto eu via passar

à grande velocidade as vacas e palmeiras; decolamos e começamos a subir. As leis para a aeronavegação em Cuba exigiam uma habilitação anterior ao vôo de maneira que eles já sabiam que íamos para lá.

- Boiadeiros, aqui é Beech Nove, Sete, Nove, Zero, Zulu, câmbio, chamou Carlton ao controle de Havana. Não houve resposta. Deu uma olhadela no aparelho de rádio e constatou a frequência. Estava certa: 126.9.

Ele repetiu a chamada. Nenhuma resposta ainda. Ele fez o avião girar num largo círculo enquanto esperava a permissão para atravessar. Durante dez minutos tentou falar com Havana, sem conseguir. O que estaria acontecendo? Saberiam eles que estávamos voando em círculo? Fariam algo em nosso favor? Olhei ao longe o horizonte, o mar e tudo o que podia ver era um céu azul brilhante e o mar do Caribe verde-turquesa salpicado de ilhotas longe da costa Sul. Finalmente, ouviu-se no rádio a voz quase imperceptível do controlador de Havana: "Nove, Zero, Zulu, dirija-se à baliza de Simone, conforme seu pedido".

Tomamos a trajetória horizontal e nos dirigimos para a ilha que ficava a uns 40 quilômetros. Comecei a deixar cair literatura através da janela de emergência que estava aberta; as bolsas plásticas de lixo abriam-se facilmente com o vento de 225 quilômetros por hora, depois que eu as rasgava um pouquinho. A metade da carga caiu nesta área, antes que nos aproximássemos da costa. Chegando-me a Carlton, na cabine, apertei o cinto de segurança e descansei. Agora podia ver claramente lá em baixo a fumaça dos engenhos açucareiros e a área rural da província de Camagüey. Carlton falava vez em quando com os controladores de tráfico aéreo cubanos, para mantê-los informados sobre a nossa posição.

De repente, ouvimos um grande barulho de vento no interior. Olhando para trás, vi que a grande porta traseira se abrira e estava pendurada debaixo da fuselagem. Uma de suas dobradiças se quebrara. Aí estávamos nós voando numa manhã de domingo brilhante, com uma porta aberta e despencada; com a janela de emergência deslocada e com quase mil dos folhetos sendo sugados e caindo lá em baixo nas ruas, nos campos e nos pastos de vacas. As bolsas grandes de plástico se enchiam de ar quando tomamos altura e as cordas se arrebentaram. Milhares de folhetos estavam

soltos, voando porta afora como se fosse neve em volta da cabine. Eu não estava naquele local, no momento, pois do contrário teria sido jogado para fora sem paraquedas. Quando Carlton viu a minha expressão de terror, virou-se no assento para olhar para trás, balançando a cabeça sem acreditar.

- Vou lá atrás, Carlton. Talvez possa fazer alguma coisa, disse eu na intenção de ajudar. Mas ele retrucou: "Não. Espera. Primeiro passemos a outra costa".

Com toda calma, Carlton religou seu microfone e continuou falando com Havana.

- Havana, Nove, Zero, Zulu, continuando até Andros, conforme pedido. Avançando até a baliza de Alegre, esse sinal indica o nosso percurso.

Talvez houvesse algum sistema russo de seguimento de pistas nos observando lá em baixo. Ainda que o plástico provavelmente não fosse visto no radar, consideramos a possibilidade de haver câmeras telescópicas montadas, como as que se usa para seguir o lançamento de mísseis. Do nosso ponto de vista, nós havíamos lançado mísseis. Teriam eles sido detectados?

Enquanto nos aproximávamos da costa Noroeste, perto de Moron e nos preparávamos para jogar as vinte bolsas que nos restavam, um objeto cinzento passou a grande velocidade à nossa esquerda e fez uma curta fechada à nossa frente, muito perto.

- Veja só! apontei eu, mostrando a Carlton, o qual nada podia fazer, mas viu o *Mig* de fabricação russa. Um segundo bombardeiro permaneceu a uns 90 metros, atrás e à direita, observando e seguindo o rumo de nosso vôo. Mesmo sabendo que a situação era perigosa, conservávamos a calma. Fiquei surpreso de minha própria tranquilidade, que parecia provir da ignorância, senão de algo que parecia dizer: "Calma, filho. Está tudo sob controle". Aparentemente as coisas não poderiam estar piores. Comecei a me mover da parte dianteira da cabine para trás, para destruir alguns papéis que havia na minha maleta pessoal.

- Não! Espere, Tomás - me alertou Carlton. Podemos sair desta sem mais problemas. Esperemos para ver o que eles fazem.

- Lá vem ele de novo - gritei acima do barulho dos motores. O jato estridente que estava à nossa esquerda se aproximou tanto que pude ver o boné branco do piloto. Repetiu sua manobra, passando cada vez tão devagar quanto podia.

- Carlton, ele está tentando olhar dentro de nossa nave. Será que pode ver alguma coisa?

Carlton continuou em seu curso, como se não me tivesse ouvido. Certamente tínhamos aparência suspeita, com a porta balançando, mas o piloto do Mig também podia ver a dobradiça quebrada. Milagrosamente, os pacotes haviam permanecido no piso, aparentemente por si mesmos, como se um exército de anjos estivesse sentado sobre eles. Se o material tivesse continuado voando pela porta, quando o jato passou perto, tudo estaria perdido. A porta despencada evidentemente convenceu ao piloto de que tivéramos um acidente; nem uma única vez recebemos qualquer comunicado pelo rádio por parte dele ou de terra, durante estes momentos de aperto. Deveria estar informando à torre lá em baixo por meio de uma frequência de uso militar. Descendo lentamente para o lado esquerdo, sumiu de repente. Voamos mais uns cinco minutos; pulei para a parte de trás e, colocando os óculos, meti minha cabeça pela janela de emergência. O outro Mig também se fora. Havia desaparecido. Graças a Deus, estávamos livres. Rapidamente, descarreguei o resto do material. Enquanto Carlton reduzia a velocidade de vôo, pendurei-me no espaço para puxar a porta para dentro. Quando agarrei o cabo que estava coberto de borracha, sua flexibilidade e a pesada porta balançando, quase me atiram de cabeça no mar do Caribe. Larguei-o e me joguei de costas para trás. Percebendo que seria impossível aterrissarmos com a porta balançando sob a fuselagem, empurrei os pés contra a parede dos dois lados da abertura com força, minha testa contra o teto baixo para tentar de novo. Podia puxar a porta para dentro, mas perderia um punhado de cabelos.

Enquanto estava deitado na minha cama de madeira na cela 44, minha mente tentou retratar Carlton. Era um homem tranqüilo e forte que nunca se queixava nem dava resposta áspera. Quando trabalhava de co-piloto num vôo privado na Flórida, desapareceu no ano seguinte junto com outros homens. Eu meditava com frequência no que havia passado e agora meus pensamentos recordavam aqueles segundos de tensão de apenas algumas horas antes, quando Mel e eu batêramos na estrada. Mel? O que se estaria passando com ele? Quase me havia esquecido dele, jogado na cela 60. Por que nos mantinham separados? Poderia vê-lo novamente? Meu corpo estava moído pela dureza do catre, e tentei mudar de

posição para ficar mais confortável. O sono parecia estar distante, como aquela pequena ilha que anteriormente fora meu lar. Minha mente vagava lentamente até uma ocasião mais prazerosa quanto fui capturado por um anjo costarriquenho que era doce, sossegado e tranqüilo.

3

Na Escola do Espírito

Estávamos em dezembro e o dia do nosso casamento se aproximava rapidamente. Poucos dias antes da cerimônia, voei de Grã Caimã a São José e tomei um táxi para a casa de Ofélia. A grande porta de madeira se moveu, abrindo-se, altas horas da noite e beijei a mãe dela e depois a ela, num daqueles escassos beijos; quase sempre, durante nosso noivado, estávamos rodeados por suas irmãs, mas, embora que ambos estivéssemos por volta dos vinte anos, não me desagradou. Era algo natural e prazenteiro.

Uma vez Ofélia e eu fomos com a tia dela e dois meninos até um cafezal, plantado na ladeira de uma montanha, para colher frutos de jambo e olhar os pés de café. Caminhamos de mãos dadas entre as fileiras de plantas altas e maduras cujas folhas pareciam sussurrar. O orvalho da manhã estava ainda sobre a grama e o ar espalhava a fragrância das flores. Paramos num pequeno descampado junto de uma árvore alta, mas podíamos conversar muito pouco. Sabiamente, a tia levou as crianças mais adiante; Ofélia se recostou contra a árvore e sorriu. Olhei no fundo de seus olhos cor de café e seu cabelo farto que se soltava sobre os seus ombros.

- Você é linda - murmurei, com meus lábios tentados a buscar os seus. Sorriu e me inclinei para beijá-la.

- Tomás, Tomás -disse ela, suave e calmamente. Tomei suas mãos entre as minhas e nossos narizes se tocaram. A tia e os sobrinhos regressaram fazendo ruído suficiente para nos alertar. As crianças pisavam os gravetos, fazendo-os estalar e pulavam sorrindo. Eram melhores do que qualquer outro tipo de alarme. Na

manhã seguinte, bem cedo, subi sozinho até a montanha e desenhei nossas iniciais no tronco daquela árvore com um canivete. Entre elas esculpi a cruz de Cristo. À noite, antes do nosso casamento, tivemos uma deliciosa celebração em casa de Ofélia, com uma serenata, e foram convidados todos os parentes e vizinhos. Os missionários Harry e Leon Nachtgall traduziram todos os acontecimentos para mim muito amavelmente. As mulheres e as moças estavam dentro de casa, enquanto os homens e rapazes permaneciam do lado de fora, na varanda grande. Quatro ou cinco músicos se postavam diante da porta fechada e dedicavam músicas às senhoras, simbolizando o amor do noivo pela noiva. Houve música durante toda a noite e eu com o meu espanhol remendado tentei cantar com eles. Na penumbra, o tanger das guitarras, os sorrisos, as gargalhadas e gracejos tornaram a noite encantadora. Mas para mim o momento mais maravilhoso me esperava atrás da porta fechada. O postigo da porta se abriu, inclinei para ver Ofélia, mas as luzes da sala estavam apagadas. Tudo o que se podia ver eram seis ou oito narizes das mulheres que alegremente observavam e ouviam a serenata oferecida para elas na escuridão. Quando a poderia ver? Finalmente eu a teria junto de mim. A porta abriu-se e minha sorridente Ofélia ali estava. Beijamo-nos enquanto os demais aplaudiam com entusiasmo. Não podia ter sido mais romântico.

Nosso casamento foi celebrado no Seminário Latino-americano, um dos mais antigos e repetidos da América Central. Alson Ebanks, meu irmão em Cristo, tocou a guitarra, enquanto eu cantava para Ofélia. Mais de 250 convidados assistiram à cerimônia e depois tivemos um grande banquete com galetto e arroz. Ofélia parecia um pouco cansada depois da festa. Mais tarde soube que ela mesma havia feito o seu vestido de noiva e os das damas de companhia, nas últimas semanas que antecederam ao casamento. Regressando à ilha no dia seguinte, tínhamos um Novo Testamento nos dois idiomas; líamos juntos, enquanto o Senhor nos dava paciência e amor para construirmos o nosso vocabulário.

Durante as férias do Natal Ofélia e eu voamos num DC-3 para Caimã Brac; em nossa companhia estavam Steve e Ruby Smith. O avião pára, às vezes, no romântico Pequeno Caimã que tinha na ocasião catorze habitantes e pista de grama para aterrissagem. Tem lugares maravilhosos e tranquilos com praias cristalinas.

Subimos escarpas em Caimã Brac, exploramos cavernas; vagueamos pela estrada principal e conversamos longamente com aquele povo atraente e simpático. Repousamos numa pequena casa atrás de uma igreja em Cotton Tree Bay. Nesse domingo, Ruby tocou piano, Steve e eu pregamos a Palavra e Ofélia, que não falava inglês, sorria e permitia que o Espírito Santo transmitisse sem palavras o seu amor para com eles.

Quando nos estabelecemos em Grã Caimã, para nosso ministério, decidi continuar com os projetos da literatura até que tivesse notícias de Cuba. Alguns trabalhos similares de conversão haviam recebido respostas pelo correio, ainda que em muitos casos estas viessem somente anos depois. Em 1974 pude dar a maioria das bolsas de literatura que me sobraram das últimas viagens à tripulação de um barco comercial; isto foi feito inclusive com o conhecimento do agente aduaneiro. Podia-se distribuir os pacotes ao longo da costa marítima internacional que passa pela costa cubana. Mais tarde ele me contou que um torpedeiro cubano o seguiria por algumas milhas próximas ao ponto onde havia deixado cair a literatura, mas não içaram os evangelhos impressos que boiavam sobre as ondas.

Enquanto isso, duas faces do amor cresciam paralelamente em minha vida. A do ensino numa Escola Bíblica e inteirar-me das lutas e vitórias da Igreja nos países comunistas. Que caminho seguir? Qual a direção de Deus? Eu estava muito perturbado pelo fato de que as publicações evangélicas oficiais e as conferências internacionais das igrejas não estavam revelando a verdade. Elas não somente falhavam ao tentar encobrir a perseguição que havia nestes países, senão que afirmavam que a mesma não existia. Os pastores cubanos e russos que chegavam ao mundo livre em viagens oficiais diziam haver completa liberdade. Contudo, em nenhum caso conhecido por mim, traziam suas famílias com eles. Por quê? Isto, provavelmente tornava mais difícil para eles desertar, se o quisessem e poder dizer assim toda a verdade. Os exilados Soljenitsin e Georgi Vins, pastor batista, ambos em liberdade, agora se reprimiam parcialmente em dizer a verdade, depois que chegaram aos Estados Unidos, até que suas famílias estivessem a salvo, fora da União Soviética. Alguns dos pastores visitantes são enviados para nos enganar. Durante o encarceramento de Vins, me deparei com Michael Bichkov, que era na ocasião presidente dos

batistas russos e estava visitando uma cidade grande do médio Oeste. Diante das câmeras de televisão, lhe perguntei por que dizia ele que Vins estava preso por sonegar o imposto de renda? O pai de Vins, um pastor, havia morrido na prisão. “Era este”, perguntei eu, “outro caso de problemas com o imposto?” Ele se negou a responder, bem como as outras semelhantes que lhe foram feitas pelo auditório. “Por que confiscaram minha própria Bíblia no aeroporto de Moscou?” - perguntou uma senhora já de certa idade.

- As bíblias devem ser apresentadas oficialmente, foi a resposta.

Uma jovem levantou-se e perguntou:

- Por que foi encarcerado, na Lituânia, Nijole Sadunite, por haver lançado um periódico religioso?

Não houve resposta. Das quinze perguntas apresentadas no templo de uma grande igreja, Bichkov deixou dez de lado. Um homem com sotaque eslavo se pôs em pé no meio do povo e começou a gritar:

- Mentiras! Mentiras! O senhor não está dizendo a verdade!

Bichkov permaneceu ali com toda a tranqüilidade, enquanto os diáconos tiravam o homem da assistência.

Enquanto recordava este incidente, me perguntava a mim mesmo: “Não podia eu fazer algo para compensar este engano?” Mas tinha muito pouco tempo. À medida que cresciam minhas responsabilidades com a escola e igreja de Caimã, também crescia meu interesse pelas coisas de Cuba. E estavam chegando a um ponto crítico. Além disso, um novo fato estava para acontecer na nossa casa. Em julho de 1975, durante uma visita de verão a meus pais em Dallas, Texas, nasceu Dorothy Elizabeth White. Os pais de Ofélia também estiveram com os meus no dia do nascimento. Pensei que minha esposa certamente teria um menino. E se assim fosse estaria em território que me era familiar. Mas quando vi a coisinha maravilhosa e pequenina que era Dorothy na enfermaria, caí literalmente por terra, sentei-me no chão da sala de espera com meu irmão Jim e outros amigos, olhando-a durante horas. Eu não a trocava por dez meninos.

Pouco tempo depois, estávamos voando num jato com este precioso embrulhinho, voltando ao nosso pequeno chalé caribenho, onde começava meu quinto ano como professor. Uma vez mais me preparei com toda alegria para ensinar, dirigir os dramas, as

cantatas da igreja e continuar meu trabalho com Cuba. Mas Deus tinha outros planos. No dia anterior ao começo das aulas, senti-me fraco e pálido; no hospital, o médico descobriu que eu tinha uma hemorragia interna. Não tendo me cuidado fisicamente, simplesmente me arruinei. Estava muito fraco para uma cirurgia, mas Deus, pela sua graça, preservou a minha vida e a hemorragia parou. Passei acamado as semanas seguintes e reconsiderarei minhas prioridades. Minha mãe, que sempre se preocupava comigo e cuidava de mim, viajou para estar ao meu lado.

No outono de 1975, abandonei Caimã muito a contragosto para ir descansar em casa dos pais de Ofélia. Foi um tempo de refrigério, percorrendo as colinas durante as manhãs orvalhadas com as vacas leiteiras, sendo conduzidas caminho abaixo, e a família de Ofélia alegremente cantando em todo tempo corinhos de louvor a Deus enquanto trabalhava.

Uma vez resolvi visitar o seminário onde nos havíamos casado. Que decepção! O quadro de avisos estava recoberto de papel vermelho. No mesmo haviam sido pregados com taxinhas alguns recortes de soldados empunhando metralhadoras. Por cima dos recortes estava escrito o seguinte lema: "Estamos solidários com nossos irmãos da Nicarágua". Mais acima, eu escrevi a passagem de Mateus 26.52: "Porque todos os que lançam mão da espada, à espada morrerão". O seminário era agora financiado pelo Concílio Mundial de Igrejas.

As condições estavam mudando muito rapidamente. A Teologia da Libertação, espalhando-se na América Latina, estava mudando o conceito espiritual-social do Evangelho, levando-o somente para o aspecto social, enganando e fazendo muitos caírem na armadilha. Mais tarde, um professor desse seminário me disse que devido às suas obras humanitárias, o revolucionário argentino, "Che" Guevara, e o dirigente da Índia Mahatma Gandhi, estavam mais perto de Cristo que a maioria dos cristãos. O que aquele professor e seus seguidores desconheciam é que a verdadeira justiça e liberdade social são o resultado do novo nascimento pelo Espírito. Sem que haja uma relação adequada com Deus por meio de Jesus Cristo, todos os esforços humanos em favor de melhorias sociais estão condenados ao fracasso. Por quê? Porque a batalha que estamos travando não é uma guerra social; é uma guerra espiritual, titânica entre Deus e as forças de Satanás.

Compreendi que Deus nos estava guiando a tomar parte mais decisiva nessa batalha. Decidi dedicar-me em tempo integral a essa atividade. Depois de vender quase todos os nossos pertences, voamos para Glendale, Califórnia, para trabalhar com ministérios cristãos dirigidos especialmente ao mundo comunista. Ali eu iria conhecer exemplos vivos de cristãos de Cuba, Europa Oriental e Rússia, aqueles que estavam no calor da fomalha, ou saindo dele. A pequena percentagem dos que vinham ao Ocidente representava somente a ponta do *iceberg*.

Minhas leituras e estudos estavam perto de ser confirmados. Aprendi muito sobre esta gente tranqüila, os heróis desconhecidos que nunca serão vistos na televisão, ouvidos pelo rádio, ou retratados em livros. Uma destas visitas foi a de Vasile Rascol e sua família. Ofélia tinha viajado a Costa Rica com Dorothy para visitar sua família por três semanas e eu, que não tenho muita ambientação com a cozinha, estava comendo enlatados e comidas que vinham prontas em caixas num acomodado estalo de solteiro. Exatamente nesta ocasião veio à Califórnia uma simpática família romena; a mãe Elena, era uma fantástica cozinheira. Eles falavam um pouco de inglês, mas eu a esse tempo já estava acostumado a tais tropeços dos idiomas e dessa forma podíamos nos comunicar. Vasile, o pai, tinha olhos negros e tristes, mas seu rosto era iluminado por um sorriso. Havia sido libertado recentemente de uma condenação a dois anos de prisão na Romênia, a qual deveria ser de quatro anos, por distribuir bíblias a outros cristãos. Elena havia lutado bravamente por sua libertação; seu marido me mostrou uma grande cicatriz, que lhe tomava toda a perna de alto a baixo, a qual, um dia depois da cirurgia no hospital da prisão, quando operado de varizes, havia sido reaberta, rompendo os pontos e jamais se fechara. Ao ouvir seus gritos, pedindo socorro, a única reação dos guardas foram risadas de zombaria.

Os problemas de suas pernas apareceram devido a pequenez da cela, sem espaço para andar dentro dela. Seu filho de doze anos, Dorian, e sua filhinha de seis anos, Cristina, eram duas belas crianças. O estado comunista proíbe a distribuição de literatura cristã. Dorian ficava na esquina da rua vigiando se vinha a polícia, enquanto Cristina corria de casa em casa colocando folhetos por debaixo das portas. Isto me faz lembrar os cristãos primitivos orando nas catacumbas de Roma.

Esta tranqüila e paciente família tinha muitas histórias para contar. São relatos que nunca serão publicados em livros, mas me causaram impacto com a mesma força viva do livro de Atos. O que os apóstolos sofreram era o cristianismo normal. Em nossos dias, os cristãos ocidentais vivemos sob uma cobertura especial de proteção, uma bênção que nos tem sido outorgada por Deus por algum tempo de acordo com seus propósitos. Um outro *apóstolo* que visitou minha casa foi um pastor batista, David Klassen, que cumprira dez anos nos campos de trabalho forçado na Rússia e fora recentemente libertado. Enquanto estava orando no campo, seus companheiros teimavam em colocar diante dele um retrato de Lenin.

- Veja! - zombavam eles. Estás orando a Lenin.

Certa vez no campo de número 243 do norte russo, um soldado atçou um cão de guarda sobre Klassen. David estava orando no campo, quando o feroz doberman correu para ele. De repente, o cão deu meia-volta e saltou, não sobre ele, mas sobre o guarda, despedaçando o rifle do seu guardador. Outros guardas correram para ajudar o pálido e horrorizado vigilante.

Noutra ocasião, no campo de trabalho forçado da Bulgária, vários cristãos foram colocados num fosso junto com cães de ataque, como Daniel na cova dos leões. Os cães ficaram nervosos e começaram a ganir e a raspar as paredes sujas, tentando escapar. Tais histórias são comuns entre os santos encarcerados.

O reverendo Assen Simeonov, antes representante da Bulgária diante do Conselho Mundial de Igrejas, esteve em minha casa. Falou-me acerca de um Conselho Mundial que se realizava no Quênia e foi pedido aos representantes russos que votassem “de acordo”. Ficou admirado ao ver as demonstrações de sujeição e manipulação que se fazem por detrás dos bastidores. Simeonov deixou o Conselho Mundial de Igrejas e dirigiu um seminário nos bosques, fora de Sofia, Bulgária, para os jovens que queriam servir a Deus. Ele me disse que, como outros nos países comunistas, os seminários búlgaros tinham um corpo de professores intelectuais secos e carentes de espiritualidade que somente enfatizavam os pontos de “mútuo” acordo entre Marx e Jesus. Outro pastor assistiu a esse tipo de seminário na Romênia; somente por haver recebido por empréstimo a chave de uma pessoa que simpatizava com ele, podia esconder-se na biblioteca à noite e ler a respeito dos

grandes homens de Deus e pais da Igreja em livros que ficavam trancados a sete chaves em vários armários.

Entre 1975 e 1978, me foi possível falar com muita gente. Eram todos iguais. Suas histórias simples eram editadas, às vezes, num boletim mensal de missões, ou se imprimiam parte das mesmas num artigo de uma revista ou editorial. Mas os detalhes, os aspectos humanos delicados, eram realidades vivas diante de meus olhos. Esta gente ceou comigo e orou por mim. Nossos encontros não foram turísticos, fugazes, destinados a criar uma impressão cuidadosamente preparada; vivemos juntos como irmãos, durante largo período de tempo.

Para terminar, apenas mais um caso: certa vez, quando Vasile e Elena levavam bíblias impressas por nossa missão na Europa a alguns cristãos, caía muita neve em Bucareste, num dia de cruelíssimo inverno. Ainda que não era permitida a circulação de veículos, eles deviam encontrar-se com um missionário que ia entregá-lhes vinte e oito malas cheias de bíblias. Vasile e Elena viajaram com um irmão dele num ônibus urbano que trafegava vazio. Abrindo espaço na neve que formava montes e sulcos profundos, o ônibus parou finalmente ao lado de um carro que o estava esperando e que bloqueava a rua. Depois de alguns abraços e saudações, eles começaram a transferência. Vinte malas da preciosa carga entraram no ônibus. De repente, Vasile divisou os faróis de um carro da polícia que estava atrás deles. Tanto ele como Elena entraram no ônibus e sentaram-se no chão. O veículo oficial pertencia à segurança, a polícia política especial que era semelhante à KGB russa, ou à G-2 cubana. O oficial estacionou atrás do ônibus e caminhou lentamente até os dois veículos, com suas botas grandes e brilhantes enfiando-se na neve. Imediatamente o irmão de Vasile abriu rapidamente o capô do automóvel, como se o estivesse consertando. Todos oravam silenciosamente. O policial nada disse, respirando pesadamente depois do trajeto. Podia-se ver nuvens de ar quente saindo de sua boca aberta. Com um sacolejão, abriu a porta do carro do missionário e olhou para dentro, apoiando uma das mãos sobre as malas de bíblias. Nada vendo suspeito, virou-se bruscamente e foi embora.

- Graças a Deus, disse Elena, num murmúrio, enquanto olhava pela janela.

São muitas as histórias sobre a proteção de Deus em tempos

de perigo, até mesmo nos Estados Unidos. Em 2 de julho de 1976, eu dirigia por uma estrada de Los Angeles e repentinamente comecei a golfar sangue, sem qualquer sintoma anterior. Como trafegava numa pista seletiva de alta velocidade, procurei achar uma saída, mas não tive tempo. Enquanto minhas vistas escureciam e as imagens se misturavam, clamei o nome de Jesus e desmaiei. O carro foi destruído no inevitável acidente, mas eu recebi apenas um pequeno corte no rosto. Aqueles que me atenderam e me prestaram os primeiros socorros, levaram-me para um hospital na Califórnia, onde os médicos descobriram que eu tinha um sopro no coração. Em seguida chamou um dos atendentes para uma sala de emergência.

- Ei! Venha aqui e escute o coração deste homem. Quero que aprendas isto!

Esperou para ver o que o jovem ouvira pelo estetoscópio.

- Estás ouvindo um chiado? Isso é quando o coração não está recebendo sangue suficiente e é ar o que está passando por ele.

O médico ajustou várias vezes o aparelho, mas não parecia estar ouvindo nada.

Os cirurgiões descobriram várias anormalidades, incluindo câncer do tipo que raramente é mortal. Mas não podiam achar o tumor primitivo. Permanecendo na cama depois da operação, fiquei conformado com aquela pousada repentina. As pesadas cortinas estavam semi-abertas para permitir que um raio de sol cruzasse a cama. Eram raios dourados e confortadores. Com a cabeça apoiada no travesseiro, comecei a escutar música. Primeiro os sopranos em notas altas e límpidas como o cristal, que ecoavam como se viessem de uma catedral. Logo após se juntaram ao hino os contraltos, tenores e um poderoso e profundo baixo. Verso por verso vinham até o meu leito como a luz do sol. Enlevado, eu não desejava que a música terminasse, mas depois de uns quinze minutos o cântico terminou.

Em seguida, falei com minha mãe sobre o coral.

Ela ali estava como em cada enfermidade que me atingia. Chorou, pensando que eu estava perto de morrer.

- Mãe, não estou morrendo - disse eu, procurando consolá-la. Como eu não posso ir à igreja, Deus estava dando-me apenas um concerto especial.

Durante os anos seguintes, recebi uma inestimável instrução pela leitura de publicações religiosas e políticas de todo o mundo.

Diariamente podia comparar muitas declarações diferentes e fotos, formulando minhas próprias opiniões e convicções sem que as mesmas viessem de uma fonte única de informação. Uma das provas mais fortes da perseguição religiosa veio dos próprios periódicos russos. Várias vezes li a respeito da prisão de batistas, pentecostais, ortodoxos e adventistas e sobre o “veneno” que eles propagavam. Revirei as cópias de seus julgamentos, os quais eram verdadeiras trapaças. Nas publicações religiosas oficiais do Ocidente, lia declarações feitas por líderes afirmando que tais perseguições não existiam e que o que eles haviam feito eram “crimes de natureza civil, conforme nos é afirmado por parte das autoridades comunistas”. Por meio destas comparações, comecei a verificar quanto é valioso o versículo bíblico que diz: “Procura apresentar-se a Deus aprovado”. Não me estava convertendo num Tomás, que tinha dúvidas nas áreas espirituais, mas me estava tornando cauteloso, observador e estudioso. Estava num período de treinamento, preparando a guerra contra os subterfúgios. Tinha que aprender a reconhecer as artimanhas que Satanás coloca diariamente diante da humanidade despercebida. Acontece que nós os ocidentais verdadeiramente queremos crer no que as pessoas dizem. Ainda que isto seja admirável, quando levado ao extremo, transforma-se em ignorância voluntária.

Uma vez mais me reporte a Cuba. Não havíamos recebido nenhuma palavra, e eu passei a crer que toda aquela literatura jogada ao mar não dera qualquer resultado. Por ser a metade de nossa congregação composta de cubanos estava eu muito interessado. Nosso pastor era o dr. Juan Oropesa, um ministro que devido a sua fé havia passado sete anos na prisão de Fidel Castro. Sabendo da falta de literatura entre os irmãos, relembrei aquela viagem que fiz de avião e a acidental distribuição dos pacotes pela porta quebrada do aparelho. Um curioso pensamento veio à minha mente: “Por que não fazê-lo de novo, porém, à noite? E, por fé, mandei imprimir mais de cem mil porções de literatura cristã. Descobri que se fossem impressos em plástico seriam praticamente indestrutíveis. Um folheto podia ser passado de mão-em-mão, centenas de vezes sem rasgar-se, apagar-se ou se desfazer. Na sala de nossa casa, dei ao meu filho Daniel uma peça que serviria como prova para que fosse testada da maneira mais rude possível. Depois de uma semana de “sacrifícios”, mordendo, torcendo, esfregando, raspando

no chão e pisando, a amostra apresentava poucos arranhões e amassaduras, mas o material estava inteiro e perfeitamente legível, sem rasgões. Uma noite, Ofélia e eu fomos de carro até a praia de Santa Mônica, Califórnia, levando vazio nosso depósito de cinco galões de gasolina. Preciso dizer que minha esposa é uma mulher muito paciente, resignada. Tiramos vários galões de água do mar e levamos para casa a fim de usá-la em minhas experiências; não podíamos usar água doce e limpa. Tinha que ser algo bem real. Tomando alguns exemplares da literatura laminada, primeiro os cortei em pedaços e os mergulhei na água da pia da cozinha. Minha amada esposa não reclamou pela areia, água salgada, óleo diesel e papel que agora ocupavam o que antes era sua impecável cozinha. Na manhã seguinte tudo estava flutuando bem e os pedaços partidos não haviam sido empapados de água. O papel era tão fininho que a plastificação calcinara ambos os materiais unindo-os. Cortá-lo das grandes lâminas da prensa não seria problema. Durante este período de provas, outro piloto cristão, um ministro batista, levou cinco caixas destas porções do Evangelho e os deixou cair em águas internacionais, num lugar que nos pareceu adequado. Até ali nada sabíamos sobre Cuba. Nem uma palavra que mostrasse a eficácia do nosso trabalho anterior. Finalmente, sem saber quando ou com quem, comecei a planejar um vôo noturno sobre a ilha cubana. Um piloto, John Lessing, trouxe à nossa casa os mapas de navegação apropriados e começamos a planejar a missão. Carga, velocidade, distância, combustível. Noite após noite, chamadas telefônicas à hora do almoço. Cada fibra do meu corpo vibrava com este projeto. Enquanto orava buscando a aprovação do Senhor, vivi, dormi, comi com este projeto em mente. Acordando às três horas da manhã, ia até a sala de jantar, onde pregara os mapas de navegação sobre a mesa. Orava, me certificava da distância, da quantidade de combustível e até treinava como abrir a porta traseira do avião que por enquanto não tínhamos. Era como se me estivesse preparando para isto durante toda a minha vida, guiado pelo soberano Deus.

Em dezembro, depois de passar um ano de noites e fins de semana trabalhando nos detalhes, estávamos a caminho. Devido a não ter ele licença para voar por instrumentos que era necessária para atravessar Cuba, John encontrou outro piloto para ir conosco. Linda Jackson era seu nome e recebera sua licença um dia antes do nosso vôo.

Maná Derramado de 3.500 Metros de Altura

Nós nos havíamos registrado em Havana, de acordo com as exigências, por telegrama, e dado o número de nosso avião, os nomes dos pilotos e a data da viagem. Em 7 de dezembro fizemos um vôo de catorze horas à volta de Cuba, do Forte Lauderdale ao longo do arquipélago das Bahamas. Em seguida ao sul de Cuba, a Georgetown e Grã Caimã. Nosso *Cherokee seis*, monomotor amarelo e verde era um bom cargueiro. Ao aterrissar em Georgetown, naquela noite tive pouco tempo para cumprimentar meus amigos. Somente faríamos uma escala de 45 minutos para abastecer antes de nos dirigirmos a Cuba. Uma vez que estávamos em trânsito, nosso avião não havia sido inspecionado. Corri para a parte alta da torre de controle, para ver a minha amiga Jeri Andrews. Trabalhar com uma moça como controladora de vôo e com outra como piloto era uma experiência totalmente nova para mim. Não sabendo o que fãmos fazer, Jeri autorizou o nosso vôo, através do rádio de Kingston, Jamaica, o qual por sua vez pesquisou tudo em Havana. Estava tudo em ordem. Tínhamos permissão para fazer a viagem.

Enquanto saíamos para a pista, comecei a abrir as caixas que estavam na parte de trás do avião. Em meio à geada tropical, fiquei ensopado de suor, quase imediatamente. John e Linda verificaram os instrumentos e decolaram na hora indicada. A voz de Jeri se fez ouvir no rádio, enquanto a aeronave subia até a altura que nos havia sido autorizada. “Permitido tal como solicitado ao aeroporto de Hollywood-Forte Lauderdale. Mantenha-se a 2.800 metros.”

- Roger, Georgetown - disse Linda, fazendo o reconhecimento rotineiro.

Nossa primeira marca ou ponto de checagem estava localizada ironicamente na baía de Cochinos, em Girón, Cuba, onde acontecera a invasão militar dos sessenta. Os primeiros trinta minutos de vôo ocorreram como estava planejado. Linda, com toda calma, falou pela última vez com Jeri.

- Estamos nos mantendo na intersecção ATUVI, à altura de 2.800 metros.

Com o tempo nublado e sem referência de terra, aquele era um vôo no escuro e os pilotos foram forçados a confiar somente nos instrumentos. Jeri terminou a transmissão do rádio dizendo: "Contatando o rádio de Boiadeiros em 126 ponto nove". Estávamos, porém, a uma hora da marca do rádio de Girón, quando Linda notou que o giroscópio direcional teria que ser recolocado na bússula magnética de instante a instante. Isto não era normal. Ela dirigiu um olhar nervoso para John!

- Este ponteiro está trinta graus fora do rumo. E eu o havia fixado novamente faz um minuto - queixou-se Linda.

Não era um bom momento para acontecer problemas de navegação. John tocou com o dedo o ADF. Estava de acordo com a baliza de Girón, que se supunha estar nos guiando até a costa. Movendo negativamente a cabeça, se esticou para ouvir o ruído peculiar do Código Morse: Bip! Estava meio fraco. Enquanto isso, um forte vento cruzado nos estava afastando do rumo. Quando chegamos a Girón, Linda estava furiosa. Estávamos atrasados 15 minutos. Ao ver clarões por entre as nuvens, John, com toda razão, ficou nervoso; temia que fossem holofotes de um bombardeiro MIG.

Cruzamos a Baía de Cochinos dirigindo-nos exatamente à baliza de rádio oposta ao norte, na costa de Viradeiro. Uma segunda invasão, pensei eu - mas de uma natureza diferente. Ao nos aproximarmos do local onde eu deveria começar a despejar a literatura, pareceu-me como se fosse um novo Pearl Harbor. Orei para que as mensagens de amor que estávamos deixando cair fizessem o efeito de bombas espirituais para animar os crentes, enquanto plantavam a semente da dúvida no regime marxista. Levamos um folheto escrito especialmente para os marxistas. Preparado por alguém que antes havia sido um ateu, agora pastor

evangélico, o panfleto dizia simplesmente que se alguém segue os passos de Lenin e de Marx, tudo acaba na sepultura, uma vez que eles pregavam a inexistência da vida após a morte. O mesmo panfleto proclamava que nem o marxismo, nem o capitalismo podem oferecer a vida eterna que Jesus nos dá; a alma pode achar amor, paz e segurança somente por meio da aceitação do sacrifício de Cristo na cruz.

Para ser eficaz, a literatura precisa ser inteligível. Deve atingir a mente marxista. Jesus disse em Mateus 13.18,19: “Escutai vós, pois, a parábola do semeador. Ouvindo alguém a palavra do reino e não entendendo, vem o maligno e arrebatou o que foi semeado no seu coração.”

Nossa literatura usa o exemplo dos deuses Marx e Lenin para apresentar o único Deus verdadeiro, Jesus. A literatura que mais frequentemente é introduzida nos países comunistas é a Bíblia, mas para o comunista-marxista ferrenho temos descoberto alguns folhetos, como: “Seguindo as pisadas de Marx e Lenin” e “O que crêem os Cristãos”, também enviados a Cuba, os quais, sendo simples, são eficazes e nos tiram da confusão logo após a primeira leitura. Eles abrem a porta, preparam o solo. Diante do Sinédrio, Paulo usou o assunto da vida após a morte para apresentar Cristo. É assim que o apresentamos aos marxistas: o mesmo evangelho, o mesmo amor, somente que lhes é dirigido pessoalmente.

Depois de uns quatro ou cinco minutos voando sobre terra, ocorreu-me abrir as portas de trás e coloquei uma trava de espuma de borracha na fenda. Pondo um audifone no meu ouvido direito, escutava as gravações de um marcador de tempo batendo os segundos com toda a precisão. Comecei a deixar cair a literatura num ritmo controlado pelo tempo. Nesta viagem não estávamos certos se os cubanos tinham um tipo de radar que detectasse o metrônomo. Não obstante deixei cair o material numa série tal como me recomendou um professor cristão que ensinava física. Ele estudara a situação num laboratório da Universidade. Seu nome era dr. Larry James.

Eu estava radiante por ver que ainda que não estávamos passando diretamente por sobre alguma cidade, o campo era mais povoado do que estava indicado no mapa. A metade do tempo estivemos voando sobre pequenas luzes de casas, iluminação de ruas e outros sinais de navegação. Nossos pequenos mísseis de

amor ondulavam na escuridão como neve, dando voltas sobre si mesmos e girando, enquanto flutuavam lentamente em sua queda até o chão. Linda, tranqüilamente continuou falando com o controle de Havana, mais alto do que o barulho do motor. Passamos a baliza de rádio do Norte exatamente na rota e joguei a carga mais pesada perto de Matanzas, sobre a praia de Viradeiro, a mais famosa de Cuba. O alto farol local fazia oscilar seu foco constante através da escuridão, atravessando os milhares de folhetos que pousavam sobre a areia e a água.

Sáimos do contato de rádio com Havana e sintonizamos frequências com o centro de controle de Micuri. Enquanto o avião saía a toda pressa de Cuba, pensei na manhã seguinte, quando a literatura fosse achada por toda a extensão dos campos. Lembrei-me da passagem de Êxodo 16.14,15, sobre o maná que alimentou a Israel no deserto. “E alçando-se o orvalho caído, eis que sobre a face do deserto estava uma coisa miúda, redonda, miúda como a geadá sobre a terra. E, vendo-a, os filhos de Israel disseram uns aos outros: Que é isto? porque não sabiam o que era. Disse-lhes, pois, Moisés: este é o pão que o Senhor vos deu para comer.”

Orei para que o “pão do céu”, os folhetos com a Palavra de Deus, fosse “comido”. Por enquanto havíamos distribuído mais da metade do material laminado, mas na minha garagem em Glendale havia ainda uma grande quantidade. Ainda que houvéssemos saturado o corredor aéreo de Girón, o chamado Maya estava porém intocado. Em 1973, eu havia sobrevoado este mesmo corredor, sobre Camangüey, uma província, com Carlton. Uma vez que a viagem sobre Girón havia ocorrido sem nenhum problema, criamos que o resto da literatura seria despejado em quantidades maiores, dando uma passada por Maya. John não podia ir nesta viagem, porque seu nome estava registrado na permissão de que necessitamos antes de fazer o vôo a Girón. O telegrama estava arquivado em Havana. Não desejávamos correr riscos desnecessários. Orando e esperando que viesse outro piloto que voasse por instrumentos para ajudar-me, comecei a tomar lições sobre como voar.

Nas primeiras semanas isto foi pesaroso para Ofélia. Ela havia vivido, nas vezes que estive no hospital, o perigo dos vôos que fizera e agora estava obrigada a agüentar minhas novas aventuras num aparelho de treinamento, muito frágil que lhe

parecia um brinquedo. Comparado com um cargueiro comercial também assim me parecia. Desalentada, ficou de pé ao lado do aparelho na rampa e o empurrou pela cauda, sacudindo-o todo.

- Quando te arrebentares todo com esta coisa, volto para Costa Rica, gritou ela.

- Ora, vamos, Ofé. Estas coisas são seguras. Não sabes quanta engenharia foi empregada para fazer estes instrumentos? Abri a porta do aparelho para mostrar-lhe, mas ela não se impressionou. Temendo por minha segurança e desejando a de nossos filhos, escondeu meus papéis de matrícula para a Escola de Aviação, exatamente na noite anterior à minha primeira aula. Sem conseguir encontrá-los, derramei gavetas no chão da cozinha para procurá-los. Admirada, minha pequena Dorothy parou junto a porta e com sua vozinha doce de três anos de idade me perguntou por que tanta confusão.

Obcecadamente, continuei remexendo e juntando a sujeira, respondendo o mais mansamente que podia ao que ela me perguntava. Não conseguindo, voltei novamente ao Colégio Glendale para matricular-me de novo. Muitas noites depois disso, me revolveria na cama ao lado de Ofélia, que se banhava em prantos. Nenhuma de minhas palavras tranqüilizadoras acalmava suas lágrimas, ou diminuía o seu temor pelo que me pudesse acontecer.

Em poucas semanas ela parecia ter aceito o fato de que seu marido seria um piloto. Mas Deus tinha outros planos. Eu, definitivamente, não sou um piloto na essência da palavra. Ainda que a minha aprendizagem em terra e as dez horas de vôo transcorressem rapidamente, de qualquer modo sentia que tudo redundaria em fracasso. Provavelmente passaria em todos os exames, mas quando enfrentava dificuldades ou problemas inesperados, sabia que minha mente não seria capaz de manejar as decisões técnicas e complexas que dependem de soluções imediatas. Não desejando passar pela vergonha da derrota, decidi abandonar o projeto. Foi como se as circunstâncias decidissem por mim. Sentado na sala depois de uma aula noturna senti náuseas e fui rapidamente até o lavatório do banheiro e em questão de segundos ele estava cheio de sangue vermelho e brilhante. Enfraquecido depois desta dura prova, lutei para chegar ao quarto de dormir.

- Ofélia... tenho que ir... ao hospital. O lavatório está cheio de sangue - disse eu em voz baixa.

Uma vizinha veio tomar conta de nossos filhos. Ofélia tirou o nosso carro da garagem e me levou rapidamente ao pequeno hospital que ficava perto de nossa casa.

- Tom, talvez se não te esforçasses tanto... se pelo menos fosses mais devagar... - sugeriu Ofélia, acelerando um pouco mais para ultrapassar o grande caminhão que andava devagar a nossa frente, puxando um reboque. Sua hesitante observação rompeu um grande silêncio que havia entre nós. Pousei minha cabeça contra a janela do carro e mantive meus olhos fechados.

Estava de novo numa mesa de operação no hospital da comunidade. Ofélia sentou-se ao meu lado num banco pequeno com as mãos cruzadas, olhando atentamente, enquanto o amável homem de branco empurrava tubos pela minha garganta. Ele falava com um acento eslavo.

- De onde é você? Da Europa Oriental? - disse, fazendo sair as palavras só por falar. Minha cunhada é da Ucrânia. Eu sou da Rússia. Sorriu e começou a aplicar-me uma solução intravenosa no meu braço.

- Como saiu?

- Estava numa conferência sobre medicina no Canadá. Tive que deixar minha esposa e filhos. Franziu a fronte e pareceu triste. Ela continua lá. Minha adorada esposa. Tem os cabelos louros.

Senti piedade dele. Eu estava sangrando por dentro, mas minha esposa estava ao meu lado. Ele sangrava de outro modo. O doutor me mudou para o andar de cima para ficar em observação por alguns dias; a hemorragia parou por algum tempo, mas logo recomeçou. Voltando à sala de emergência, empurraram pela minha garganta um tubo gastroscópico, mas havia tanto sangue que não era possível ver nada. De repente, comecei a vomitar sangue aos borbotões, minha temperatura começou a cair e minhas pernas sacudiam violentamente.

- Precisamos de nove unidades de sangue, rápido! - ordenou um médico de modo alarmante. Outros dois intentaram começar uma transfusão, perfurando minhas veias para achar uma que não estivesse em estado de colapso parcial.

- Onde está esse sangue? - gritou o médico. Não chamou ninguém? Eu preciso já!

Uma enfermeira chegou para envolver minhas pernas numa bandagem aquecida, mantendo-as suavemente arriadas com suas

mãos. Escutei uma voz: “Tudo vai sair bem, querido”. Outra enfermeira susteve meu braço, enquanto eu vomitava.

- Oh Deus! orei em silêncio. Não sou nada, mas por favor, mantém-me vivo, por Dorothy e Daniel. São tão pequenos... Não os deixe ficar sem mim. Por favor, Jesus.

Senti-me levado fora da sala até o corredor; entramos no elevador e subimos. A palavra *cirurgia* passou por meus ouvidos e logo tudo escureceu.

Mais tarde, no CTI, fiquei sob sedativos. Senti que minha mãe estava ali com Ofélia. Ela me disse suavemente ao ouvido: “Eu vou cuidar das crianças”. O diagnóstico foi novamente câncer, desta vez no estômago. Graças a Deus, era um pequeno tumor que o cirurgião extirpou. Sentindo-me cada vez mais como uma baleia ferrada, estava eu uma vez mais sob cobertas, com tubos e fios atados. Meu irmão Jim veio de Dallas e um outro irmão de Nova Iorque. Tivemos uns encontros felizes na enfermaria do hospital. Jorge Garcia e o reverendo Larry Swain vieram e oraram por mim. Fiquei algumas semanas de repouso no hospital enquanto o estômago cicatrizava. Desejava tanto ver meus filhos. Uma noite, Ofélia os trouxe para ver-me e as enfermeiras não puseram obstáculo. O tubo do meu estômago havia sido retirado temporariamente, com a ponta saindo pelo meu nariz. Tendo o bebê Daniel sobre meus joelhos e com a minha esposa e Dorothy ao meu lado, passei alguns minutos maravilhosos na sala de estar.

Tive muito tempo para orar e considerar o futuro durante aqueles dias tranquilos, enquanto estava sozinho. Meus livros de pilotagem e minha Bíblia estavam ao lado da minha cama. Li o Salmo 139.9,10: “Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá”.

- Oh Deus! O que vou fazer - orei. É fisicamente impossível para mim, continuar esta obra.

Logo me veio à mente o seguinte versículo: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13).

Numa noite, observei um homem que parecia ser latino, limpando o chão. Enquanto ele ia de um lado para outro na ante-sala, falei-lhe em espanhol alguma coisa sobre Cuba. Ele revelou ser cubano. Animado, ele chamou uma mulher meio idosa que também fazia limpeza, para que me conhecesse. Seus olhos brilharam

com lágrimas tão agradecidas por saber que um americano da Califórnia estivesse interessado na sua terra natal, da qual estavam tão distantes. Despedimo-nos e eu calcei rapidamente minhas meias e vesti o pijama de dormir e me dirigi ao quarto assobiando: “Castelo forte é o nosso Deus”. Era tarde da noite. Não podia cantar, porque meus músculos abdominais ainda se estavam recuperando, mas pelo menos podia assobiar. O cuidado e o amor pelos cubanos que eram gente faminta de uma palavra de amor - o amor de Deus - vieram sobre mim. Parei junto ao telefone preso à parede e chorei. “Oh, Deus, dá-me uma viagem mais. Só mais uma!”

As lágrimas rolaram pelo meu rosto. Sabia que não podia abandonar aquela obra. E Deus sabia também. Se falamos franco com Ele, Ele governa o nosso presente e o nosso futuro. Os desejos que faz brotar em nossos corações se tornam o seu deleite, quando os vê realizados.

Uma semana depois escrevi a Mel Bailey, um crente que antes era um capitão do Exército e agora trabalhava como piloto de provas de helicóptero. Ele era também competente em avionetas. Acertamos uma nova tentativa para o fim da semana, no dia de Finados. Nessa viagem, voaríamos através do corredor de Maya. Mel começou a procurar um aeroplano na Costa Leste, uma vez que ele era da Virgínia. Eu planejava a distribuição ritmada da literatura. Com meu corpo ainda fraco pela cirurgia, entrei numa dieta séria de vitaminas, comidas apropriadas e exercícios leves. Desta vez amarrei a literatura em pacotes de cinco libras para poder manejá-los melhor. Três vezes por dia eu segurava um pacote de cinco libras em cada mão e os levantava centenas de vezes para desenvolver um melhor sistema muscular para a viagem. Tinha que ser capaz de lançar com meu braço esquerdo, em vinte minutos, dezessete caixas de pacotes de cinco libras, depois de cortar as amarras de cada uma. Centenas de libras com perfeita coordenação. Haviam-se passado apenas três semanas entre a mesa de operação e a viagem, mas eu confiava na ajuda de Deus. Na noite anterior à minha saída da Califórnia para reunir-me com Mel na Costa Este, Ofélia me ajudou a carregar a furgoneta. Esta seria nossa viagem mais longa e perigosa. Ainda que estava registrado legalmente em Cuba, contudo, voaríamos num monomotor por muitos quilômetros de mar e isto à noite. Na manhã de minha saída para a Flórida parei

ao lado do berço de Daniel. Ele tinha pouco mais de um ano de idade. Coloquei minha mão sobre o pequeno embrulhinho que dormia sob as cobertas e orei: “Oh! Jesus, ele é teu. Cuida dele, Senhor. Caminhei na ponta dos pés até o quarto de Dorothy e orei por ela enquanto dormia. Junto à porta, beijei Ofélia, enquanto ambos escondíamos as lágrimas que teimavam em rolar.

- Deus te abençoe, Ofélia - disse eu.

- Deus te abençoe também, querido - sorriu ela. Estarei orando por ti.

Desprendi suas mãos e me afastei a grandes passadas em direção ao futuro. Mesmo que pesasse muito em meu coração a salvação de Cuba senti a agonia da separação de Ofélia e das crianças. Se não fora pelas palavras de Jesus em Mateus 10.37-39, eu não teria permanecido firme na minha decisão, nem teria feito aquela última viagem. Jesus disse: “Quem ama o pai, ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e não segue após mim, não é digno de mim. Quem achar a sua vida perde-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.”

Eu amo a minha família profundamente. Mas à luz do grande amor sacrificial e perdoador de Deus, o que poderia eu fazer além de colocá-lo em primeiro lugar? Seu amor me cobria, a mim e a minha família. Também me impelia, me movia e me encorajava para fazer aquela viagem.

Eu era provavelmente o único passageiro que viajava pela *National Airlines*, levando dezessete fardos extras de bagagem. Depois de encontrar-me com Mel naquela noite em Orlando, passamos em casa de Ronald e Bárbara Stainsfield. Revisando os detalhes de última hora para a viagem em casa deles, oramos e comentamos a Palavra de Deus, com Ronald. Um versículo era: “Toda ferramenta preparada contra ti não prosperará” (Is 54.17). Outro estava no trecho em que Elias tocou com sua capa nas águas e elas se abriram. A família Stainsfield era um maravilhoso núcleo de fé e poder em Cristo Jesus. O seu lar não era apenas uma casa, mas também uma igreja e isto serviu de grande consolo para nós.

O dia 26 de maio amanheceu brilhante. Quando Mel e eu decolamos da pista do Aeroporto Internacional de Orlando, em nosso *Cherokee Seis*, o céu estava claro. Ainda ouvíamos a voz do

controlador de vôo no aparelho de rádio: “Que maravilhoso dia para Bimini. Tenha um bom dia, Oito, Zero, Julieta”.

Nosso vôo nos levaria sobre Bimini, depois a Nassau, onde deveríamos fazer escala, antes de iniciar nossa viagem por instrumentos sobre Cuba, até Montego Bay, Jamaica. Em Nassau recebemos informação de que haveria mau tempo. Uma tormenta estava passando pela área onde deveríamos voar. A localização exata da concentração chuvosa era desconhecida. Ela não era perigosamente severa, mas poderia apresentar problemas. Mel e eu nos olhamos sem dizer nada, enquanto o teletipo fazia o seu ruído característico. Os quadros e mapas que registravam o tempo, mostravam uma situação de risco. Mas de quanto risco? Sem fazer muito alarme nós simplesmente continuamos planejando o vôo. Se não fôssemos nesse, levaríamos vários dias para conseguir outra permissão de Cuba e outras complicações poderiam surgir. Mel havia comprado uma camiseta com a frase: “É melhor nas Bahamas”. Comparado com o lugar por onde estávamos voando *deveria* ser muito melhor nas Bahamas.

Uma vez mais estávamos a caminho. A tarde de 26 de maio estava quente, quando decolamos de Nassau. Enquanto Mel começava a alcançar a altura de 3.500 metros, terminei de abrir as dezessete caixas de literatura. A noite estava caindo, quando nos aproximamos da costa cubana e da nossa fatídica passagem pelo corredor de Maya...

Um tremendo barulho, como o toque de um sino, interrompeu meus cochilos. Sentei-me, enquanto o grande ferrolho de metal deslizava atrás da porta da minha cela, que era uma placa de ferro sólido, e uma janelinha se abriu. Fui levado a uma sala de interrogatório. Constantemente, tinha de virar o rosto para a parede, para não ver o rosto de outro prisioneiro. Minha escolta bateu na porta e entrei na cabine. Sentei-me à frente de uma mesa. Do outro lado estava sentado um homem com o qual eu gastaria algumas centenas de horas, o capitão Antonio Santos Salazar (é provável que não fosse este o seu verdadeiro nome). Satisfeito com sua posição de comando, com seu uniforme verde com estrelas douradas, sentou-se com toda a compostura, de braços cruzados e sorrindo, feliz como um gato que finalmente apanhara o rato. Devido ao meu cansaço, lembro muito pouco daquele primeiro interrogatório, exceto o fato de que ele esperara longo tempo para ouvir-me. Quando me devolveram

à cela 44, tomado por uma espécie de aturdimento emocional, me recostei na cama e de novo me virei de um lado para outro, tentando dormir. Alguma coisa se agarrou ao meu cabelo, roçando-me o coro da cabeça. Levantando-me para livrar-me de uma possível aranha, ou outro inseto, senti um fio balançando-se preso à corrente que sustentava a cama. Achei uma cruz que havia sido feita com dois pedaços de trapo que estavam trançados. Sentei-me de um salto, olhando. Estava ali na penumbra da cela, uma cruz. Ela pendia de outro pedaço de trapo que estava enrolado com um fio de cabelo.

- Um irmão esteve aqui antes de mim - disse eu com minhas forças renovadas. Agora se havia estabelecido uma comunhão mística, além de muito real em Cristo. Eu não estava só. Deus se havia preocupado. Outros haviam caminhado exatamente a mesma estrada que eu palmilhava agora. Isto não era simplesmente um alento ou um esforço; era um poderoso laço espiritual entre eu e Deus e este outro crente. Algum dia, talvez viesse a conhecê-lo.

Poucas horas depois despertei de um sono ligeiro, quando foi distribuído um pedaço de pão branco e duro e algo parecido com *leite*. Soubemos mais tarde que aquele "leite" vinha da China, em pó, para alimentação exclusivamente de animais. Algumas vezes me parecia terem colocado nele alguma droga.

À medida que clareava um pouco mais, comecei a reparar. A janela consistia de duas aberturas feitas na parede de concreto, tornando impossível ver de dentro para fora e de fora para dentro. Notei a palavra milagre riscada no reboco da abertura inferior. Perguntei que tipo de milagre poderia retirar-me dali e dei graças a Deus pelo fato de ainda estar vivo. Pela primeira vez me dei conta de que a cela tinha quatro camas de madeira. Na tábua da cama oposta à minha estava riscada a palavra *Deus*.

- Bem, Senhor - disse eu em voz alta. Tu certamente fazes bem todas as coisas. Não somente tinha eu o sinal de Jesus, feito de trapo em minha cela, mas também tinha inscrições de Deus, o Pai, e Espírito Santo. Pouco depois de minha descoberta, me vieram buscar para outro interrogatório. Segundo o que eu sabia, Mel havia desaparecido por completo. Entrei de novo na saleta do capitão Santos. Ele estava sorrindo e esfregando as mãos.

- Bem, bem, Tomás. Imagino que agora sabe que sua missão

fracassou desta vez, hein? Sim. Fracassou. Ano passado escapou sobre Matanzas, mas agora está aqui.

- Capitão, ainda que nos tenhamos acidentado aqui, a missão não fracassou - disse eu, olhando-o firmemente. Como vê, toda a literatura foi distribuída. Não importa o que o senhor possa fazer-me. Vai me fuzilar?

Ele sorriu, balançando a cabeça e balbuciou um não. Estava começando uma campanha de técnica suave.

- Vocês da CIA sempre falam de pílulas venenosas e coisas assim, mas isso é puro drama... nunca as tomam. Disse isso como se divertisse.

- Se lhe agrada saber, não vai morrer. E nós não vamos fuzilá-lo.

Santos tinha um de nossos folhetos nas mãos. Estava encantado, porque este era um folheto sobre o Evangelho escrito especialmente para ele, um marxista.

- Sabes que encontraremos toda essa literatura, não? - disse ele brusca e seriamente. Porque nosso povo revolucionário está levando isto voluntariamente à polícia. Estão achando os impressos nas ruas, por todas as partes. Nós os apanharemos todos. (Mais tarde, soube que isto era uma mentira; a literatura havia sido bem recebida.)

- Ainda que os haja confiscado todos, menos o exemplar que está em suas mãos, minha missão não falhou - disse eu ironicamente. Somente o fato de que o senhor o está lendo é importante para mim. Se algum dia apenas o senhor resolver aceitar Jesus como seu Salvador, então minha viagem terá valido a pena.

Ele pareceu tocado e desconcertado com o que eu disse. Leu-o novamente. Escudando-se, porém, na sua terminologia marxista chamou o folheto de "leitura para distrair".

- Capitão, o senhor fala de paz, da paz mundial, posso lhe fazer uma pergunta?

- Bem, disse ele sorrindo e inclinando-se para a frente, esperando manter o diálogo, para sutilmente arrancar alguma informação.

- O mundo está cheio de nações, certo? - comecei. Estas nações têm cidadãos que vivem em estados e províncias.

Franziu a testa numa olhadela desconcertada e balançou a cabeça.

- Os estados têm cidades, as cidades têm ruas e as famílias vivem nestas ruas. Então a unidade básica do governo é a família, não é verdade?

Ele levantou a sua mão em forma de protesto.

- Não. O Comunismo não está organizado a partir da família. É um movimento de massas, respondeu visivelmente irado.

- Capitão Santos, o senhor discute com sua esposa?

Distraído por essa referência pessoal, sossegou um pouco, tranqüilizou-se, sorriu e sentou-se de novo na poltrona de couro vermelho.

- Bem, temos nossos desacordos, como todo o mundo certamente os tem.

- Então, pressionei eu, como pode o senhor falar de paz mundial quando nem sequer tem paz no seu lar? Ela tem que começar em seu próprio coração.

- Não, não - disse ele mais irado ainda.

- Jesus pode transformar a sociedade, desde que se permita levar amor individualmente aos corações, às famílias, de rua em rua, de casa em casa. Ele me permite ter paz, mesmo numa hora como esta, quando estou sendo interrogado pelo senhor.

Repentinamente a porta se abriu bruscamente e um major entrou na sala todo empavonado. Apesar de seus mais íntimos pensamentos, ele sempre estava ouvindo ou revisando as fitas gravadas de minhas entrevistas com Santos. O major franziu a testa e se colocou ameaçadoramente diante de mim.

- Pare de falar de Jesus! Você pertence à CIA - gritou, agitando selvagememente ambas as mãos.

Desejava dizer-lhe que o exército que eu representava era muito maior em número e infinitamente mais capaz do que a CIA. Os soldados de Jesus empregam uma arma muito mais poderosa nesta guerra, que não é contra a carne nem o sangue, mas contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais. E essa arma é o poderoso amor de Deus. Quando eu pensava em dizer tudo isto, me ordenaram que voltasse à cela.

O sentimento de total alheamento que Santos intentou criar estava começando a me oprimir nos primeiros dias. "Tua família pensa que estás morto" - dizia-me com freqüência. Isso era uma

mentira deslavada, porque a esposa de Mel, Mary, havia chamado a guarda costeira de Miami e sabia que tínhamos descido em Cuba.

- Podemos mantê-lo aqui por anos. Ninguém sabe de você.

Enquanto remexia-me na cama considerando isto, uma onda de desespero começou a tomar conta de mim. Lembrei-me de que o livro de Apocalipse diz que aquele que pertence a Jesus tem o seu nome escrito no Livro da Vida. Em voz alta declarei: “Meu nome está escrito no Livro da Vida”. Passei a sentir-me um pouco mais aliviado. Sem perceber estava empunhando a Espada do Espírito, usando a Palavra de Deus para derrotar essa opressão diabólica. Levantando-me da cama repeti o mesmo pensamento. “Meu nome está escrito no Livro da Vida”. Não parava de pensar na profundidade deste conceito espiritual, mas estava funcionando. Essa declaração verbal continuava empurrando as trevas para trás e podia sentir a força fluindo através de mim. Pulei da cama, levantei as mãos para Deus e gritei: “Graças te dou, Senhor, graças te dou. Eles podem fazer o que quiserem comigo, porque meu nome está lá. Eu sei que meu nome está lá”. As lágrimas se tornaram em alegria e libertação, enquanto o Senhor me confortava. O louvor e a confissão de sua Palavra haviam quebrado uma das muitas correntes com que Satanás planejava prender-me. Pensar deste modo era tão estimulante que eu não somente permanecia livre, mesmo estando na prisão, como também podia fazer alguma coisa para o que - tristemente reconheço - raras vezes tivera tempo antes. Era-me possível buscar a presença de Deus.

A Terceira Pata do Gato

Durante aqueles meus primeiros dias fáceis de interrogatório, comecei a andar de um lado para outro em minha cela que era de mais ou menos três metros. Conhecendo as experiências de meus amigos cristãos que haviam sido encarcerados por causa da obra de Deus na Romênia, Bulgária e Rússia, reparei que minha cela era bastante espaçosa para quatro prisioneiros. Enquanto caminhava os cinco passos repetia os nomes de personagens da Bíblia, fazendo um retrospecto de suas circunstâncias: *Daniel*, dois, três, quatro, cinco; *Raabe*, dois, três, quatro, cinco; *Sadraque*, dois, três, quatro, cinco; *Paulo*, dois, três, quatro, cinco.

Lembrei-me de Vasile Rascol, cuja cela era tão pequena que lhe havia causado varizes; Sabina Wurmbbrand que comia erva e desmaiava devido à fraqueza e seu esposo, Richard, que por mais de um ano dormiu sobre uma prancha numa sala de moribundos.

Podia ouvir os seguranças cada fim de semana no seu “canto eclesiástico”, no pátio, cantando lemas políticos. Qualquer um que diga que o Comunismo não é uma religião nunca viveu dentro dele. Muito me admiro de que nossos seminários e institutos bíblicos ensinem formas de evangelizar os budistas e indus, mas não os marxistas, que constituem agora uma das maiores “igrejas”. Estou falando de uma doutrina do ateísmo, meticulosamente preparada de materialismo dialético, que os seguidores fiéis devem colocar acima de suas esposas, filhos e até de suas próprias vidas. Não é isto uma “religião”?

Os dias passavam. Santos sempre sorrindo:

- Lembre-se, não precisa responder, mas essa luz de sua cela permanecerá acesa o dia inteiro e toda a noite. Quanto tempo deseja esperar? Um ano? Não, não vai levar tanto tempo. Teremos acabado com você antes disso.

Naquele dia, enquanto estava na minha cama, pensando no que ele dissera, ouvi alguém assobiando *Star Spangled Banner*, o hino nacional dos Estados Unidos. Saltei rápido da cama e coleei o ouvido ao postigo da porta de aço; talvez fosse um cubano. Haveria outros norte-americanos ali? Assobieei uns compassos do Hino da Marinha e esperei. Uns poucos segundos mais tarde, soando pelo corredor vieram os demais. Então havia outros de nós ali. Mas a velha frase “Há segurança nos números” não se aplicava àquela situação.

Eu havia mencionado ao capitão Santos acerca das leis internacionais, contra a retenção de pessoas sem julgamento prévio, mas ele apenas sorriu e disse:

- Onde você pensa que está? Aqui é Cuba.

Mais tarde conheci um norte-americano, Lester Perry, que estivera preso ali durante dez anos sem que houvesse um julgamento. Quando Lester finalmente foi à corte deram-lhe dez anos de prisão. Na semana seguinte, quando os comunistas souberam que ele já estivera preso por dez anos, deram-lhe mais um ano de prisão.

Perto do final da primeira semana, o capitão - com um certo ar de drama, prometeu mostrar-me algo. Na manhã seguinte, tirando um lenço marrom com grande ostentação do seu bolso, riu de modo turbulento.

- Encontrei um objeto seu. Lembra de quando lhe prometi uma surpresa?

Abriu lentamente o lenço e deixou cair do mesmo sobre a mesa a pequena cruz que eu encontrara na cela. Depois, com um sorriso triunfante, se recostou na cadeira para estudar minha reação. Senti pena dele; não havia poder naquela cruz nem em nenhuma relíquia física. O poder está em Jesus, vivendo em nós e renovado cada dia por meio do Espírito Santo.

- Esta cruz é somente um símbolo - tentei explicar. Não é importante. Além do mais não a fiz; um irmão em Cristo a confeccionou. Mas eu fiz outra ontem e está balançando exatamente no lugar de onde o senhor apanhou esta.

Sua reação me surpreendeu. Santos saltou de sua cadeira,

como se ela fosse um assento ejetável, me agarrou e quase correu para cima, voltando à cela. Achando a outra pequena cruz, arrancou-a da cama com um puxão, gritando:

- Os Estados Unidos pagarão milhares de dólares por isto. Sua mente se havia programado para converter-se numa engrenagem de ódio e medo, formulada cuidadosamente para ele por Marx e Lenin. Marx, a voz do trabalhador (o qual dificilmente chegou a trabalhar um dia em sua vida, senão que vivia às custas de outras pessoas), havia pedido a abolição da religião, referindo-se a ela como o ópio do povo. Mas este capitão, parado à minha frente, gritando e de olhos vidrados, que apertava uma pequena cruz em sua mão, me estava mostrando o que era realmente um ópio ideológico. Sua frustração se fez mais do que evidente. Mais tarde, durante a nossa conversa, eu lhe disse que Deus cuida de todas as nossas necessidades e também expus a maneira pela qual Ele pode prover para aqueles que o amam mesmo em circunstâncias não usuais. Mencionei o profeta Elias que foi alimentado pelos corvos; o capitão grunhi e nada disse. Enquanto me reconduzia à minha cela naquela noite, gritou na frente dos guardas: "Vocês são da CIA! da CIA!" Pareceu-me que ele fazia essa pequena representação mais para encorajar-se a si mesmo do que para me intimidar. Passou a mão pela cama e arrebatou a vasilha onde me serviam a comida.

Na manhã seguinte, na sala de interrogatório, inclinou-se na sua cadeira e disse com desprezo:

- Os corvos lhe trouxeram comida à noite passada?

- Não - respondi eu, com tranquilidade. Mas Deus me deu uma espécie de comida da qual o senhor nada entende.

Isto o intrigou e zombou de mim, como se eu estivesse louco. Contei-lhe sobre o gozo de amor e alegria que Deus me fizera sentir. Pareceu-me que ele estava realmente decepcionado, porque não havia acontecido nenhum "milagre". Era como um Herodes triste e faminto. Depois de uma semana, cansou-se de nossas discussões espirituais, as quais considerava como um trampolim ideológico e tentou recomeçar seu programa de sugestionamento regado com uma crescente impaciência.

- Sabia que está empalidecendo cada dia? - dizia com sarcasmo. Fixando os olhos em mim com interesse, estudava meu rosto e falava sobre o câncer, que, segundo ele, estaria crescendo de novo. Isso não me importava.

- Olhe capitão, disse eu com desdém. Provavelmente eu tenho mais cursos de psicologia do que o senhor. Não pode me impressionar com essa história de câncer.

Jogando os braços para levantar-se, veio até junto de mim com seu ego seriamente ferido, achando que eu me julgava superior a ele devido à minha pele clara e me acusou de racista.

- Isso é ridículo. Minha esposa é da Costa Rica e meus companheiros de classe eram africanos. Contra-ataquei em vão. Estava usando outra técnica separatista - a racial. Apertou um botão ao lado de sua mesa e a porta da parede atrás dele se abriu violentamente. O major baixinho e musculoso entrou e começou a bater na mesa com as mãos fechadas.

- Você não pode falar desta maneira... este Jesus Cristo... toda esta religião... - disse aos gritos. O que você acha que é isto aqui? Pensa que isto é a polícia normal e comum? Esta é a G-2! G-2!

Fez uma pausa para enxugar a saliva de seus lábios, tirando um objeto do seu bolso e jogando sobre a mesa. Fiquei maravilhado. Era um envelope dos que eu havia lançado no mar em 1973.

- Milhares destes chegaram às nossas praias! - gritou o major. Por que a literatura deste envelope é da mesma classe da lançada da avioneta?

Nem me preocupei em responder. O que poderia dizer? Fascinado por rever aquele envelope igual ao que fizera há sete anos, estendi o braço e o agarrei, sentindo os poucos grãos de areia branca que se acumulavam na costura exterior. Ele continuou gritando, procurando intimidar-me, mostrando quanto sabiam. Não ouvi nada. Estava intimamente regozijado. Havia esperado sete anos pelos resultados e finalmente os tinha.

O enojado major Alvarez continuou dando-me informações. Muita gente havia recebido a literatura. A polícia também achara parte dela. Era maravilhoso. Muitos oficiais da polícia o leram. Ainda que estava pouco seguro de tornar a ver meus entes queridos, sentia-me feliz por saber que o "pão do céu" havia voltado às minhas mãos através das águas.

O major ainda não terminara. Evidentemente notara a alegria no meu rosto. Abriu a porta de trás e fez um gesto com o dedo.

- Quer jogar beisebol? Na outra sala tenho uma bola e duas raquetes. Vamos! vamos jogar!

Estava respirando pesadamente e seus olhos pareciam injetados de sangue. O beisebol ao qual se referia não era propriamente um jogo. Balancei a cabeça. De volta à minha cela com o capitão Santos, foram-me lançadas as mesmas acusações.

- Você é um espião da CIA! Comece a falar e desista de voltar a ver sua família!

Ainda assim as pequenas coisas eram usadas por Deus para dar-me força. Talvez seja assim com outros poucos afortunados que aprendem a guardar segredo, enquanto observam o que acontece ao seu redor. Eu tinha muito o que aprender. Podia escutar os pássaros. A sua música. Lembrei-me de que se Deus cuida dos pardais, cuidaria também de mim. Certa vez observei uma pequena concha marinha de cor branca que estava incrustada na mesa do interrogador. Durante dois ou três dias sentei-me silenciosamente diante de Santos estudando a concha marinha, enquanto ele desfiava fielmente o seu rosário ideológico, adornando-o com sarcasmos e ameaças. A perfeita arquitetura de Deus era maravilhosa e fascinante. Quão feliz sentia-se Ele enquanto estava criando esta obra de arte. Uma tarde, reparando que eu não lhe prestava atenção, o capitão parou de esbravejar.

- O que está olhando tão fixamente?

- A concha marinha.

O capitão se inclinou para olhar e depois levantou as sobrancelhas, como se dissesse: E daí?

Sentado na minha cadeira dura de madeira, com os braços cruzados como se me exigia, falei calmamente:

- Como vê, estou muito admirado diante de uma coisa tão bela. As curvas em espiral do seu interior são perfeitas; é uma obra de arte incomparável. Deus sempre foi um arquiteto sensível.

O capitão somente grunhiu, fazendo ironia diante do pequeno sermão.

- Talvez - continuei - Deus tenha um apreço e amor pela beleza bem maior do que os nossos. Talvez ele possa colocar essa beleza em nós também.

Santos encolheu os ombros e agiu como se estivesse impressionado.

Antes do meu interrogatório no dia seguinte o capitão tinha outra mesa. A concha marinha não estava ali, mas o seu construtor continuava. Comecei a reparar que mesmo não sendo muito

brilhante para os debates ideológicos nem um técnico em explicar teologia a um ateu, o Espírito Santo podia usar-me às vezes de maneira simples para sua glória. O capitão estava usando suas armas de lógica, ciência, psicologia e materialismo, mas não estava afinado com o Criador do universo. Minhas respostas não eram extraordinárias, mas eram o fruto do amor que havia no meu coração. Antonio Santos parecia fraquejar. Tentou empregar um método novo. Nos dias seguintes Santos começou a usar os nomes dos meus filhos para atormentar-me. Eu nunca me havia referido aos nomes deles diante dele, mas era evidente que minha família fora investigada nos Estados Unidos.

- Então, como está Daniel hoje? E Dorothy, como vai?

Santos ria-se abertamente, empurrando sua cadeira para trás e cruzando as mãos sobre a cabeça. Era muito provável que tivesse notado o meu abatimento. Sua nova flecha atingira meu coração.

- Meus filhos estão nas mãos de Deus. Um dia eu os verei no Céu.

Minha voz quase se embargava.

- Mas você - pressionou Santos - está em nossas mãos! Não os verá mais. Como serão eles daqui a alguns anos, crescendo sozinhos sem seu pai?

Fez uma pausa, enquanto seus olhos pareciam me retalhar.

- Você acredita que poderão estranhá-lo?

Não posso descrever a dor e nem gosto de pensar a respeito. Foi o pior dia da minha vida.

Eu tinha ouvido que em outros países comunistas, na Romênia, por exemplo, colocavam crianças na cela ao lado da de um prisioneiro e as açoitavam, fazendo-as chorar e gritar. Ao prisioneiro diziam que eram seus filhos. Depois de ver Santos referir-se aos meus filhos, acreditei que isto fosse possível.

O major Alvarez entrou de novo. Era evidente que estes oficiais estavam sendo pressionados para apressar o processo de interrogatório. A pressão vinha de seus superiores. Eu, porém, não sabia se nossas famílias tinham ciência de que ainda estávamos vivos. Gritando uma vez mais, o major me ordenou que deixasse de me referir a Jesus e confessasse logo que eu estava ligado à CIA; mas, em sua fúria, me deu mais informações.

- Está pensando que estamos na China? Não acredita que podemos invadir toda a ilha de Manzanillo e encarcerar todos eles?

Sorri intimamente ao saber que Manzanillo comentara sobre o espetáculo que lhe proporcionamos a uma e vinte da manhã. Esta fora talvez a maior diversão que tiveram nos últimos anos. Esperava que não ficassemos retidos por muito tempo e que nossas famílias viessem a saber do nosso paradeiro. Em certa ocasião entrou na sala de interrogatório com o major, um homem negro, em roupas de civil, que dizia ser o chefe deles. Soprou a fumaça do cigarro contra o meu rosto, me encarou e me advertiu friamente.

- Estamos cansados de brincar com você. Pensa que sua religião é forte, mas não é. A nossa é três vezes mais forte do que a sua.

Depois de outra saraivada de perguntas inúteis, como um boxeador, foram embora desiludidos. Ficando sozinho comigo, a atitude do capitão pareceu mudar.

- Já estive antes em clima frio? - perguntou-me amavelmente.

- Sim - respondi, suspeitando dessa abrupta mudança.

- Aprecia a neve?

- Pode ser divertida.

- Em que espécie de clima tem vivido? - perguntou, voltando a pressionar.

- Durante os últimos dez anos tenho vivido em áreas quentes do mundo.

Sorriu e fez um movimento para que o guarda me escoltasse até a minha cela 44.

Desta vez minha cama havia sido presa contra a parede. Deitado no chão, cantei um hino, com a cabeça apoiada sobre meus sapatos.

- Pare de cantar - gritou o guarda, que estava próximo à porta da minha cela, do lado de fora. Comecei a apenas murmurar.

- Pare com isso também.

Assobiei "Castelo Forte é o nosso Deus".

- Se isso é um hino, nem assobiar você pode - disse com aspereza.

Meus algozes começavam a pressionar. Lá pela meia-noite, minha porta foi aberta e cinco homens troncudos entraram como que trotando. Um deles enfiou, à força, na minha cabeça, um saco espesso e o amarrou em volta do meu pescoço. Pensei que seria massacrado. Horrorizado, estendi os braços para a frente e gritei:

- Eu falo! Eu falo!

Fui levado para fora do prédio e jogado no interior de um carro. Dois ou três dos homens sentaram-se no banco de trás com os pés sobre mim. O carro deu várias voltas pelo quarteirão. O motorista manteve o pé no acelerador a maior parte do tempo, fazendo o motor roncar para dar-me a impressão de que estávamos indo para outra prisão. Nos meses seguintes, aprenderia, ao escutar os sons fora da minha janela, que estava de fato voltando ao mesmo edifício. Desta vez os guardas me levaram a um departamento localizado no segundo andar, onde são usadas técnicas mais violentas. A princípio, me preocupei, porque me parecia estar me sufocando, pois dava-me a impressão de que não podia respirar através do capuz; o arame ou corda estava apertado em meu pescoço. O carro parou e me fizeram tatear, saltar, engatinhar pelo chão para chegar a outra porta de entrada. Escutei o barulho de uma grande porta de ferro abrindo-se enquanto os homens me empurravam para ela. A primeira coisa de que tomei conhecimento dentro desse departamento foi de um tremendo barulho de rugidos. Pus-me de joelhos, pulei e engatinhei um pouco mais enquanto me levavam para outra cela. Arrancaram o capuz da minha cabeça e me deixaram de pé na sala fria e escura. Grandemente aliviado da preocupação de ser espancado, esforcei-me para enxergar, mas não consegui. Depois, enquanto minhas emoções e temperatura esfriavam um pouco, senti o frio que entrava pela abertura acima da porta. Descobri de onde vinha, levantei a mão e senti o vento que saía de um vão de quase um metro de comprimento por treze centímetros de largura. O mesmo estava meio fechado com uns trapos. Meu casaco fino de algodão não ajudava a tapar o frio. Estendendo os braços explorei a cela e achei uma cama com os suportes quebrados, um colchão malcheiroso e uma velha cadeira de madeira presa ao chão.

- Bem, isto não está tão mal - disse eu entre os dentes. Pelo menos estou inteiro.

Perguntei-me porque não desejavam deixar marcas no meu corpo. Talvez tivessem razões especiais para cada coisa que faziam.

Recostei-me, mas era impossível dormir com o frio que fazia. Às vezes usei a palavra "refrigerada" ou "com ar condicionado" para descrever esta cela. Sabendo da minha fraqueza física e de minha insônia, eu me perguntava quanto tempo poderia

sobreviver naquela cela. O que me parecia mais precioso e necessário e que eu não podia fazer naquele momento era dormir. Durante aquele tempo, mamãe orava por mim no Texas. Pedia que Deus me desse sono. O Espírito Santo conhece todas as nossas necessidades mais prementes. No dia 17 de junho de 1979, Ofélia escreveu uma anotação muito significativa em seu diário. O Senhor havia falado com ela.

“Hoje não tenho palavras suficientes para agradecer ao Senhor por sua bondade para com meu marido. Neste momento o Senhor me está mostrando o seu poder e sei que Ele está ajudando ao meu esposo na prova pela qual ele está passando. Aleluia! Glória a Deus! Porque sei que Ele vai trazer meu marido de volta são e salvo e a glória será para o Senhor. Bendito seja o seu nome!”

Não posso crer que isso seja verdade agora, mas é uma realidade que Deus opera em cada um de nós de tal maneira que quase explodimos de alegria em qualquer circunstância. Aleluia!

Algumas vezes a fé de Ofélia atravessava o Oceano e chegava até minha clausura. Várias vezes eu era arrastado e tinha de engatinhar para ir às sessões de interrogatório, sempre com um capuz me envolvendo a cabeça. Procurei imaginar a mão luminosa de Deus à minha frente. Via-me de pé no centro dessa mão protetora e alentadora. Depois lembrei-me da promessa de segurança em João 10.28: ‘E dou-lhes a vida eterna e nunca hão de perecer e ninguém as arrebatará de minha mão’. Eu estava nas mãos poderosas de Deus, não importava o que eles me fizessem. Sussurrei esta promessa quando fui colocado sobre um suposto precipício. O capitão sorria quando me tiraram o capuz, sentado atrás de sua mesa na pequena e fria sala.

- Está um tanto quente hoje, não acha? - dizia zombando, enquanto se livrava da jaqueta militar e começava novo tiroteio de perguntas.

- Para quem você trabalha?

- Trabalho para Jesus.

- Ah! Sim! Quanto Jesus lhe paga por estas viagens?

- Eu faço estas viagens sem preço. Meu pagamento é a bênção e o amor de Deus por obedecer-lhe.

A maioria de suas perguntas era centralizada no dinheiro, na CIA e na revolução. Estes eram os únicos conceitos de poder que ele parecia entender. Depois de três ou quatro dias de frio e pouco

sono, comecei a usar uma forma de poder que era novo e perturbador para ele. Estava demasiado cansado até para sequer seguir sua linha de pensamento. Sentava-me à sua frente com minha cabeça pendente e meu pensamento ao longe. “Como posso lutar contra isso? Poderia continuar para sempre”. O Espírito Santo me deu uma porção de compaixão por ele. Deixei de responder suas perguntas e olhava diretamente em seus olhos. “Oh! Deus! Ajuda o Antonio! Penetra em sua vida, Jesus. A frieza que toma conta dele é pela falta do calor que vem de ti”. Continuei orando à frente dele desta maneira durante horas. Suas perguntas vieram com menos frequência, até que ele finalmente parou.

- O que está fazendo?

- Estou orando pelo senhor.

Sua boca se abriu. Passou a mão atrás da cabeça e depois procurou nervosamente por um cigarro. Era a primeira vez que o via fumando. Continuei sentado tão rigidamente como me era exigido, orando e olhando. Ele passeou várias vezes em volta da sala e logo começou a tamborilar na mesa. No interrogatório seguinte, me surpreendi ao vê-lo usando óculos escuros. Era evidente que não desejava deixar-me ver seus olhos. Deus não precisa de contato visual. Ele opera no coração. Continuei orando. Santos mandou chamar Alvarez. O major era sempre o último recurso. Entrou como uma tempestade na sala, com o rosto vermelho e raivoso de sempre.

- Então você está pensando que isto é uma brincadeira, hein?

- gritou, batendo com força na mesa, para dar maior austeridade. Agora você vai conhecer a terceira pata do gato.

Algumas vezes eu ouvira homens gritando e arrojando-se contra as portas de ferro; era difícil escutar a maioria dos ruídos devido ao ronco do sistema central de aquecimento e resfriamento daquela unidade do prédio. Fui jogado em outra cela. Tiraram-me o capuz e em questão de segundos a pesada porta se fechou de novo com estrondo. Um movimento coordenado que certamente havia sido executado milhares de vezes nos anos anteriores. A princípio eu fiquei apreensivo quanto ao que me rodeava, mas me acalmei, pensando que estava no mesmo quarto de antes. Apalpando a parede no escuro, descobri que não havia cama nem cadeira. Nos primeiros minutos, enquanto meu corpo esfriava dos exercícios da outra sala e de haver caminhado pelo corredor, percebi outra

diferença. A abertura por onde ventava, estava totalmente aberta. O ar estava entrando com tanta força que meu cabelo era soprado com violência. Tentei andar naquela sala escura para manter-me quente, estendendo os braços para evitar bater contra a parede. Porém o frio era demasiado. Além disso as idas e vindas me colocavam mais perto da abertura. Acocorei-me a um canto da cela.

- Senhor, me ajuda! - gritei em desespero. Ele me ajudaria e não somente da forma que eu desejava. Vesti minha bata e a enfiei dentro das meias para que o ar não entrasse pelas minhas calças. Depois meti meus braços na parte superior da bata sem mangas. Puxei-a sobre meu nariz para poder esquentar meu corpo com meu próprio hálito. Isto me trouxe algum alívio, mas logo a fadiga e a lenta mas contínua perda de calor corporal me fizeram voltar a tiritar. Não podia sentar-me no chão frio nem encostar-me na parede. A única posição mais suportável era ficar parado de frente para a parede. As horas passaram. Meus pés e minhas pernas se enrijeceram e comecei a pisar forte para obrigar a circulação. Quando os pés estavam inchados tentava ficar de joelhos e meio encostado à parede. Passou-se outro dia. Mel estava sofrendo de calor no andar de cima. Calombos e picadas agravados pelo calor cobriam seu corpo. Eu estava coberto de sujeira e urina e perdera peso rapidamente, devido ao frio e à falta de sono. Não havia ido ao banheiro por mais de nove dias. Uma voz dentro de mim prosseguia dizendo: “Vamos! Desiste! Será muito fácil. É somente tirar as roupas e deitar-se no chão, no centro da cela. Não vai durar mais que alguns minutos. E o sono será tão bom. Estarás logo com Deus.” Mais de uma vez me vieram estes pensamentos.

- Oh! Deus! Vem e leva-me - gemi. Quero morrer, quero morrer. Quero estar contigo, Jesus. Meu espírito descansava nele, mas meu corpo estava agonizando. Orei para que o ventilador sofresse uma pane, que a unidade do compressor enguiçasse. Pensei na confissão da CIA, que eles desejavam. “Bem, são apenas palavras e se isso pode tirar-me deste inferno gelado, então eu blefarei”. Fui até a porta e gritei, batendo nela.

- Quero ver o capitão! Estou pronto para falar.

O guarda saiu imediatamente e uma hora depois puseram-me uma venda nos olhos e fui levado de novo à sala de interrogatório.

Santos parecia bem disposto, sentado de maneira correta

atrás da mesa, acompanhado de um estenógrafo pronto para escrever. Devia ser muito tarde da noite; ele tinha a aparência de quem estava dormindo.

- Quer uma confissão sobre a CIA? - perguntei com simulada sobriedade. Certamente que eu me correspondo com a CIA.

- Quer dizer que você recebe cartas diretamente deles?

- Sim. Recebo um cheque pelo correio, uma vez por ano. Três milhões de dólares.

Esfreguei os braços para me aquecer um pouco, sabendo que o blefe não duraria muito.

- Que aparência tem o envelope? Tem o endereço de quem o envia?

Santos estava começando a parecer desgostoso.

- Não lembro o endereço - disse e encolhi os ombros falando quase veridicamente - Somente dizia: Agência Central de Inteligência da esquina.

Repentinamente, consciente de meu engano, dispensou furiosamente o estenógrafo.

- Tirou-me da cama para me dizer isto?

- Você queria uma confissão sobre a CIA, de modo que lhe dei uma. Sorri afetadamente.

Apertou um botão e desta vez ajudou o guarda a colocar-me o capuz. De volta ao intenso frio. Enquanto fechavam a porta da cela, gemi: Não, Não, Não. Voltei ao meu recanto tropical que agora me parecia um grau mais quente. Não só porque me lembrei de cantar, mas a mão de Deus me estava guiando e ensinando. Enquanto as espécies de castigo cresciam mais em severidade, mais se agigantava meu combate espiritual. Satanás procurava me derrubar com violência, mas o Senhor me levantava com ternura. O Salmo 3.3 diz: "Mas tu, Senhor, és um escudo para mim, a minha glória e o que exalta a minha cabeça". Deus estava cheio de graça, misericordioso e amoroso, buscando somente uma oportunidade para se me revelar por completo. Comecei a cantar de novo esse grande hino que é "Castelo forte". Cantei "Cristo me ama", corinhos bíblicos, e toda canção cristã de que me podia lembrar. Já não estava tão açoitado pelo frio, mas consciente da presença de Jesus. Com os olhos fechados e apenas a cabeça tocando a parede, assobiei, cantei e até imitei um trompete soprando louvores ao Senhor. Ainda que não havia pensado nos versículos

que inspiraram estes cânticos, penetrava numa amplitude da guerra contra o inimigo, o louvor. O Salmo 22.3 diz que Deus habita entre os louvores. Eu não sei como isto acontece, mas sei que é verdade. O poderoso libertador, o Messias, o Salvador estava comigo. Susteve meu debilitado corpo em suas mãos. Eu estava com Jesus, não importava o que acontecesse.

Hipotermia, a queda gradual da temperatura do corpo produzia entre outras coisas, confusão. A Bíblia diz que Deus não é autor de confusão, que Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza e de amor e moderação (2 Tm 1.7). O Espírito que estava em mim iria guerrear por mim. O capacete da salvação iria proteger a minha mente.

Um guarda abriu a janelinha da porta de ferro e olhou para dentro curiosamente. - O que está fazendo?

- Estou louvando a Jesus.

- Por quê?

- Porque o amo - respondi cheio de felicidade.

Fechou bruscamente o postigo e se foi. Eu continuei cantando.

Alguns minutos mais tarde voltou a abrir de novo a janelinha.

- Se ama a Jesus, não cante - ordenou ele e se foi antes que eu pudesse responder-lhe. Senti pena dele, com sua proposta distorcida e triste. Ele trouxe consigo o major Alvarez. Depois de escutar por um momento, disse em tom ameaçador:

- Pare, Tomás. Pare!

Não me preocupei com esta advertência. Estava como que nas regiões celestiais. Seu tom de voz era áspero e vazio como o quebrar de nozes. Prenunciava calamidades. No que me pareceu ser um intervalo de três ou quatro horas, a janela se abriu e a luz de uma lanterna ondulava pelo interior, procurando por mim. Finalmente, depois de dois dias e duas noites, fui tirado daquela cela e colocado na anterior, a qual, embora também fria, parecia quente em comparação com a "refrigerada". Convencida de que eu não era um espião tentando derrubar o governo do seu país, a polícia foi me tratando melhor. Passei outra semana nesta cela, enquanto eles me faziam perguntas sobre meus sete anos anteriores de atividade sobre Cuba. Uma vez que eu mesmo havia planejado a estratégia e execução destas viagens e havia restringido o trabalho a um grupo muito pequeno de amigos cristãos, não havia muito o que eles pudessem saber. Continuaram investigando por meio de

potentes conexões do governo e com propósitos sinistros. Cada sombra e aparência de agressão parecia motivá-los. Isto apresentou uma oportunidade adicional de testemunhá-los sobre o puro, simples e claro corpo de Cristo, que trabalha em todo mundo para realizar a grande comissão.

Pode misturar-se o amor e a esperança de Jesus com uma condenação do marxismo-leninismo? Em Atos 19.26, Paulo condena a adoração da deusa Diana. Ele argumentou que ela não era um ser divino, porque era feita por mãos humanas. Pregou a Cristo como a única alternativa. O comunismo também é materialismo, uma adoração de coisas feitas por mãos humanas. Até que o marxismo seja despertado pelo Espírito de Deus para compreender sua condição e sentir sede, da água da vida, ele odiará a igreja como uma instituição "opressiva". Houve um evangelho para os gregos, um evangelho para os romanos, um evangelho para os judeus. Todos são as boas novas, todos falam do mesmo Jesus, mas cada um foi destinado para anular o ódio ou a fome de cada grupo. Por essa razão insisti na causa de Cristo.

Durante o tempo que passei naquela fria cela, visitei em oração todas as igrejas nas quais estivera antes. Comecei por Batom Rouge, Louisiana, minha cidade natal, viajei ao Texas, Oklahoma, Carolina do Sul, Grã Caimã, Costa Rica, Indiana e Califórnia. Sentei-me com os crentes e cantei louvores com eles. Orei por eles e seus pastores; orei por meus pais e minha família nos Estados Unidos; pelas crianças, por Ofélia e sua família em Costa Rica. Andava cinco passos até cada parede, com os braços estendidos para não esbarrar contra elas. Dava dez voltas para cada nome, enquanto as apresentava a Deus em voz baixa.

Certa vez um guarda abriu a porta e notei o caminho limpo que eu havia feito de tanto caminhar naquele piso sujo.

Finalmente, fui levado de volta ao carro, com a diferença de que desta vez não estava no chão, mas estendido no assento. Quando me tiraram do banco traseiro, bati com a cabeça contra a trave da porta. Tirando-me o capuz, do lado de dentro do prédio, dois homens examinaram cuidadosamente minha frente, para ver se não havia ferimento. Por não ter recebido um tratamento humanitário, me surpreendi ao ver o exame detalhado que me fizeram. Logo cheguei a saber o porquê.

Turista em Havana

- Queremos que fale aos nossos jornalistas - anunciou o capitão Santos. Como vê, não desejamos reter aqui nenhum norte-americano por vinte anos. Mas primeiro devemos conversar com nossos repórteres.

Entendi perfeitamente a implicação no tom sutil. Minha pele estava pálida; eles deviam preparar-me para a entrevista com a imprensa. Deram-me uma escova de dentes, um sabão e uma toalha. No dia seguinte o guarda me fez um sinal com a mão para que o seguisse.

- Venha. Saia para tomar um pouco de sol.

Sol? Eu não havia visto o sol, nem o céu por quase um mês. Segui atrás dele por uma passagem estreita que levava ao pátio de cima até um terraço. Uma parede de concreto de uns três metros por quatro, com barras de ferro na parte superior; era minha jaula onde deveria tomar sol, quisesse ou não. Mais tarde soube que Mel também passara por aquele processo de "bronzamento". O guarda fechou a porta e olhei para cima, o céu claro, fechando os olhos vez em quando para acostumar-me com a claridade. Metro e meio mais adiante notei algumas marcas vermelhas na parede. Estava enxergando mal pela falta de meus óculos, mas aquelas letras tinham mais de trinta centímetros de altura. Estava escrito ali "Meu rei é Cristo". Outro crente havia estado ali antes de mim. Até agora acho graça quando escrevo esta frase: *Meu rei é Cristo*. Inspirado por Deus alguém havia riscado aquela frase com um caco de telha vermelha na parede verde de concreto. "Louvado seja

Deus”, gritei, levantando os braços ao céu perante o Senhor em adoração e gozo. O guarda me havia trazido até ali para tomar sol, mas eu estava deleitando-me com a luz da vida. Sentia-me em comunhão com a Igreja, universal, vitoriosa e fiel. Igreja de Deus. Não posso expressar a alegria e as lágrimas daquele momento.

Encontrei outras mensagens nas paredes: “Sem Cristo nada podemos fazer”; “Viva Deus”, “Jesus é a única solução”; “fala dele no teu coração”. Era o próprio céu. Pesquisei aqueles muros como os arqueólogos devem tê-lo feito com os pergaminhos do Mar Morto; eram mensagens de amor e poder da parte da Igreja vivente para mim. De volta à minha cela, alegre-me pelo fato de que Deus permitira que concedessem vitaminas espirituais para mim de maneira milagrosa. Nas outras vezes em que voltei ao pátio, quando notava que a chuva havia desfeito alguma letra ou frase, tomava um caco de telha e as refazia, agregando ainda outras de minha própria autoria. Nesse ambiente tão faminto e enfermo estas simples verdades eram remédio poderoso. Era uma teologia suficiente.

No interrogatório seguinte, o capitão Santos abriu um grande lenço marrom e espalhou sobre a mesa diferentes objetos de uso dos cristãos. Franziu a testa com desgosto.

- Estas fotos são falsas.

Apontando para uma foto de George Vins na prisão, perguntou:

- Como conseguiram eles estas fotos?

- Os cristãos têm câmeras; há muitas câmeras - respondi firmemente.

Ele ficou nervoso com esta declaração, pensando num exército de espiões. Eu estava pensando num exército de amor, numa milícia de luz. Lentamente passou pelo meu pensamento uma passagem de Mateus 10.26-28, que se refere a perseguição aos cristãos: “Portanto não os temais; porque nada há encoberto que não haja de revelar-se nem oculto que não haja de saber-se. O que vos digo em trevas dissei-o em luz; e o que escutais ao ouvido pregai-o sobre os telhados. E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí antes aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo”.

Ainda não tinha visto Mel por mais de um mês. Ele sofrera a queadura de sua pequena cela, com urticária e infecção. Assim como eu, ele também tivera disenteria. Seu interrogatório era sobre o Vietnam, lutas raciais, política e economia.

Finalmente nos vimos na noite de 3 de julho, quando chegamos em carros diferentes a um estúdio de televisão em Havana. Nenhum de nós havia se olhado no espelho. Ele viu minha pele com uma palidez mortal e meus olhos escuros e profundos. Ainda tinha alguma palidez da prisão apesar de nos terem submetido àquela queimação no pátio. Mel também fora ameaçado antes de falar aos jornalistas. Disseram que seu futuro dependeria do que dissesse. Na realidade os repórteres que estavam sentados no estúdio eram agentes da polícia G-2. Iam fazer uma gravação e um "tape" sobre a liberdade de culto em Cuba; mesmo que nunca tivéssemos visto uma igreja, ou falado com um cidadão. Sentados em cadeiras confortáveis e vestindo nossas roupas de passeio, nos sentimos como se estivéssemos em outro mundo. Trouxeram copos de água fria, mas, tão depressa como começaram as perguntas, nos apercebemos de que, não importando a imagem que se tenha, as mentiras e o ódio têm a mesma aparência, quer seja atrás das barras de uma prisão como num estúdio de televisão.

As perguntas haviam sido previamente formuladas por nossos interrogadores. As respostas foram ensaiadas comigo muitas vezes, de tal maneira que não houve livre demonstração de opinião nos diálogos. Uma vez, os Estados Unidos foram criticados como tendo uma sociedade plástica; quem assim acha, deveria comparar-nos com essa sociedade enlatada do comunismo. O plástico é um luxo.

As perguntas foram feitas várias vezes, até às duas da manhã:

- Quem lhes pagou para fazer estas viagens? - perguntou um homem de idade mediana, que estava sentado perto de uma mesa grande, à nossa direita.

- Ninguém nos pagou - disse eu.

- Não foi financiada sua viagem por algum departamento dos Estados Unidos? - perguntou uma mulher de pele escura, muito bem vestida que estava ao lado dele.

- Não. Foi paga por cristãos que amam e se preocupam com as almas.

Os refletores continuavam jorrando luz, as câmeras giravam sem parar. Santos estava sentado, sorrindo, em roupas civis mais para trás esperando escutar as declarações "corretas".

- Mas não poderiam ter recebido fundos anônimos para vocês de alguma organização governamental? - sugeriu um homem mais velho.

Estavam procurando identificar-nos com a CIA e eu me sentia tentado a atirar-lhes um osso, um conteúdo verbal, para que nos libertassem mais depressa. Meu corpo clamava por liberdade. A luta era intensa. Respondi tão diplomaticamente quanto me foi possível, lembrando das ameaças de dar-me banho de água gelada e vinte anos de prisão. Deram-nos chá com muito açúcar para nos manter acordados. Entretanto, não estavam satisfeitos com nossas respostas. Pararam a entrevista e nos levaram de novo à prisão, às salas de interrogatório.

No domingo, oito de julho, nos levaram a um passeio de duas horas pelas igrejas de Havana, acompanhados da polícia secreta. Uma vez mais estávamos em carros separados e poucas vezes nos foi permitido sair deles. A “liberdade de culto” havia sido mal planejada, se houve algum planejamento. Penso que Deus ou confundiu o motorista ou preparou as igrejas para que dessem uma imagem negativa.

A primeira igreja era uma enorme catedral católica, junto ao mar, na parte ocidental de Havana. Nas janelas e entradas foram colocadas grades de ferro. Uma grade de dois metros por dois metros e meio obstruía o corredor que levava ao edifício. Não havia entrada frontal. Fora aberta uma porta lateral para servir de passagem.

- Talvez não seja hora de missa - observou o capitão Santos com o rosto sério. Depois falou de modo irritado ao perplexo motorista.

O policial que dirigia o veículo onde Mel estava disse que a catedral estava aberta. Então os carros fizeram uma manobra em U para voltar à igreja “certa”. Seis ou sete pessoas estavam dentro e um policial parado do outro lado da rua as observava.

- Viva! a igreja está cheia! - exclamou Santos animadamente. Mel confirmou mais tarde que a igreja estava quase vazia. Vimos duas igrejas católicas mais, com cerca de vinte pessoas em cada uma. Uma delas era um monumento histórico aberto para os turistas, que estavam tirando fotografias.

Fomos ver uma igreja batista, passando por várias esquinas proeminentes onde os edifícios tinham suas portas fechadas com correntes. Todas tinham vidraças, grandes portas e telhados abaulados. Eram igrejas? O nome *batista* havia despencado, ficando apenas a parte onde estava o nome do missionário William Carey. Nem

desta vez nos permitiram sair dos carros. Eu vi somente duas pessoas dentro do edifício. Mel viu três. No meio do que era antes um santuário foi construída uma escada. Durante o "culto" uma mulher entrou no edifício com uns pacotes e subiu os degraus; era um edifício de apartamentos. A viagem especial havia sido realmente muito mal planejada pelos homens, mas muito bem por Deus, o qual operou para que a verdade fosse revelada. O capitão estava muito envergonhado.

- É bastante espaçosa para ser um edifício de apartamentos - disse à guisa de explicação.

Nossos carros se perderam várias vezes. A igreja adventista estava fechada, naturalmente, porque os cultos ali eram realizados aos sábados. Nas janelas haviam placas de metal soldadas. Um grande cadeado havia sido posto na única porta que se abria. Estou muito agradecido pelos olhos mais que eficazes e agudos de piloto do meu companheiro Mel. Sem meus óculos eu podia ver muito pouco estes ocultos detalhes. Disseram-nos que havia muitas igrejas pentecostais, em toda Havana, mas não vimos nenhuma, ainda que nos prometessem levar para visitá-las.

Quando perguntaram a Fidel Castro por que não havia templos novos em Cuba, ele respondeu, de maneira dramática, que havia falta de cimento. Na verdade, Cuba tem tanto este produto que é um grande exportador para o Caribe e muitos países da América do Sul.

Em 9 de julho, de volta ao estúdio de televisão, admitimos ter visto algumas igrejas, mas tivemos o cuidado de nos comprometer o menos possível. Tentei interpor algumas declarações de fé, mas foram cortadas pelo diretor.

- Se tornar a falar em Jesus, vamos pôr sua cabeça na guilhotina - ameaçou o major a certa altura. Desejavam que a gravação fosse estritamente política. Misturei outro *Jesus* em minha resposta mas não fui para a guilhotina. Mel disse que ele cria que Deus o havia enviado para aquela missão. Eles ficaram irritados. Definitivamente não queriam aquela afirmação no seu "tape" nem nos filmes. Às vezes me senti como se estivesse numa prensa. Havia lido durante anos sobre esta pressão sobre os crentes nos países comunistas, mas passar por ela era algo novo. Mel e eu tentamos agradá-los em pequenas coisas, mas aquilo era impossível.

Durante as gravações, o capitão Santos e outros oficiais me

“consolavam” com algumas expressões como “quando chegar em casa”, e “penteie o cabelo para que sua esposa o veja com boa aparência”, construindo falsas esperanças.

Durante algum tempo acreditei. Depois, ao voltar à cela solitária, me jogava sobre a cama e inventava fantasias, sonhando acordado com a liberdade ou com a fuga. Qualquer coisa me parecia viável. A Marinha americana furando o teto da cela para me salvar. Eu mesmo nadando no porto de Havana, tentando agarrar um cabo de algum navio que me arrastaria. Por algum tempo, alimentei este engano, tão mortal e dominante quanto as próprias drogas. Finalmente, depois de uma emocionante e extenuante sessão de sonhos acordado percebi todo o tempo e energia gastos à toa. Depois de pedir perdão ao Senhor, desenvolvi uma rotina disciplinadora de caminhar mais de três quilômetros por dia na cela, cantando e recitando versículos da Bíblia em voz alta. Estes versículos me traziam bênçãos e fortaleza de uma maneira poderosa. Recitando “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13), empunhava uma espada imaginária e abria um buraco na porta com ela. Estava brandindo a espada do Espírito, a poderosa Palavra de Deus. Oh! quanto eu desejava ter memorizado mais! “Escondi a tua Palavra no meu coração para eu não pecar contra ti”, escreveu o salmista Davi. Nós, no mundo livre, necessitamos memorizar a Palavra por muitas razões. Para nossa fortaleza pessoal, quando não estamos lendo na Bíblia, e para o tempo - que pode vir - quando não pudermos ter uma Bíblia. Quanto eu precisava de algo para ler! Lia todas as gravações que havia nas paredes. Algumas foram feitas por Walter Clark, um estadunidense que conheci mais tarde na prisão, e que recebera uma sentença de dois anos, quando seu avião avariado entrou no espaço aéreo cubano. Ele e Bob Bennett foram obrigados a aterrissar por MIGS. Walter, que estava antes na cela 37, havia escrito pequenas notas de amor para sua esposa e filhos nas paredes e na porta.

Então, um dia, o capitão Santos, esperando fazer de mim um “cristão-marxista” (embora isto não exista), deu-me um livro escrito pelo padre Camilo Torres, um sacerdote colombiano. Torres pregava “amor ao teu vizinho”, como um conceito social meramente frustrado pelo que ele julgava ser uma falta de resposta na igreja estabelecida. Este evangelho social, não importa quanto bem vestido esteja de espiritualidade, termina em ruína se não é

permeado com o amor revestidor de poder e salvação que há em Cristo Jesus. A transformação do espírito humano pelo poder e a graça de Deus deve ser algo central e dominante, ou eventualmente as coisas se distorcem e perdem o sentido. As sementes do marxismo plantadas no coração de Torres durante seus anos de Universidade se sobressaíram em seus escritos até o fim. O padre Torres morreu depois de preconizar o assassinato e a organização de bandos terroristas no campo. Nos últimos capítulos, a serpente finalmente levantou a cabeça, mostrando sua verdadeira face. Sua doutrina não era a de uma simples mudança social, ou econômica, mas também de ódio, opressão e morte.

Mas eu encontrei uma verdadeira jóia naquele livro! Devido à minha miopia parcial, tive que tapar um dos olhos para que o outro não se cansasse em demasia. Levantando as páginas até perto da luz fraca, encontrei uma passagem das Escrituras Sagradas em Romanos 8.35-39: “Quem me separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: por amor de ti somos entregues à morte todo o dia. Fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores por aquele que nos amou. Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”.

Foi uma festa para mim. Torres estava usando a passagem como um apelo à guerra física e ao assassinato, mas o Espírito Santo me fez entender sua verdadeira perspectiva: a do amor conquistador de Cristo em quaisquer circunstâncias.

Fraco e novamente barbado, com as roupas rasgadas, completamente separado de qualquer forma de comunicação verbal com aqueles que me amam, permiti que estes ricos versículos me lavassem e me dessem grande consolo. O poderoso capítulo oito de Romanos havia sido escrito por Paulo quando estava na prisão: “Quem nos separará do amor de Cristo?... A tribulação?... a angústia?”

A cada dia o capitão me perguntava ansiosamente se estava gostando do livro. Ele mesmo havia ido buscá-lo na biblioteca, esperando com certeza ganhar-me para o seu lado. Disse-lhe que

estava gostando imensamente do livro. Li-o todo de uma vez e a passagem de Romanos umas sete ou oito vezes por dia. Decorei a passagem, mas continuava lendo no livro e tocando com os dedos no papel, maravilhando-me do grande amor de Deus por mim. Aos poucos comecei a reparar quão famintos da Palavra de Deus são os cristãos nos países comunistas e quanto pode saciar uma pequena porção do Evangelho, ou um versículo apenas ao crente e ao descrente! Como resposta a muitos pedidos oficiais de Washington e de membros do Congresso e outros, fui levado a um hospital do câncer em Havana para alguns exames de Raios X. O capitão usou isto como um pretexto para mostrar-me o tratamento médico “gratuito” em Cuba. Mais tarde eu soube que qualquer artigo adquirido em Cuba - até mesmo um par de calças estreitas e mal acabadas - custava quase a metade do salário de um mês. Comecei a inteirar-me de que ali nada era grátis; aquela pobre gente está realmente pagando caro. Todo remédio deve ser comprado depois da consulta “grátis”. Até as vitaminas de poucas calorias custam o equivalente a um dia de trabalho.

Ao chegar ao hospital, esperei no carro com uma escolta enquanto o capitão preparava o que eu e Mel lembramos como o “incidente das mangas”. Certa vez eu dissera a Santos que estava informado de que devido à exportação o povo cubano jamais desfrutava de suas próprias mangas. Soube que a esposa de Bob Bennett teve que pagar quase dois dias de salário cubano por mangas durante uma visita a Havana. O capitão finalmente voltou ao LADA, um carro russo, onde estávamos esperando. Colocando sua mão em meu ombro levou-me a passo lento pela calçada; todos vestíamos roupas civis. Perguntei-me por que caminhávamos tão lentamente. De repente, uma mulher, que momentos antes saíra do edifício, veio até nós. Trazia uma mochila feita com um pedaço de rede de pescador com umas seis ou sete mangas grandes e maduras.

- Está ficando interessante - pensei - vejamos como eles fazem a jogada.

Ela passou perto de nós e por uns momentos pensei que tudo era legítimo. Mas logo o capitão Santos, o grande herói dramático, não pôde resistir à grande oportunidade de *ganhar um Oscar*. Com sua mão ainda sobre o meu ombro me fez virar para trás. Apontando para a bolsa da mulher que estava passando, exclamou:

- Olhe aquelas mangas.

Maravilhoso capitão. Ele executou um ato de puro exagero. O outro guarda que nos escoltava também mencionou as frutas. Estas foram as únicas mangas que vimos durante nossas viagens de propaganda por Havana. Mais tarde nos serviram tanto a mim quanto ao meu amigo em nossas próprias celas. Estávamos surpresos de ver a fruta. Mangas. Os guardas estavam tão admirados que me perguntaram se eu gostava. Perguntaram a mesma coisa a Mel. Estávamos aprendendo que os comunistas eram mestres na arte do engano, seja manipulando mangas ou multidões de pessoas. Não somente a fruta é escassa, mas também uma centena de artigos era racionada. O livro de racionamento era uma realidade, uma terrível lembrança da pobreza da economia. Muitos culpam ao bloqueio estadunidense pela pobreza cubana. A culpa é, porém, do sistema comunista que despoja o povo. Fidel é um "entendido em economia". Perdeu milhões de pesos em experiências desastrosas durante os anos sessenta. Em seu plano para os coelhos, todos eles morreram por não estarem habituados ao calor tropical. E quanto ao plano dos suínos, era um tipo de animal trazido do norte que devia ser mantido em local refrigerado especialmente para poder sobreviver. Os condicionadores de ar enguiçaram e os porcos morreram.

Castro desejava que fossem plantadas mudas de café num semicírculo em volta de Havana, depois que o técnico britânico que o assessorava lhe disse que era impossível.

E o plano das rãs? O plano dos crocodilos?

Finalmente ao ver que milhões de rublos-pesos estavam sendo jogados no esgoto, os russos colocaram conselheiros soviéticos em cada departamento do governo.

Além disso a triste situação é refletida pelas caricaturas políticas que começaram a aparecer misteriosamente nos muros da cidade durante o tempo em que estivemos ali: um cavalo estava se esfalfando debaixo de uma pesada carreta. A legenda dizia: "Não nos pressionem mais. Estamos quase no chão". O sofrimento e a dor são tão predominantes nos países comunistas que em razão disto aparecem costumeiramente dezenas de chistes. Sempre me pareceu assombroso que ao contar essas piadas pudesse provocar boas gargalhadas. Há uma piada popular que reflete a economia de maneira inequívoca: Fidel queria aperfeiçoar sua polícia secreta e então contratou *Sherlock Holmes*, o famoso detetive, para o

aconselhar. Sherlock rodou num *jeep* com Fidel, por várias semanas sem dizer nada.

- Olhe, Sherlock - disse Fidel - sei que és famoso e tudo o mais. Porém, não me estás ajudando nem um pouquinho. Por que não me dás nenhum conselho?

Sherlock apontou para o décimo andar de um edifício de apartamentos.

- Está vendo aquele homem vestindo uma camisa vermelha nova? Não está usando cuecas, disse Holmes sabiamente.

Castro imediatamente mandou policiais em busca do assustado homem e lhe baixaram as calças. Era verdade. Estava sem cuecas.

- Desculpe Sherlock - disse Fidel. É tudo verdade. Você vale cada centavo que lhe pago. Mas, espera aí. Como pôde saber? É incrível! Você sabe cada detalhe.

Sherlock sorriu.

- Elementar, meu caro Fidel. De acordo com o livro de racionamentos, os cidadãos somente podem receber uma camisa nova ou uma cueca por ano. Uma vez que ele vestia uma camisa nova, não podia estar usando cueca.

Veio um período de espera... Durante cerca de dois meses estivemos confinados em nossas celas separadas. Os olhos e o espírito estavam famintos por tantas coisas que nos eram vedadas. Coisas que muitas vezes pensávamos que estavam garantidas, que nunca nos faltariam: *A cor*. Quando passávamos perto das flores à beira da estrada eu prendia a respiração, deleitando-me com as pétalas rosadas e vermelhas, olhando-as cada segundo que me era possível, para recordá-las mais tarde. Na cela não havia cores.

Certa vez trepei na porta, colocando os dedos do pé na saliência das traves e encontrei alguns insetos mortos no bocal da luz. Empalmei aquelas pequenas, frágeis e brilhantes asas sob a lâmpada, extasiado com as suas cores. Meu sopro os fez voar da minha mão e cair ao solo. Desci e me ajoelhei para encontrá-los, mas foi inútil por falta de meus óculos e pela falta de claridade. Fiquei pensando quanto tempo continuaria esta prova e sofrimento e quando ou se voltaria a ver Ofélia e as crianças. Ainda que tinha sempre comigo a presença de Deus, a esperança parecia meio distante.

Segurança Interna

Os longos e calorosos dias e noites de julho e agosto passaram lentamente. Andando em minha cela para fazer exercício, fiz uma pausa e bati com a minha toalha sobre a cama, imitando Elias quando dividiu as águas com a sua capa.

- Assim vai fazer Deus em meu favor um dia desses - disse eu em voz alta.

Confiado em que Ele um dia abriria aquela porta de ferro, descansei e deixei cair migalhas de pão para os pássaros; eles me animavam com seus cantos de louvor. Um pássaro pequeno, marrom, meteu o bico amarelo através da fenda da minha janelinha, virando a cabeça para os lados para olhar-me. Lembrei de uma noite no Instituto Bíblico de Gulf Coast, em Houston, Texas. Meu relógio despertador estava com defeito e pedi a Deus que me despertasse na manhã seguinte às seis horas. De manhã ouvi um bang! bang! bang! e despertei do profundo sono. Ao sair da cama, vi, na parte exterior da janela, um pardal martelando sobre o vidro com o bico. Eram exatamente seis horas.

Ainda que meus freqüentes ataques de disenteria me mantivessem debilitado, continuei a andar pela cela. Sabia quando era domingo porque os guardas cantavam juntos no pátio, "louvores" a Fidel, Che, Camilo e outros "deuses". Horas seguidas recitavam poemas e lemas da revolução.

Durante o tempo em que nos era distribuído o leite tentava falar com os guardas. Um rapazinho se ria e dizia:

- Por que falas com este Deus? Fidel Castro é nosso deus.

Outro que me trazia a comida, parava em frente à porta por uns poucos segundos. Eu sorria e lhe dizia: “Deus o abençoe”.

Ele respondia com outro sorriso e nada dizia. Em certa ocasião, quando o capitão Santos estava na minha cela, este guarda jovem me trouxe a comida. Ocupado com o interrogatório, não lhe dei minha rápida bênção. Uns poucos minutos mais tarde, ele voltou e deu uma olhada para dentro.

- Ei! Onde está o meu “Deus te abençoe”?

Com um olhar de perplexidade, o capitão foi até a porta, mas o guarda já se fora embora.

Aumentei minha caminhada para quase cinco quilômetros por dia para combater o tédio. Andando para a frente e para trás, recitei em voz alta todos os nomes de Jesus de que me podia lembrar: Emanuel (Deus conosco); Salvador, Mestre, Rei, Senhor, Rocha Viva. Jesus como a Rocha Viva era um conceito espiritual que mais poderosamente nutria minha alma e me dava forças. Não tinha bens materiais, nem família e definitivamente não tinha o respeito dos meus semelhantes, mas tinha a Rocha. Estava aprendendo a firmar-me diariamente sobre Ele.

O nome daquela prisão para interrogatório era “Segurança Interna”. Sorri diante da ironia, porque dentro do meu coração estavam brotando as sementes da fé. Estavam crescendo porque a graça de Deus estava edificando dentro de mim mais segurança interna do que eu já conhecera antes.

Embaixo, no primeiro andar, o capitão estava procurando destruir essa segurança, sem piedade. Mas, ao passo que eu mais me referia à Rocha e ao seu amor sacrificial, mais dificuldade Santos encontrava em sua tática desalentadora. Ele podia trabalhar com afinco no “exteriormente religioso” Tomás White, mas não podia tocar na poderosa Pedra Angular, o Cristo Vivo, que estava em mim.

Na minha cela eu tinha muito pouco tempo para pensar na filosofia contra Deus que impregna cada faceta da sociedade de Castro. Eis aí, em parte, porque tanto sofre a Igreja em Cuba. Esta religião marxista não somente tem servido para oprimir a Igreja, mas também a devora por dentro, como um câncer. Uma geração de pastores novos recebe agora Marx, Lenin e Fidel Castro como Messias. Lenin havia dito: “Temos que lutar contra a religião. Este é o *abc* de todo o materialismo e conseqüentemente do marxismo”.

O que tem acontecido em Cuba reflete a declaração de Soljenitsyn em 1972: “Uma Igreja liderada por ateus”. Monsenhor Zacchi, o núncio papal em Cuba, disse que os jovens católicos podem tornar-se membros da Organização da Juventude Comunista porque os católicos têm o direito de tomar parte na política. Alguns sacerdotes não estão de acordo com ele e manifestam essa recusa de forma particular e com reprovação. O reitor do Seminário da União, em Matanzas, é o reverendo Sérgio Arce. Ele deixou crescer a barba em honra a Fidel Castro, o incinerador de Bíblias.¹ Arce comentou recentemente: “Marx era um ateu no pensamento, mas não no coração. Muitos cristãos não são ateus no pensamento, mas o são em seus corações”; à primeira vista, isto parece ser uma aprovação a um Marx amável, gentil, que desejava para os pobres uma forma melhor de vida. O cristão é descrito como egoísta, um materialista glutão, que ama aos outros só de palavra. Muitos do ingênuo mundo ocidental sentem-se atraídos para esta comparação errônea e permanecem em silêncio. Sentem-se como “criminosos da economia”. Mas o verdadeiro cristão ama, socorre, ajuda e se sacrifica, como se vê no exemplo de Cristo. Qual foi o exemplo de Marx? Sabemos o que havia no coração de Cristo, mas o que se sabe a respeito de Marx? Era ele realmente um benevolente economista humanitário? Marx, o economista, era também poeta. Sua poesia e economia estão misturadas. Em seu poema “Orgulho Humano”, ele antecipa o que fariam realmente seus planos ao mundo e sua profecia poética se está cumprindo, enquanto os países marxistas estão economicamente assolados.

Orgulho Humano

“Com desdém eu brandirei a minha espada
Na própria cara do mundo
E verei a assolação, o desvario
Deste gigante fraco e sem vigor.

Então serei um deus vitorioso
Entre as ruínas do mundo.

E dando às minhas palavras força viva,
Sentir-me-ei igual ao Criador.”

Por que se iguala ao Criador? O que tem isto a ver com economia? No poema intitulado "O violinista", ele escreve:

"Os vapores infernais sobem e enchem a mente
Até que enlouqueço e meu coração se muda
Vês esta espada?
O príncipe das trevas me vendeu."
Em seu poema "A donzela pálida", ele admite:
"Não tenho direito ao Céu
Isto está claro pra mim
Minha alma outrora fiel a Deus
No Inferno terá seu fim."

Numa carta escrita em 31 de março de 1854, o próprio filho de Marx, Edgar, se dirige ao seu pai como "Meu querido diabo".² Não estão as teorias econômicas de Marx - que podem parecer atraativas aos pobres do mundo - na realidade, disfarçadas em "anjo de luz"? Não abrem elas a tampa de uma caixa de Pandora de escravidão econômica, moral e espiritual? E os sacerdotes marxistas da G-2, o capitão Antonio Santos, o major Alvarez e outros, não se ajustam perfeitamente ao verdadeiro modelo que estas teorias ajudaram a criar; não o de benevolentes salvadores ajudando os pobres, mas o de viciosos opressores ateus que se afastam abertamente de Deus, agressivos, destruidores da vida e da ética cristãs? Por que é que entre todos os governos que publicamente se declaram marxistas sobeja a opressão religiosa? A opressão do comunismo se vê não somente nas áreas políticas e econômicas, mas também no próprio espírito da vida cubana. A suspeita e o medo são armas de domínio.

Sabendo que a separação de minha família era uma ferida aberta em mim, os oficiais usavam continuamente os seus nomes para me tentar e me atormentar. A profunda agonia de suas táticas se fez insuportável retorcendo e agitando meu espírito cada dia que se passava.

- Oh! Deus! Não posso desfazer-me disto! Esta dor é demasiado forte. Ajuda-me - chorei, implorando uma noite. Daniel, com seu cabelo louro, salpicando água alegremente na banheira, estava em meus pensamentos e imaginei Dorothy batendo as palminhas e cantando corinhos. Depois, eu via Ofélia - que saudades dela! -

cuidando deles sozinha. Rolando de um lado para outro na minha dura cama fui sacolejado por um pensamento que apareceu subitamente em minha atormentada mente: “Tomás, lembra-te do centurião”.

A impressão foi tão forte que não podia ser mais clara se a tivesse ouvido de viva voz. Sentei-me na beira da cama, perplexo.

- O que tem isso a ver com o problema? - disse eu em voz baixa.

“Tomás, lembra-te do centurião. Pensa sobre isso” - foi a ordem que me veio novamente. Minha mente correu até o evangelho de Lucas, capítulo sete, onde Jesus se alegrou com a fé do centurião. Esse soldado romano era a primeira pessoa que cria que Jesus cuidaria de um problema em sua casa, sem estar fisicamente ali. Apercebendo-me disto, um sorriso passou pelos meus lábios.

- Então tu, Jesus, podes ir em Espírito estar neste justo momento daqui desta minha cela em Havana, à minha casa em Glendale, Califórnia. Tu podes confortar minha esposa e meus filhos. Tu podes estar com eles neste justo momento. Glória a Deus! Vai lá agora, Jesus.

Era uma lição fácil. Um pouco de alento para um crente que sabia tão pouco do poder da Escritura. Esta revelação incrementou sobremaneira a minha fé. Era emocionante; Deus me dera essa fé durante o meu problema - um presente pessoal. Os sentimentos de tristezas pela ausência da minha família continuavam vindo sobre mim, mas nunca mais senti de novo a opressão que me fazia agonizar. Quando Satanás intentava dar-me uma alfinetada, ferir-me com isto, eu brandia a minha espada contra ele e dizia em voz alta: “Lembra-te do centurião”. Animado por esta vitória, comecei a repetir versículos da Bíblia, cantar mais corinhos referentes à Escritura, hinos e louvores todo dia. Quando mais perto chegava dos pés de Jesus, uma certa consciência de meus problemas e fraquezas começou a desenvolver-se. Coisas que estavam facilmente escondidas numa sociedade distraída e ocupada vieram borbulhando à superfície durante meus momentos de oração e jejum com o Senhor. Minha cela se havia transformado em sala de oração.

Aprendi que Jesus, meu Criador, é o maior psiquiatra que já existiu. Ele não apenas resolve os problemas. Ele os *dissolve* em seu sangue. Tão logo se me afigurava cada problema eu visualizava uma cruz dourada sobre Ele. Isto me servia para recordar que

minha fraqueza não tinha mais domínio sobre mim. Comecei a sentir-me livre, lavado, purificado.

Uma profecia escrita em Malaquias 3.2, sobre Jesus, teve novo significado para mim: “Ele é como fogo purificador e como o sabão do lavandeiro”. Um pequeno pedaço de sabão branco em minha cama me fez rir entre os dentes. Livre. Limpo pelo sangue de Jesus. Quantas vezes tinha corrido de um lado para outro, sem deixar tempo para uma *purificação*, correndo para a igreja no domingo, da mesma maneira como fazemos uma visita ao posto de gasolina. Jesus finalmente estava recebendo a atenção devida para lavar meu coração. Eu não cabia dentro de mim de tão contente que estava por saber que Ele se preocupava comigo. Muitas noites rolei na cama orando: “Oh! Deus! não me abandones”. Recordava que a vara que não dá fruto é cortada. Eu poderia ter produzido muito mais frutos para Ele. Estaria eu cortado agora? A presença de Deus em mim naqueles dias e noites foi animadora. Ele me amava, cuidava de mim e me preparava.

Em dezembro de 1978 estava numa reunião de oração numa casa com alguns amigos meus. Alguém que sabia da obra que eu estava realizando sugeriu que o grupo orasse por mim e pelo meu trabalho missionário. Depois da reunião uma irmã em Cristo revelou algo que o Senhor havia mostrado.

- Enquanto orava por você, eu o vi despencando sobre uma estrada dentro de uma espécie de banheira. Mas não se preocupe, porque havia anjos sentados à sua direita e à sua esquerda. Nenhum dano lhe acontecerá.

Murmurei um “muito obrigado” pela revelação, perguntando-me que tipo de profecia podia ser aquela. Se realmente era uma profecia. No livro de Atos um homem chamado Ágabo predisse o encarceramento de Paulo de maneira muito semelhante. Mas isto era para os dias dos apóstolos, não? Ademais eu usava uma avioneta. Que poderia ser este objeto como uma banheira?

Sentado em minha cela solitária e pensando na revelação daquela irmã, lembrei-me da avioneta chocando-se com o caminhão de lixo. Com as asas quebradas e a fuselagem lançada estrada abaixo, a avioneta se convertera numa banheira. Nenhum arranhão em nossos corpos. “Nada pode fazer-lhe mal”. “Anjos”. Sim, Deus não somente cuidara de nós, como também havia preparado tudo. Deus estava ao meu redor.

Em fins de agosto, antes que nos levassem à prisão principal, o capitão Santos teve um encontro bem paternal comigo. Fazendo o papel de um sábio sensato me advertiu que ficasse fora da política e que professasse uma “religião pura”. Isto me pareceu divertido. Estava escutando as mesmas palavras que tinha ouvido de dirigentes de diversas denominações, oficiais religiosos e outros clérigos que criticavam o contrabando de Bíblias. Mas este sermão idêntico vinha agora de um capitão comunista que me tratou, no princípio, fria e brutalmente como a um inseto. Não deveria misturar a política com o Evangelho. Devia pregar somente o Evangelho puro.

Santos admitira ter interrogado sacerdotes e pastores de várias crenças diferentes. Em que tipo de política estavam eles metidos? Era deles a política de “Meu Rei é Cristo”? - que havia visto riscada no muro? Era a política da cruz de madeira, amarrada com cabelo? Eu logo saberia. Estava perto de conhecer alguns destes “políticos”, meus irmãos em Cristo.

¹ - Veja o Prefácio

² - A documentação desta obscura e pouco conhecida faceta da vida de Marx, refletida em suas cartas, poemas e outros escritos pode ser encontrada em “Era Marx um satanista?”, livro escrito pelo reverendo Richard Wurmbrand.

8

Na Escola do Sofrimento

Mel e eu fomos transferidos para outra prisão numa furgoneta russa, semelhante às que tinha visto nos filmes sobre os campos de concentração soviéticos. Era de noite. Matt, outro americano, conversou conosco, estando nós muito alegres no banco de trás. Nossa conversa fluía como uma catarata pelo prazer da comunicação. Devemos ter parecido pássaros numa gaiola aos três ou quatro guardas que se sentaram do outro lado da nossa jaula de arame. Todos portavam metralhadoras (rifles de assalto AKM), armas e balas russas. Por que nos transportavam de noite? Por que tantos guardas? Não estávamos acostumados a tão tremenda demonstração de força. Este era o começo da nossa educação no que se referia ao estado policial. Eles eram guardas especiais do Ministério do Interior; havia também guardas e soldados da Milícia Revolucionária Nacional, da Polícia Revolucionária Nacional, da Milícia Territorial e três exércitos distintos do Ministério das Forças Armadas; todos criados para manter um controle total sobre o povo.

Entramos pelas portas principais da prisão do Combinado do Leste ao oriente de Havana. Ainda que não podíamos ver pelas aberturas das janelinhas da furgoneta, era possível ouvir o murmúrio de milhares de vozes, sete mil, que parecia um zumbido de abelhas. Levaram-nos ao Edifício Três e nos puseram numa cela de permanência temporária; as celas estavam cheias. No nosso cubículo dormiam sobre o piso de concreto vinte e oito “fugitivos”. Tinham sido sentenciados a quatro anos de prisão por tentar sair de Cuba ilegalmente usando câmaras de ar dos pneus de veículos, botes e

balsas. Um deles me contou como sua filha de cinco anos de idade viajava no seu colo, estando ambos numa bóia, enquanto ele remava 74 quilômetros mar a dentro, até Cayo Hueso. Os botes torpedeiros cubanos não somente saíam das águas de Castro, mas também patrulhavam quase até os limites dos Estados Unidos, “pescando” os camponeses que procuravam escapar. Deram a mim, a Mel e a Matt a única cama que havia. Sentiam-se honrados de que estivéssemos ali. Sentei-me na parte alta da cama olhando para eles. Sabendo que eu falava espanhol, juntaram-se todos à minha volta, ansiosos por conversar; fracos, sem lavar-se, com os olhos fundos e escuros, com dentes estragados, em farrapos ou com muito pouca roupa; seu paraíso tropical era um inferno em vida. O que lhes poderia dizer?

- Estou certo de que gostaria de fugir com vocês - exclamei com toda veracidade - a que distância fica a praia?

- Mais ou menos uns cinco quilômetros daqui para o norte - disse um deles sorrindo.

- Mesmo que se consiga escapar, sabia que há algumas coisas que nunca se pode deixar para trás? Você mesmo, seus problemas, sua personalidade. Entre nós está Aquele que me tem dado a liberdade real.

Fiz uma pausa esperando que minhas palavras surtissem efeito. Olharam-me inquisitivamente. Um velho colocou a mão sobre o queixo barbudo.

- Jesus - disse eu. Ele me libertou. Ele carrega todo o cansaço, toda a impureza a tudo o que procura me derrotar.

Não vi um rosto depreciativo entre eles. Muitos deles choraram. Juntaram-se todos ao redor da cama, como peixes pequenos que sobem à superfície da água com as bocas abertas para receber a comida. Alguns eram meros esqueletos. Desci da cama e me pus ao lado deles. Batendo com a mão no peito para conseguir maior ênfase, disse:

- Sou tão livre estando aqui com vocês neste momento como seria se estivesse em Miami Beach. A liberdade que Jesus dá jamais pode ser tirada.

Eles se mostraram animados.

- Conheces a Bíblia? - perguntou um deles - fala-nos um pouco sobre a Bíblia, pediu um outro.

Fiquei envergonhado. Deus! por que não tinha decorado

mais versículos bíblicos? Comecei com as Bem-aventuranças: “Bem-aventurados os que choram porque eles serão consolados; Bem-aventurados os pobres de espírito...”. Ensinei-lhes um corinho evangélico que Ofélia tinha aprendido em Costa Rica. “O nome de Jesus é doce; Ele me traz paz e alegria”. Eles cantaram timidamente no começo, mas logo o fizeram um pouco mais forte. Alguns acompanharam batendo as palmas.

O mais fraco entre os prisioneiros era um jovem de dezoito anos, que veio a mim, muitas vezes, dizendo: “Fala-me mais. Tudo o que tenho é este veneno na minha mente desde menino”.

Comentou sobre o *veneno* a que se referia: Marxismo, Materialismo Dialético, Ateísmo. Recitei para ele o Salmo 23 e outros versículos sobre o amor de Deus; expliquei-lhe e aos outros como era fácil falar com Deus.

- Deus está conosco aqui neste lugar e neste momento; não é preciso proferir palavras especiais; fala com Ele como falas com um amigo. Ele te ama.

Podíamos ver como ficou feliz. Dividi com ele meu lanche de leite da China para animais, o que não era nenhum sacrifício para mim, mas para ele muito precioso. Na noite seguinte vimos alguns homens morrer, de asma e fraqueza. Seus companheiros de prisão haviam pedido ajuda durante horas. Seus corpos foram retirados sem muita cerimônia. Segundo **Marx**, eles eram apenas matéria, então, para que fazer alvoroço?

Procuraram nos *conformar*. Enchemos formulários e nos tiraram as impressões digitais e recebemos uniformes de prisioneiros. Depois de três meses sob interrogatório em Cuba, somente agora era aberto o processo. Lembrei-me de como o capitão Santos se havia rido quando lhe perguntei pela lei internacional.

- Aqui é Cuba. Cuba! Nós somos a lei; não respeitamos a lei internacional.

Transferidos do Edifício Três para o Edifício Um, deixamos os “fugitivos”. Eu os encontraria de novo, porém, sob circunstâncias trágicas.

Próxima à prisão, vimos a fábrica onde se faziam os moldes de concreto para mais prisões. Este trabalho era realizado pelos presos. Uma espécie de máquina de movimento contínuo; mais escravos para construir mais cárceres para mais escravos. Podíamos ver complexos enormes para novas prisões que eram erguidas nas

colinas em redor. Cada manhã e noite se formavam diante do Edifício Um grandes filas de homens cansados que caminhavam até a fábrica como se fosse uma grande lagarta; suas incontáveis pernas em movimento tinham uma uniformidade quase hipnótica.

Entramos na ala internacional e conhecemos americanos, franceses, africanos, holandeses, colombianos e ingleses. Alguns haviam cometido transgressões comuns, outros haviam sido apanhados com seus barcos ou aviões. Outros mais estavam ali por expressar opiniões diferentes das do Estado.

Primeiro me admirei pela limpeza e boa aparência da prisão com seus campos de basquete do lado de fora, o pátio para visitantes e o hospital. Talvez este sistema, apesar de tudo, tivesse algumas tendências humanas. Isso era fora. Dentro, o edifício era um paraíso de baratas; centenas de ratos enormes transitavam agressivamente dentro e fora do edifício. Somente no nosso pavimento havia cerca de 700 casos de doenças venéreas. Os médicos que eram prisioneiros também me contaram sobre a epidemia. Não obstante, a Organização Mundial de Saúde informou que em Cuba havia somente 36 casos. Autoridades ou oficiais crédulos de outros países aclamavam Fidel e seus grandes avanços médicos, mas ninguém perguntava onde obteve a OMS esses dados, ou quem os propagou. Em Cuba, o Ministro da Saúde é também o Ministro da Educação, o Ministro da Cultura é o Comandante em chefe do Exército - Fidel Castro.

Nos meses seguintes começamos a nos conscientizar de que o Combinado do Leste era uma "prisão modelo". Todas as delegações estrangeiras que estavam interessadas em ver o sistema carcerário eram levadas de ônibus para turistas pelas ruas. Os prisioneiros, exibindo uniformes especiais para jogo de basquete, eram vistos praticando esporte. A todos os presos políticos ou outros que são considerados perigosos ou turbulentos eram negadas visitas, tratamento hospitalar ou qualquer movimento, enquanto os ônibus se dirigiam lentamente ao grande espetáculo. Quando as delegações iam embora, desaparecia o jogo de basquete.

Certa vez uma jornalista procurou por nós, mas não nos deixaram falar com ela. Horas antes de sua chegada, o edifício foi dedetizado para diminuir a quantidade de insetos e ratos. Soljenitsyn conta uma anedota a respeito da Sra. Eleanor Roosevelt numa visita semelhante a uma prisão modelo dos soviéticos. As

circunstâncias e a tramóia não mudaram. Os comunistas descobriram através de pesquisas cuidadosas que os ocidentais tendem a crer nas suas artimanhas. É problemático crer no negativo e cômodo aceitar o positivo. Então eles prontamente se acomodam ou se disfarçam com uma máscara engenhosamente elaborada e artisticamente desenhada. A declaração “não se pode enganar a todo mundo o tempo todo”, se aplica aos residentes, mas não aos que visitam o país. As delegações religiosas e grupos de estudo passam por Cuba, recebem uma versão ampliada do nosso “incidente das mangas”.

Em nosso primeiro dia com os americanos conhecemos Glenn Akan. Seu aeroplano se havia danificado em Cuba dois anos atrás. Fiquei emocionado ao notar que ele tinha literatura cristã. Comecei a lê-la ansiosamente, chegando o papel bem junto dos olhos. Quando conseguiria um novo par de óculos? A literatura evangélica dos cubanos foi confiscada quando a encontraram durante uma busca que nos fizeram. Como éramos estrangeiros nos deixaram lê-la livremente. Enquanto lia os folhetos e panfletos evangélicos com alegria e ansiedade senti novamente o que significa não ter disponível esse alimento.

Ficamos sabendo que no quarto andar se achavam presos alguns cristãos cubanos e também prisioneiros políticos. Certa manhã os ouvi cantando; trinta ou quarenta vozes masculinas penetravam profundamente na sórdida atmosfera da prisão. Cantavam sobre a vitória, sobre o amor, sobre a esperança e sobre Jesus. Naquele momento desejei ir ao quarto andar. Meus irmãos estavam ali. Minha família. Soube que entre os crentes havia também um pastor.

Mel e eu tínhamos ouvido na escada Everett Jackson, um estadunidense que estava preso em cima com alguns outros.

- Ei, peregrinos! Os rapazes de cima estão ansiosos por conhecê-los - gritou Everett para nós.

Pensamos como sabiam eles que estávamos ali. Pareciam conhecer tudo sobre a nossa literatura e nossos vãos. Havia um elevador que transportava a comida para os andares superiores e também baixava o lixo. Subi nele, procurando não esbarrar na graxa e na sujeira dos cabos. Os trabalhadores da prisão fecharam a grade enquanto eu me agarrava de todo jeito e me escondia melhor. O elevador balançou, rangeu e começou a subir para deter-se no quarto andar.

- É o americano! - exclamou um deles, ajudando-me a sair. Os prisioneiros fizeram todo o trabalho.

- Rápido! Chegue-se para cá.

Fiquei colocado à parede, enquanto ele vigiava o movimento do guarda.

- Não pode vir mais dessa maneira - disse ele cautelosamente.

- Por que não? - perguntei.

- O cabo do elevador já se quebrou duas vezes. Você podia ter morrido. Quando houver jeito para outra visita, nós acharemos um meio de trazê-lo.

Olhei para o elevador que rangeu de novo e desceu pelo enorme buraco.

- Sabem em que cela está o pastor Noble? - perguntei.

Todos sorriram. Lara, Antonio, Luiz, Jean. Todos eles haviam estado com o pastor Noble na prisão por quase vinte anos até aquele dia. Sim, eles sabiam onde achá-lo.

Sempre havia guardas. Mas com sinais manuais silenciosos e com prisioneiros colocados em certos locais estratégicos me podia movimentar com certa regularidade, como bem quisesse. Orei enquanto passava certos pontos de vistoria, até que me encontrei com meu irmão; um homem moreno, baixinho e musculoso que tinha um sorriso brilhante, o reverendo Noble Alexander. Ele havia sido preso por pregar sobre o pecado original em Matanzas. Os comunistas se sentiram ofendidos com o seu sermão, declarando que suas palavras os colocavam também na condição de pecadores. Noble era um pregador fora do comum. Suas mãos pareciam de aço, com dedos espessos, mas podia tecer uma camisa de renda com pontos tão miúdos que pareciam quase invisíveis. Suas costas tinham cicatrizes de estilhaços de bala de rifle e fragmentos de concreto.

Quando estava na prisão *A cabana*, havia um Círculo de Oração; os guardas atiravam para o meio do círculo para interromper o culto. A maioria dos homens não se movia. Continuava cantando e orando enquanto os projéteis entravam em seus corpos.

- Algumas vezes, alguns de nós deixavam o círculo e corriam - disse Noble, rindo-se - mas depois voltavam. Então eles nós feriam novamente. Ria-se como se estivesse relembando uma brincadeira. Reparei que nem todos encaravam aquilo como brincadeira. Somente alguns. As costas de Noble podiam estar

cicatrizadas, mas não o seu espírito. Ele dava metade da sua comida para os prisioneiros mais velhos e mais fracos.

- Por que nos chamam de peregrinos e como tomaram conhecimento de nossa literatura? - perguntei um dia ao pastor Noble.

- Temos lido seus folhetos - explicou-me ele, parecendo feliz. Alguns deles foram introduzidos na prisão na primeira semana de junho. Nós os lemos todos.

A primeira semana de junho fora poucos dias depois de nosso acidente em Manzanillo; a literatura havia sido despejada na província de Camagüey, há mais de 320 quilômetros de distância da prisão. Se foi contrabandeada para a prisão a tão grande distância, como estaria sendo recebida nos lugares onde os deixamos cair? Aprenderíamos mais. Estávamos em Cuba para isso. Estávamos na escola de Deus. Noble me ensinou muito mais; não com palavras, mas com seu exemplo de sacrifício misturado com paciência. Durante seus dezoito anos de prisão, ele e os outros crentes se haviam matriculado na escola do sofrimento, a qual era rica e compensadora. O apóstolo Paulo fala da "participação nos seus sofrimentos", em Filipenses 3.10. Sofrimento, martírio, dor e opressão. São cursos que nunca se ensinam nas escolas de Teologia. Deus mesmo ministra estas aulas, convidando com ternura a todos para participar de seus ensinamentos, jamais coagindo. Quando fugimos delas, perdemos uma preciosa comunhão e nos contentamos com substitutos baratos e que não ferem o nosso conforto.

Pelo que vazava da prisão para as ruas e através de investigações das autoridades de Washington souberam que estávamos detidos em Combinado do Leste. Foram feitos pedidos ao governo cubano para que nos permitissem receber visitas. Em setembro tive uma visita de três horas. Vieram meus pais e me trouxeram um novo par de óculos, não que soubessem da minha necessidade, mas por suposição. Uma vez mais o Espírito Santo havia colocado as coisas no seu devido lugar. Ofélia e as crianças estavam bem; ela estava tranqüila e conformada, confiando no Senhor. Também recebemos uma visita mensal da Seção dos Interesses dos Estados Unidos em Cuba, com uma duração de vinte minutos. Foi assim que saiu a notícia. O povo sabia da nossa existência. Foram feitos mais de 100 pedidos em nosso favor ao Departamento de Estado.

Contra-revolucionário para Cristo

Cinco meses depois de nosso acidente, em 25 de outubro, fomos finalmente levados a julgamento. No sistema judicial de Cuba existe um conceito muito insignificante da noção de tempo. Os códigos de lei mencionam que o julgamento do réu deve ocorrer antes de 180 dias do seu encarceramento; conhecemos norte-americanos e centenas de cubanos que esperaram anos até que os levassem ao tribunal.

Levados em outra furgonete russa da prisão, chegamos ao centro de Havana e fomos escoltados até a sala do tribunal. Eu estava um tanto chateado pelo que me pareceu ter fraquejado algumas vezes no estúdio de televisão; agora vinha outro interrogatório. Pode o crente viver pela fé e entretanto sentir-se temeroso? Paul Tournier escreveu: “Uma vida venturosa não é aquela que está isenta de temor, mas, pelo contrário, é aquela que revive com pleno conhecimento de todas as espécies de temores, aquela que nos impele para adiante, a despeito dos nossos temores”.¹ Seria eu capaz de vencer esta prova? Enquanto estava sentado no largo banco em frente à sala, senti uma onda de poder. Apesar das conseqüências resolvi falar atrevidamente as palavras que Deus me desse.

¹ Citado por Janice Basfield em *You Can Fly* (Tu podes voar) - Grand Rapids; Zandervan, 1981, pg. 119 - EUA.

Nosso advogado era uma mulher que nunca tínhamos visto antes. Chegou-se até o capitão Santos, endireitou-lhe a gravata e seu paletó.

- Antonio! Como estás? Tudo bem contigo? - saudou-o carinhosamente.

Atrás de nós um guarda portava um rifle russo AKM. Eu realmente não estava muito surpreso pelas circunstâncias. Muitos dos meus amigos cristãos da Romênia, Bulgária e Rússia haviam descrito sofrimentos semelhantes. Os julgamentos eram falsos, montados previamente pelos órgãos policiais de segurança.

Os cinco juízes vestidos de preto entraram na sala do tribunal... Sentamo-nos e nossa advogada fez a nossa defesa. O interrogatório que ela nos formulou consistia de quatro perguntas: "Qual a sua idade?"; "É casado?"; "Tem filhos?"; "Qual a sua ocupação?"; era essa a nossa defesa. O capitão Santos veio à frente para apresentar a sua história. Com ostentação, tirou de seu bolso minhas passagens de avião já vencidas e meus documentos. Detendo-se ligeiramente diante de nós, e à nossa esquerda, rodava de vez em quando gesticulando dramaticamente para nós.

- Dedicados a penetrar nosso espaço aéreo durante sete anos - gritou.

Nem uma só vez referiu-se a Cristo ou à religião; disse que estávamos voando como contra-revolucionários.

- Em 1973, viagem de barco - milhares de folhetos.

Um poucas vezes falou tempestivamente. O guarda que estava atrás de nós com o rifle pronunciou várias palavras de admiração. Isto era um verdadeiro espetáculo para ele, um filme particular no qual atuavam os norte-americanos que ameaçaram a estabilidade e segurança do Estado.

Tive a forte impressão de que Santos não era uma testemunha, mas o condutor do julgamento; brandindo uma batuta ideológica atrás das costas. A sessão era para ele. Os juízes eram seus. Ele estava na direção da santa fé marxista. Santos tomou a maior parte do tempo. Dois dos cinco juízes dormiram. Somente o do meio parecia que realmente estava prestando atenção. O acusador passou então a nos interrogar. Fui chamado em primeiro lugar. Caminhei para a frente e parei diante dele com um intérprete ao meu lado. Sem fazer caso dele a maior parte do tempo intercalei estocadas diretamente com o capitão em espanhol.

- A literatura que temos deixado cair não tem a finalidade de derrubar o governo, mas demonstrar que há vida após a morte - disse eu com firmeza.

- Como você sabe que há vida depois da morte? - pressionou ele com ironia.

- Isto não pode ser visto, mas nós o cremos pela fé. Algum dia todos nós saberemos a resposta - olhei diretamente para ele e ajuntei: O senhor também saberá.

Empurrou os óculos para cima do nariz.

- Não está vendo que vocês são os únicos fanáticos nesta corte que crêem nisto? - disse com zombaria.

- Na verdade não - repliquei. Há milhares nesta sala, que estão aqui agora, os quais crêem no que nós cremos.

Com fingida surpresa, olhou em volta da sala para ver os milhares.

- Os santos e os anjos estão nesta sala. Deus está aqui. Há muitas testemunhas aqui - disse eu empregando mais firmeza no que dizia.

Nossa defensora parecia nervosa e triste. Começou a polir as unhas, com a cabeça baixa, sem ousar olhar para cima. Senti piedade dela.

- Que é um santo? Nunca vi um sequer - continuou dizendo o acusador de modo sarcástico, esperando que eu baixasse a guarda.

- Está olhando para um.

Sua boca se abriu lentamente e se sentou de novo em sua cadeira.

- Sabe - ataquei eu - quando uma pessoa crê em Jesus Cristo a Bíblia o qualifica como santo.

Durante a minha discussão com ele, notei que estava segurando um dos nossos folhetos. Parecia ser um dos que havíamos deixado cair. Nenhum dos juizes tinha um. Nem sequer a nossa advogada. Pensando que talvez houvesse pelo menos um mínimo de justiça naquela ridícula cerimônia, me aproximei cautelosamente dele para ver a evidência do julgamento. Era nossa literatura, mas havia sido reduzida fotograficamente. Somente se podia ver uma foto e ler o título. As palavras estavam num tamanho tão pequeno que não se podia ler. Agradei pelo fato de ter comigo meus óculos; este sistema ateu tinha tanto horror das palavras de Deus, em quem não criam, que nem

sequer davam a evidência do nosso “crime” às autoridades da corte.

- Que classe de vôos fez você no Vietnam? - interrogou o capitão a Mel.

- Era um piloto de provas de helicópteros - respondeu ele através do seu intérprete.

- Mas chegou ao nosso conhecimento que você era um piloto instrutor, que treinava outros para matar, para guerrilhas - argumentou Santos triunfantemente.

Levantei-me parcialmente do meu assento.

- Isso é mentira. Ele não foi treinado para matar - gritei.

Mais tarde Mel me contou que a designação de Piloto-Instrutor tinha sido uma informação que entrara erradamente no computador do Pentágono, em Washington. Ele tentou em vão que isso fosse corrigido. Como sabia uma corte comunista em Havana que ele estava classificado como Piloto-Instrutor num computador do Pentágono? Era um pensamento que arrepiava os cabelos.

- Como veio você nesta viagem? Foi pago? - Santos exigia as respostas com ira.

- Deus me enviou a esta viagem - a voz de Mel estava tranqüila.

- Deus? sorriu cinicamente o capitão. Logo Santos atacou a Mel:

- Você também é um fanático!

Durante os momentos seguintes o capitão gritou, falando sobre acusações ao Chile, ao Vietnam e sobre a CIA. Deixamos a sala do tribunal depois deste severo interrogatório, perguntando-nos se havia alguém que realmente soubesse porque estávamos sendo julgados. *Ed Beffel*, do Departamento de Estado dos Estados Unidos, estava ali tomando notas. Não sabíamos de sua presença e muito menos nos permitiram falar com ele. Mais tarde ele disse a Mel que aquele acontecimento lembrava um julgamento especial que ele havia assistido no qual era um procedimento legal incluir a fé e as diferenças de crenças.

O acusador pediu primeiramente uma sentença de três a doze anos, de acordo com a lei 1.262 do Código de Defesa Social de 1974. A lei penal vigente determina que imprimir ou simplesmente possuir propaganda oral ou escrita “contra a ordem socialista, a solidariedade internacional ou o Estado Revolucionário” é algo

punível com penas que oscilam de três a doze anos de prisão. Em outras palavras, se alguma coisa que você escreve difere da interpretação da G-2, pode levá-lo ao tribunal e ao cárcere.

Outra secção do Código afirma: “A disseminação de notícias falsas ou previsões maliciosas tendentes a causar alarme ou descontentamento entre o povo é punível com um a quatro anos de prisão ou de seis a quinze anos se a disseminação ocorrer usando meios de comunicação de massas”. Segundo a mesma lei ainda que pervertidas as intenções de nossa literatura cristã, o máximo que receberíamos de condenação seriam quinze anos. Condenaram-nos a vinte e quatro.

Ao sentenciar-nos, o que é feito notificando mais tarde à prisão, o tribunal resolveu aplicar a lei 425, de 1959, que trata das “atividades contra-revolucionárias”, com sentenças que vão de vinte anos até a prisão perpétua. Fomos sentenciados assim a vinte anos por “atividade contra-revolucionária” e a quatro anos adicionais por entrada ilegal. Ainda que a nossa viagem era legal, nosso inesperado acidente - na costa - não o foi.

Paramos no escritório da prisão, no primeiro andar, olhando as grandes folhas de papel oficial; encheram várias páginas de acusações contra nós. Duas décadas e meia de prisão? E me senti honrado. Deus me manteria em tão maravilhosa escola por tanto tempo? Subimos novamente e contamos tudo aos nossos amigos cristãos. Eles nos abraçaram e nos trataram como se fôssemos heróis.

Algum tempo depois, numa conferência na prisão com Wayne Smith, encarregado da Seção de Interesses dos Estados Unidos em Cuba, ele mencionou que nossos casos haviam percorrido todos os tribunais e parado nas mãos do Conselho de Ministros, o qual consiste de Fidel Castro, seu irmão Raul e dois ou três homens que sempre concordam com eles, Disse-nos:

- O Conselho me informou que vocês estão sendo retidos em Cuba debaixo de circunstâncias extraordinárias.

Isto não era nenhuma surpresa: Durante nosso tempo na prisão, conhecemos a muitos que estavam debaixo das mesmas “circunstâncias”.

O extraordinário se havia tornado ordinário. As leis em Cuba são impressas somente como uma parte do engano e da mentira do Comunismo. A segurança da G-2 é a lei. Segundo a nova Constituição

cubana de 1976, deveríamos ter sido julgados vinte dias depois da nossa detenção. De acordo com os convênios internacionais firmados por Cuba, os prisioneiros não devem ser submetidos a “tratamento degradante”. Pensando nisto, não podia esquecer o dia em que fui jogado num mictório com um capuz cobrindo minha cabeça. Aqui, alguém pode protestar, dizendo que a Constituição cubana garante a liberdade de culto. Mas quando se observa mais profundamente, se encontra o veneno nas suas entrelinhas. No artigo 61 da Constituição existe uma das declarações opressivas, feita para que todos tropecem nela: “Nenhuma das liberdades que são reconhecidas aos cidadãos pode ser exercida contrariamente à decisão do povo cubano de construir o Socialismo e o Comunismo”. Os marxistas dizem: “Vocês cristãos devem criar um azeite que se misture com a nossa água”. Alguns pastores marxistas e cristãos liberais tentam fazer isto trocando seu azeite do Espírito Santo pelo da filosofia e o diálogo, o azeite da discussão.

O artigo 54 da Constituição que menciona a liberdade de cultos tem como prefácio esta declaração: “O Estado Socialista baseia sua atividade e educa o povo no conceito científico materialista do universo”. Daí minha estranha discussão com o meu acusador sobre o assunto da vida após a morte; até isto era um campo de batalha política para ele.

Levaram-nos de volta ao Combinado para gozar da “biblioteca verbal” da prisão. Como na história antiga e nos grupos de analfabetos, quando não há literatura disponível; a experiência humana, o testemunho e a memória servem como um rico campo de aprendizagem. Rodolfo Campos, que esteve no cárcere por dez anos, me contou que voltou a Cuba de noite, num bote, com uma bicicleta de corrida a bordo. Rudy viajou nela até Havana para trazer a sua namorada. Foi preso e passou muitos anos em campos de trabalho forçado e cárcere. Num campo chamado Tacotaco, estava cortando cana, quando um touro veio até o círculo de prisioneiros. O animal foi abatido e feito em pedaços rapidamente e a carne crua foi levada dentro das camisas para os homens famintos, quando voltaram à prisão. Os ossos foram enterrados. Quando plantavam cana-de-açúcar, os prisioneiros escravos comiam as raízes da mesma, antes de enfiar a cana jovem na terra. Depois as autoridades ficavam furiosas ao ver as grandes avenidas de cana-de-açúcar mortas de cor amarela no meio dos campos verdes.

Na Polônia e Romênia foram inventados vários chistes sobre as filas de pão e de carne. Cuba também tem essas piadas sobre os alimentos: “Fidel Castro enviou um agente a Miami para ver como se alimentavam os norte-americanos. O enviado hospedou-se num hotel de luxo, antes de regressar a Havana.”

- O senhor está certo, meu Comandante - informou ele alegremente. A situação lá é horrível. Entrei no melhor restaurante deles e pedi sopa de aveia. Não tinham. Pedi à camareira carne de ovelha russa estragada. Não tinham. Bem, há alguma sopa de legumes secos? Eles disseram que sentiam muito, mas no momento não tinham. Já aborrecido, perguntei: “Então, o que vocês têm aqui?” Mostraram-me o cardápio. Marquei a lagosta, o filé e a costela. “Que incrível! Vocês estão atrasados. Nós comíamos isto em Cuba há vinte anos atrás”.

A maioria da lagosta e coisas luxuosas como essa, recolhidas por pescadores soviéticos-cubanos, são preparadas longe da costa, nunca chegam à ilha. A não ser nos hotéis de turistas. O melhor das laranjas e maçãs e a maior parte das mangas são exportados para o Canadá.

Apresentaram-me um cavalheiro tranqüilo e velho, com os cabelos brancos como a neve. Era Andrés Vargas Gómez. Ele era o neto de Máximo Gómez, o patriota cubano. Andrés estava lendo um livro de Thomas A. Kempis intitulado “A imitação de Cristo”. Sendo escritor e advogado, foi posto na prisão por mais de vinte anos. Andrés tinha 65 anos, possuía somente um rim, sofria de asma e outros problemas físicos. Mas, apesar disto, quando eu estava enfermo, me enviava os poucos ovos que conseguia. Durante meus dezessete meses com ele, jamais vi em seu rosto uma expressão de raiva ou amargura, nem percebi ódio em sua voz. Era um homem terno e sensível que vivia e esperava. Andrés tinha uma fé viva e pessoal em Cristo; dirigia os cultos católicos que se celebravam, quando era possível, em uma das celas. Noble fazia o mesmo com as reuniões protestantes. Os cultos eram seguidos, um após outro.

A maioria dos trinta ou quarenta homens que se podiam reunir numa cela assistiam a ambos. O amor de Cristo e a fome espiritual nesse ambiente de inanição tendiam a uni-los de várias maneiras, apesar das grandes diferenças doutrinárias.

Muitos domingos pela manhã consegui juntar-me a eles. Em

João 8.59 está escrito que Jesus teve de esconder-se em meio à perseguição. Fez isto muitas vezes enquanto procurava cumprir o seu ministério. Ainda hoje, Jesus se esconde. O Cristo vivo que está no coração dos crentes, ainda os ajuda a esconder-se quando é necessário.

Enquanto estava ajudando a Noble a preparar o “púlpito” (um lençol sobre uma tábua), um dos guardas - chamado Pedro - entrou precipitadamente na sala procurando por mim. Ele me havia visto passar. Os homens me colocaram rapidamente na parte alta de uma camilha e me cobriram com um lençol. Neste cárcere de 65 homens, muitos eram velhos, enfermos e paráliticos, estando por isso acamados. Fiquei imóvel como morto, com minha cabeça coberta, conforme estavam.

- Muito bem! Onde está ele? Onde está o americano? - bufou Pedro de raiva. - Sei que ele está por aqui.

Os homens nada disseram, blefando com ele por alguns momentos. O quarto cheio de prisioneiros funcionava como uma unidade, uma família, uma irmandade. Pedro foi embora furioso, sem saber que pousara sua mão sobre a minha cama, enquanto seus olhos corriam todo o quarto. Uma vez mais, o Senhor Jesus podia esconder e fiquei honrado de que Ele me houvesse protegido de maneira tão milagrosa.

O pastor, com toda paciência pôs o lençol em ordem, prendeu-o de forma precisa, abrindo-o. Ajustou-o num trabalho de amor. Seus tranquilos movimentos durante esses momentos foram como milhares de sermões para mim. Ele havia sido ordenado secretamente por ministros que tinham vindo “visitar” outros membros da família. Reuniram-se rapidamente no grande vestíbulo das visitas, longe da vista dos guardas e oraram enquanto punham as mãos sobre Noble. Isto me fez lembrar a ordenação de Davi por Samuel (1 Sm 16).

Os homens se encostaram à parede. Seus “hinários” apareceram como por milagre; foram copiados em papel de maços de cigarro, com uma pena que tinha cerca de vinte anos e tinta caseira. As formosas linhas e letras eram amorosas obras de arte. Cartas de amor para Deus. Era a caligrafia de Noble; havia passado centenas de horas copiando hinos e poesias. Estes também seriam confiscados em pouco tempo. Mas quando as palavras estão escritas no coração, seu tesouro está em lugar seguro.

Começaram os cânticos, poderosas ondas de amor e vitória saíam das muitas gargantas; o som admirável me cobriu. Lágrimas brotaram de meus olhos. Estava parado ali milagrosamente, num círculo de amor e compaixão. Uma pequena luz em meio à grande e brutal escuridão. Fiquei com a impressão de poder e vitória profundamente em meu coração. No rosto daqueles homens e em suas vozes havia um poder visível, tangível. Vi cicatrizes de pancadas em seus braços. Tinham problemas de coração, artrites e outras enfermidades. Possuíam poucos bens materiais. Aos olhos da maioria do mundo, não tinham nada. Entretanto, possuíam tudo.

Noble falou, usando uma camisa especial, branca e limpa, que ele mesmo havia confeccionado de um lençol. Com voz tranqüila e calma, sempre com um sorriso brilhante, falou de Jesus como o Príncipe da Paz, Jesus o Salvador, o Rei. Os homens deram pedidos de oração solicitando ajuda para suas famílias, para sua ilha. Poucos pediam coisas para si mesmos. Baixaram as cabeças e alguém orou por um mundo livre. Pela América, pela Europa. Pelos comunistas. Delgado e Prado, ambos com sérios problemas no coração, sempre se mantinham juntos; o pequeno Prado me dava sempre um abraço cada vez que me via. Sorria e dizia:

- Logo iremos para Miami juntos. Estivera na prisão, como muitos, durante vinte anos. Ambos tinham cartas de agradecimento do Presidente Truman por haverem servido na Marinha dos Estados Unidos.

Certa vez estava de serviço o encarregado do nosso andar, o lugar-tenente Calçada. Ele se havia jactado de ter sido o assassino de mulheres e crianças em Angola. Qualquer coisa para favorecer a revolução. Tendo-nos surpreendido, entrou a passos largos e arrogantemente na cela e exigiu que parássemos com o culto imediatamente. Um dos prisioneiros sacou um exemplar do *Granma*, o periódico comunista de Cuba, e lhe mostrou a última página. Muitas seções do jornal são preparadas cuidadosamente para exportação. Aquela era uma delas.

- Olha, aqui tem uma fotografia de uma igreja - declarou o crente. - Aqui diz que em Cuba há liberdade de Culto. Então por que você está contradizendo o periódico do partido?

O artigo sobre religião saíra em resposta à carta de um investigador caribenho que duvidava que existisse liberdade de culto em Cuba. *O Granma* é uma fonte de ficção e mentiras tão rica

que foi criada uma piada sobre ele! Napoleão, o imperador francês, se reuniu com os líderes do mundo atual depois de sua derrota em Waterloo. Falou com Brezhnev: “Se tivesse em minhas mãos o exército vermelho teria derrotado os ingleses”.

- Claro - disse o líder russo. Isso é verdade.

Napoleão se dirigiu então ao Presidente Carter:

- Se eu tivesse seus mísseis transcontinentais, a vitória em Waterloo teria sido minha.

Carter concordou com ele.

Então Napoleão voltou-se para Fidel Castro, sorriu e disse:

- Fidel, se eu tivesse na ocasião o seu jornal *O Granma* o mundo jamais teria sabido que eu perdi a batalha de Waterloo.

O lugar-tenente Calçada fora momentaneamente iludido por uma mentira. A mentira do periódico o fizera cair numa armadilha. Foi embora, mas voltou algumas semanas depois para confiscar todos os hinários e outros materiais de caráter religioso. Estavam perdidas centenas de horas de cópias manuscritas. Mas Deus honra nosso amor e esforço. Pude sentar-me com Noble algumas horas e ajudá-lo a fazer novas cópias, palavra por palavra, linha por linha, estrofe por estrofe. Os velhos hinos que tinham cantado tantas vezes, começaram a brilhar novamente; suas palavras e mensagens ficaram mais profundamente gravadas no meu coração.

A gente se pergunta quantos cristãos estão presos em Cuba. Somente numa ala do edifício onde estávamos fiquei sabendo de onze crentes firmes de diferentes denominações e mais ou menos quarenta outros que haviam professado a fé. Existem vinte e quatro dessas alas no Combinado do Leste, onde havia sete mil ou mais prisioneiros. Cuba tem entre quarenta ou cinquenta destas instituições, com uma população estimada em trezentas ou quatrocentas mil pessoas, cerca de cinco por cento do total da população do país. É impossível saber-se exatamente quantos prisioneiros religiosos há, porque estavam misturados com os criminosos.

Mel e eu nos sentimos em casa entre os cubanos. Ele estava como que impedido por não saber espanhol, mas começou a aprender com o major Monteiro Duque. Vargas Gómez me ajudou. Ficamos capacitados a pregar nos cultos da pequena igreja, quando os podíamos realizar. Começamos também a fazer cultos por nossa conta na ala internacional. Quando as celas eram abertas por uns quinze minutos, alguns africanos da Tanzânia e Zaire, colombianos,

um boliviano, um jamaicano, alguns norte-americanos e outros visitavam nossa pequena cela para passar um tempo cantando, orando e estudando. Glenn Akam ajudava a copiar os hinos, lia as Escrituras e Mel dava alguns pensamentos devocionais. Todos nós partilhávamos. As Escrituras estudadas e comentadas eram como injeções de penicilina e adrenalina; o Espírito Santo as utilizava para trazer saúde e energia. Falávamos da vida e conduta cristãs, da submissão de José a Deus como prisioneiro; de amar os inimigos e de perdão.

Pensávamos que os oficiais não haviam notado muito a coisa, até que um dia o tenente Carlos passou pela minha cela e olhando para dentro disse: “Bem, Tomás, continua às voltas com o seu Novo Testamento, hein?” Mas, devido a que os cristãos e autoridades do mundo livre perguntavam pela nossa saúde e segurança, geralmente nos deixavam quietos. A maioria dos folhetos que estavam em poder de Glenn foi confiscada em pouco tempo, mas nos permitiram a posse das nossas Bíblias contrabandeadas antes no meio de jornais durante um período de descuido ou amenidade. Os cubanos e outros não foram tão felizes.

O boliviano foi chamado fora do edifício para uma visita de seu pai, um comunista que vivia na Nicarágua. O lugar-tenente Carlos, juntamente com o pai dele lhe disse:

- Se continuares assistindo a esses cultos evangélicos aumentarás a tua sentença em doze anos. Se mudares e te tornares um revolucionário, dentro de um ano serás liberto.

Toda religião, incluindo o encontro do boliviano com Cristo, representava um perigo econômico-político. Lenin disse: “O comunismo sem o ateísmo não tem sentido”. A economia do estado comunista depende da obediência massificada e coordenada. O materialismo marxista, um deus ateu, canaliza as massas em seu trabalho como o das formigas: levar a cabo o plano econômico aceito sem contestação, como o exame de suas consciências. Eles não têm destino pessoal, somente existe uma grande comunidade sem inteligência, que não pensa. Lenin sabia que a coexistência entre o deus marxista e o Deus vivo seria impossível.

O jovem irmão boliviano havia lutado ao lado de Che Guevara, o rebelde argentino. Sua família veio a Cuba onde ele cursou a universidade e aprendeu sobre a verdadeira revolução. Provisões especiais eram somente para os membros do Partido Comunista,

para os turistas, para ele e para dois por cento de hierarquia elitista da polícia e os oficiais, os quais muitas vezes viviam melhor que a população em geral. Vendo esta desigualdade, ele a mencionou na sala de aula. Agora sabia que somente entre os prisioneiros havia igualdade e, de certa forma, mais liberdade. No cárcere podia falar livremente. Na rua, não. Ele deixou de assistir aos cultos publicamente, mas continuava lendo os versículos e notas. Pediu a Deus que o fortalecesse neste tremendo conflito. Como em muitos outros casos, sua família se havia convertido em sua inimiga. Jesus profetizou em Mateus 10.36: "Os inimigos do homem serão seus familiares".

Esta frase retratava o problema de Isidro, um jovem cubano chamado de "anão", devido a sua baixa estatura. Subia correndo e me abraçava, repetindo o Pai Nosso, que tentava aprender em Inglês.

- Ei, senhor religioso - dizia ele - quando sair daqui, vou à sua igreja.

Isidro tinha cicatrizes em suas costas devido aos açoites dados pelos guardas com uma correia de automóvel. Seu pai, um comunista, nunca o visitara.

Durante um período de exercício no grande pátio (três horas por semana) conheci outro pastor cubano, Pedro de Armas. Ele era presidente dos adventistas do Sétimo Dia, na Cuba oriental. Quando chegou a ocasião da convenção anual da igreja, o Estado não desejava que Pedro fosse o conferencista principal, porque a igreja dele estava crescendo apesar da oposição. Da fábrica de móveis onde Pedro trabalhava foram roubadas algumas faturas e ele foi acusado de falsificador. Preso por seis meses, durante o tempo da Convenção, estava assustado.

Oficialmente já não havia mais convicções políticas ou religiosas, então Pedro foi posto à mercê dos assassinos, ladrões, sífilíticos e homossexuais que havia em sua cela. Desde o pátio, eu lhe dirigia palavras de ânimo, enquanto ele vinha cautelosamente até a sua cela. Sua idade oscilava entre os sessenta, com o cabelo grisalho e seus óculos grossos, olhava para mim com um sorriso na face e falava rapidamente em voz baixa, antes da passagem do encarregado da prisão. Os criminosos o tratavam mais brutalmente, às vezes, do que os guardas. Quase toda noite eram assassinados homens em triângulo amoroso de homossexuais, ou em brigas por objetos pessoais.

Depois de seis meses na prisão, Pedro foi levado a julgamento e não o acharam culpado. Que maravilhoso sistema de justiça! Dessa forma, sua libertação coincidiu com o término da Convenção de sua igreja. Estas “considerações” sucedem a pessoas de todas as denominações, tanto católicas como protestantes. Quando apareciam grupos religiosos ou de defesa dos direitos humanos que investigavam estas coisas, os cubanos religiosos e as autoridades lhes diziam que não há cristãos encarcerados.

A mentira consiste no fato de que todos são considerados criminosos, ou estão ali por ofensa de caráter civil; estas ofensas civis nunca são investigadas profundamente. Eis aqui outro tipo de ofensa “civil”. Os cidadãos cubanos devem privar-se da observação dos dias santificados, quando eles coincidem com o trabalho ou celebrações patrióticas. Cuba tem agora uma celebração patriótica que dura exatamente uma semana, festejando a vitória na Baía dos Porcos; é chamada a *Semana de Giron*. A observação desta festa, por lei, precede à da Páscoa, a semana da entrada triunfal, morte e ressurreição de Cristo.

A coincidência destas festas provoca um ataque direto e planejado para que os cristãos não celebrem nem recordem estes fatos da vida de Cristo. Quais são as conseqüências “civis” desta guerra espiritual? Os pais que resolvem deixar seus filhos em casa para celebrar e guardar as festas religiosas estão sujeitos à prisão por um período de três a nove meses, incursos em duas leis diferentes: O artigo 247 (abuso da liberdade de culto ou religiosa) e o artigo 365 (atos contrários ao desenvolvimento normal dos menores, induzindo-os a recusar-se ao cumprimento do trabalho educacional). O artigo 365 parece inofensivo e até benéfico. Mas o mesmo e outras leis são misturados, usados e mal aplicados para colocar armadilhas aos crentes. A glicerina não é daninha, nem tão pouco o nitrogênio. Os turistas e os observadores religiosos casuais que visitam os países comunistas vêem momentaneamente ambos os elementos em vasilhas separadas. Entretanto, o cristão que vive nestes países tem que deparar-se diariamente com a mistura dos mesmos: a *nitroglicerina*, que é um explosivo.

Perguntei a muitos dos homens, como pode a igreja evangelizar e alcançar as pessoas diante de tantas formas de perseguição sutil e aberta. Foi então quando soube a maravilhosa história das mulheres. Os homens que têm um trabalho em Cuba devem

comparecer ao mesmo ou então ter uma dispensa médica para evitar ser preso por iludir o seu “direito de trabalhar”. É por isso que algumas mulheres têm mais facilidade de se movimentar; elas vão de duas em duas - “discípulas dos dias modernos” - até outras províncias para visitar um tio ou uma tia e falar com eles sobre o Senhor em suas casas. Em Cuba não há livrarias cristãs, nem estações de rádio, ou televisão dessa classe. Tão pouco se vêem filmes ou programas destinados às crianças, menos ainda grupos cristãos fazendo turismo. Em Atos 20.20, Paulo se refere ao seu trabalho de evangelização de casa em casa. Por que era isso necessário? Os cristãos que estavam sujeitos aos governantes sofriam muitas das mesmas coisas que muitos sofrem agora sob o comunismo. Mas a maldade de hoje é maior e mais abrangente.

Mateus 10.21 diz que os filhos entregariam seus pais à morte. Em Cuba, as mulheres que visitam não testificam aos seus parentes na presença de crianças, a menos que tenham falado previamente com os pais. A criança que, em geral, está usando um lenço vermelho dos *Pioneiros Jovens*, está induzida a informar qualquer tipo de reuniões suspeitas ao professor da escola ou ao escritório do CDR que fica no mesmo quarteirão, ou, algumas vezes, a poucas quadras: Comitê de Defesa da Revolução.

Os filhos que aceitam a Cristo e mencionam o fato na escola, recusando a usar o lenço vermelho, são colocados muitas vezes em “internatos”, manejados pelo governo, que incluem moradia, alimentação ou pensão completa. Separados de suas famílias, eles aprendem, em lugar da anterior, a religião de Marx e Lenin. Não me refiro ao comunismo professado por Stalin, “nos dias maus de antes”. Estou falando do que acontecia nos anos 80. O que vou transcrever a seguir é parte de uma declaração feita pelo Primeiro Congresso Nacional sobre a educação e a cultura, em Havana, em 3 de abril de 1971. Durante este período, os comunistas estavam preocupados com a influência da igreja sobre a juventude e nesta convenção implementaram uma política de “roubo de crianças”. Essa mesma política permanece na atualidade. Estas são as suas próprias palavras:

“A atividade proselitista da igreja entre as crianças e seu ativismo por meio da organização de esportes e funções sociais pressupõe o fato de que nosso trabalho é insuficiente e que os enormes recursos potenciais da Revolução, que poderiam ser

empregados pelas organizações políticas e de massa e as escolas, não estão sendo utilizadas; a solução definitiva para estes problemas será a programação de atividades extra-curriculares, a atenção às crianças e à juventude e à organização do tempo livre e de recreação, como uma política a ser seguida”.

Então a Igreja era um problema. Os programas estatais de diversão estavam em pleno impulso em Cuba; os passeios organizados pela escola, os eventos desportivos e as viagens de fim de semana, estavam todos programados para o domingo. É verdade que na sociedade livre muitas atividades afastam as pessoas da adoração a Deus. Mas, em Cuba, estas são funções oficiais das escolas, contando com a colaboração da professora que possui uma relação dos estudantes em seu poder para controlar a presença de todos. É um plano concebido científica e socialmente para roubar e envenenar as crianças.

Se o marxismo-leninismo é somente um sistema político-econômico, por que a contínua e agressiva guerra contra Deus? Ele não é um sistema de lógica e lei, mas uma crença religiosa, fanática e cheia de ódio. A Constituição cubana declara no parágrafo três do artigo 54: “É ilegal e punível, de acordo com a lei, a oposição à Revolução, à fé ou à crença religiosa de alguém”. Admirado pela falta de bíblias e hinários em Cuba, perguntei a Noble e aos outros sobre este problema. Perguntei também pelas variadas intenções dos cubanos que visitam a prisão. A informação que recebi era semelhante às histórias que ouvira dos romenos, russos e búlgaros: “Fomos às gráficas com dinheiro na mão e disseram que fariam o trabalho, mas que não dispunham de papel especial e que precisávamos esperar até que chegasse. Esperamos. Fomos lá de novo e nos disseram que o papel havia chegado, mas que infelizmente tinham muito trabalho. Continuamos esperando. Quando tinham tempo disponível, o papel se esgotara.” Todas as gráficas são controladas pelo Estado, pelo povo, pelo Partido Comunista. Mas somente para certas pessoas.

Muitos dos que eram antes seminários ou escolas bíblicas, eram agora centros de treinamento e ensinamentos sobre o ateísmo. O seminário Batista de Havana, cujo nome é Seminário Batista Loma de Chaple, tem permissão para funcionar com suas grandes salas de aula, vestibulos, bibliotecas. Recebe somente sete estudantes, o máximo permitido pelo governo.

Com muita alegria recebemos outras notícias sobre a “imprensa” aérea que lançamos sobre Cuba. Dois prisioneiros de Matanzas, que estiveram detidos lá por muitos anos, foram transferidos para o nosso andar. Matanzas estava perto da rota que eu havia seguido com John em 7 de dezembro de 1978. Saberiam eles alguma coisa? Escondi-me entre quatro de meus irmãos cubanos a fim de encontrar os novos companheiros; mantive a minha cabeça baixa, porque era mais alto que eles e me juntei aos outros. Encontrei-me com os novatos no fim do corredor e nos abraçamos. Perguntei-lhes sobre aquela ocasião, quando havíamos feito o vôo. Disseram-me que aquela manhã, depois de deixar cair a literatura, milhares de folhetos foram achados pelos banhistas, turistas e trabalhadores cubanos que estavam na praia de Viradeiro. A polícia enviou vários carros cheios de jovens zelosos da Segurança Interna que percorreram as praias para cima e para baixo, recolhendo o material. Isso somente serviu para atrair mais a atenção para o inusitado acontecimento. Fiquei emocionado mais uma vez ao ouvir que a polícia recolhera boa porção da literatura. Eles sempre a liam e, às vezes, guardavam um exemplar antes de entregar o resto a seus superiores. Mais tarde soubemos que não somente havíamos coberto a praia do norte, que foi nosso ponto de saída, mas que também havíamos deixado uma linha amplamente espalhada pelo vento através de toda a ilha. Os folhetos foram achados e distribuídos entre os camponeses cubanos. Outra maravilhosa confirmação.

A escola do Senhor continuava sendo recompensadora e cheia de prazer, apesar das dificuldades físicas.

Durante aquele mês comecei a receber informações de *Camagüey*. Oitenta por cento das famílias que visitavam a prisão e viviam na área onde deixamos cair a literatura, ou traziam consigo um exemplar dos folhetos, ou sabiam onde adquirir alguns. Os fazendeiros os descobriam nas plantações ou nos campos de pasto do gado. Os telhados e ruas de *Ciego de Ávila* haviam sido cobertos pela nossa “neve tropical”. Castro suspendeu uma reunião especial em Havana e procurou minimizar os efeitos da nossa viagem. Ali também haviam explodidos nossos mísseis de amor. A mensagem de Deus havia infundido temor no coração do Comunismo. A presença do Senhor havia levado esperança à alma do povo. Mel e eu nos regozijamos diante da magnitude de nosso êxito. Cada momento de agonia da nossa dura prova valera a pena.

As Torres de Vigia são o Flagelo de Nossas Igrejas

A situação dentro da prisão geralmente corria paralela com o clima político lá de fora, contribuindo assim para um conjunto de circunstâncias instáveis. A política era baseada nos caprichos e emoções de Castro, ao invés de ser na lei e nos preceitos.

No outono de 1979, enquanto o mundo tomava conhecimento a cada dia da presença de tropas russas em Cuba, cortaram as linhas de comunicação com a Seção de Interesses dos Estados Unidos. Éramos permitido receber uma visita mensal, mas não nos entregavam as cartas que nos eram enviadas.

Nossa cela, a de número 14, foi atacada uma noite por prisioneiros cubanos, em sua maioria homossexuais. Cortaram a luz da ala e jogaram garrafas de vidro em nossa direção. Entraram na cela aos gritos e arremessaram vidros e facas feitas com as bandejas de café. O “índio” me levou, em meio à escuridão, a um ponto seguro da cela. Ele era um prisioneiro político cubano e o xerife do nosso grupo. Em meio à confusão, pegou uma mesa e a arremessou contra os invasores. Mel estava parado bem perto da porta. Embora outros tivessem sido feridos, ele não sofreu um arranhão sequer. Ao ver-se enfrentados com tão inesperada resistência, os intrusos recuaram. Durante esta ocorrência, os guardas não mostraram o mínimo interesse em ajudar-nos. Pelo contrário, desapareceram nos corredores. Não sabíamos se era por medo do perigo, ou porque receberam instruções para ficarem fora do

incidente. Durante as semanas seguintes se estabeleceu uma guerra fria. Muitos prisioneiros se armaram de facas e estiletos. Os cubanos da ala 16, presos políticos, vieram em nosso socorro. Trabalharam toda a noite fabricando armas. A tensão era enervante. Uma vez que os guardas não nos protegiam tivemos que fechar nossa porta com arame e ganchos. Mais tarde, em maio de 1980, quando Fidel Castro esvaziou os cárceres e mandou milhares de prisioneiros para os Estados Unidos, não libertou nenhum dos presos políticos. Mas, entretanto, muitos dos nossos agressores foram libertos.

A morte e a desfiguração pelas mãos dos guardas aconteciam tão freqüentemente quanto pelas mãos dos próprios presos. Uma tarde, em maio de 1980, os tenentes Calçada e Galán, entre outros oficiais, saíram para o pátio do Edifício Dois com dezoito “fugitivos”, para “falar” com eles. Enquanto Castro permitia a libertação de prisioneiros para os Estados Unidos, não a concedeu a nenhum dos encarcerados por tentar abandonar a ilha. Outros, na maioria criminosos comuns, foram forçados a sair sob ameaça de que ficariam presos cada dia das suas sentenças se não “caíssem fora”.

Fazendo estalar o rude látigo do poder, o Estado cubano continuou a fazer transbordar o cálice da amargura. Os “fugitivos”, percebendo que tinham sido enganados, desejavam discutir o assunto. Calçada, Galán e outros vieram para “dialogar”, usando barras de ferro, sabres, sarrafos e cinturões. Atacaram os homens, brandindo estes “instrumentos desportivos”. Morreram três “fugitivos”, um deles com o crânio arrebentado. Vários outros foram retirados com múltiplas e sérias lesões.

Na mesma semana, os prisioneiros estadunidenses ouviram o ataque da rádio e televisão cubanas ao Presidente Jimmy Carter, ao vice-presidente Walter Mondale e ao Assessor Nacional de Segurança, Zbigniew Brezezinski. Usaram inclusive palavras obscenas. Uma caricatura política de Carter no periódico comunista *O Granma*, o retratava como um quadrúpede. Muitas outras caricaturas traziam as autoridades dos Estados Unidos entre moscas e sujeira.

Os norte-americanos, que estavam no Edifício Dois, fizeram um protesto pacífico contra esta zombaria, recusando a comida. Em dez minutos, uns sessenta guardas avançavam sobre eles,

usando máscaras de gás, trazendo porretes, fusos, barras de ferro, baionetas e cachorros. Todos os americanos foram levados a celas de castigo, onde dormiram no chão frio, enlameado, por quinze dias. Depois disso, era visível na fisionomia dos guardas que qualquer um dos prisioneiros poderia ser apunhalado ou levado a uma sessão de pauladas. Em anos anteriores, alguns haviam sido esfaqueados, surrados, mantidos em celas inundadas até que seus pés se desfiguravam.

Durante esse tempo eu estava do outro lado da rua, num hospital com Walter Clark. Pude entrar no mesmo por intermédio de um companheiro de prisão, o dr. Jorge Torrientes, que integrou por algum tempo a equipe médica do hospital. Havia vários médicos recolhidos à prisão; eu perdera muito peso, devido à péssima comida que nos davam. O pescado que nos serviam parecia de épocas pré-históricas. Viemos a saber que veio da União Soviética, congelado em caixas fechadas, em 1971. Tinha nove anos de defasado. O arroz da China tinha tantas pedras que seria um risco tentar comê-lo. Glenn quebrou vários dentes ao mastigá-lo. A aveia, a sopa de legumes e a carne rançosa da Rússia eram todas velhas. Comida basicamente inservível. Raramente víamos carne de boi. Isso ocorreu apenas semanas antes da nossa libertação. Todos os dias a traziam.

Minha transferência para o hospital fora motivada por algo mais do que problemas físicos. Tomei conhecimento de um prisioneiro que estava ali, chamado Armando Valladares. Era um poeta que estava preso há vinte anos, sete deles em cadeira de rodas. Durante esse tempo jamais lhe fora permitido ver sua esposa Marta. Seu amor a Deus e aos homens era contagioso. Sua alegria e entusiasmo pela vida eram incríveis. Mesmo sofrendo de asma, pressão alta e paralisia da cintura para baixo, Armando era um manancial de canções, brincadeiras, histórias e bênçãos, que muitos médicos, enfermeiros e guardas vinham visitá-lo, ainda que fosse proibido. Sua foto estava colocada sob o vidro da escrivaninha do comandante dos guardas, advertindo-os de que ele era um perigoso agente contra-revolucionário. Um poeta *perigoso* em cadeira de rodas.

Para conhecer Armando no Pavilhão C, tive de olhar, através de uma grade adicional, para uma cela solitária, onde a G-2 retinha o "terrível" criminoso. Seu aparelho de terapia, doado por

organizações ocidentais que estavam interessadas em seu caso, estava jogado a um canto da cela, uma pilha de ferro velho inútil, depois de ter sido aceito oficialmente pelas autoridades. Sua poesia sobre o sofrimento, o amor, Deus e o espírito humano, o converteu numa bomba viva para o governo de Castro; não se adaptava ao automatizado modelo marxista. Achei nele um espírito comum, que mostrava amor por Deus, o homem, a beleza, aborrecendo o veneno do ateísmo. Armando me contou sobre o tempo que passou na grande prisão da ilha de Pinos. Aos turistas eram mostrados os cinco enormes edifícios circulares e os declaravam como sendo do tempo de Batista. Ali foram detidos mais cubanos sob o governo de Castro do que em qualquer outra época. A fome era incrível. Cheio de ira e desespero, Armando, certa vez, arrancou com uma mordida a cabeça de uma serpente que achou em meio às touceiras de cana.

O comandante da prisão tinha como mascote um porquinho que vagava pelas cinco torres, fuçando de um lado para outro, procurando comida. Uma tarde baixaram um laço por entre as grades das janelas do terceiro andar e o porco guinchando de surpresa foi rapidamente levantado à altura de doze metros. Sendo grande demais para passar pelas grades, o esquartejaram, enquanto balançava do lado de fora. Pegaram os pedaços e os cozinham e os comeram tão rapidamente que quando os guardas chegaram algum tempo depois sentiram somente o cheiro.

Fiquei sabendo da morte do irmão Alfredo Romero, um pastor cubano graduado pelo Instituto Bíblico das Ilhas Ocidentais. Romero morreu de pneumonia em sua cela, depois de seis anos de detenção na prisão de El Príncipe, em Havana. Outro pregador do Evangelho, Gerardo González Alvarez, era chamado "o irmão da fé" por seus companheiros de prisão. Esse homem piedoso foi morto em 1 de setembro de 1975, durante o infame massacre da prisão de Boniato. Tempos depois Armando conseguiu que o seu testemunho escrito atravessasse os muros da prisão. Eis aqui o relato de Armando: O IRMÃO DA FÉ.

"Na tarde daquele sábado o contingente de prisioneiros chegou um pouco adiantado. Milhares de presos rodeados de fusis e baionetas, foram chegando em silêncio dos campos de trabalho forçado e formando extensas filas de fome, suor e cansaço. Sujos, descalços alguns, e outros com as roupas em frangalhos. Tinham os

ombros caídos, as costas encurvadas, como se estivessem sobre eles todas as amarguras e misérias humanas. Os lamacentos caminhos e estradas que levavam ao presídio da ilha de Pinos, e outros interiores, rodeadas de altas redes de arame estavam cheias de largas colunas de homens que terminavam outra dobrada jornada nos lamaçais infestados de mosquitos, nas pedreiras, nas plantações de limão, adubadas com o nosso sangue. O gigantesco campo de concentração continha mais de seis mil presos políticos. Alguns já haviam entrado no edifício. Os prisioneiros desnutridos e com um cansaço secular caminhavam lentamente. Ouviam-se as vozes dos chefes de fileiras, gritando para que andassem mais depressa. Aquilo era normal. A mesma ladainha de todos os dias mês a mês, ano a ano... Os que se atrasavam, levavam pauladas e coronhadas, golpes de baionetas. E a fila caminhava um pouco mais depressa.

“O bloco 26, com seus quatro contingentes, avançava passo a passo pela alameda que corria paralela com nosso edifício. Estavam fatigados, extenuados. Mais que caminhar, se arrastavam, quase sem forças para levantar as pernas. Os guardas exigiam que andassem mais depressa. E ameaçavam, agitando no ar os sabres e baionetas. Os prisioneiros tentavam, mas os guardas queriam mais e começavam a dar pauladas. *Vamos! Depressa!* - gritavam, enquanto descarregavam sua fúria e covardia. Retiniam os sabres e as baionetas nas costas dos presos. Houve uma desordem na fila, uma agitação. Os guardas se intrometeram e distribuíram pancadas a torto e a direito com fúria e violência. Os da frente fizeram um esforço sobre-humano, avançaram, fugindo dos golpes e naquele instante, um preso, enquanto descarregavam golpes de sabre nas suas costas, levantou os braços ao céu e gritou, olhando para cima: *Perdoa-os, Senhor, porque não sabem o que fazem.* Nem um gesto de dor, nenhum tremor na voz. Era como se os ombros, sobre os quais caíam as sarrafadas, abrindo a carne, não fossem os seus. Os olhos claros do *Irmão da fé* fulguravam; os braços abertos, pedindo perdão para os seus algozes. Era naquele instante um homem incrível, sobrenatural, maravilhoso. O chapéu caiu de sua cabeça. Seus cabelos eram brancos. Poucos dos que o conheceram sabiam o seu nome verdadeiro. Era como um caudal inesgotável de fé e conseguia transmiti-la aos seus companheiros nas situações mais difíceis e desesperadas.

“- Tenham fé, irmãos! - repetia constantemente e atrás de si

deixava um rastro de otimismo e paz. Seu nome era Gerardo, mas só o chamavam *Irmão da fé*.

“Pastor protestante, havia dedicado sua vida a pregar a Palavra de Deus. Sua pregação mais eficaz era sua própria vida. Quando chegaram ao cárcere da Cabana, milhares de prisioneiros se acotovelavam naquelas galerias sem espaço. Dormiam no chão, nos cantos, debaixo das camas. E o medo e a morte nos ameaçavam todas as noites, porque eram momentos de fusilamento. Não sabíamos se tornaríamos a ver os companheiros que eram levados aos tribunais comunistas. As descargas de fusis soviéticos rompiam em pedaços os corpos dos cubanos que desafiavam a ditadura atéia e escravagista. Aqueles fossos centenários estremeciam com os brados varonis de *abaixo o comunismo!* e *Viva Jesus Cristo!* e naqueles instantes de angústia o *Irmão da fé* levantava as mãos ao céu, além do firmamento.

“- Senhor, recebe-o em teus braços.

“Pouco depois, quando se ouviam os martelos fechando as caixas fúnebres, o *Irmão da fé* dizia que o prisioneiro era um privilegiado, porque Deus o chamara para estar com Ele. A muitos ajudou a enfrentar a morte com coragem e serenidade. E assim ia e vinha constantemente entre os grupos infundindo fé, tranqüilizando os ânimos, dando apoio. A muitos ajudou, a muitos consolou.

“Todos os dias, quando abriam as galerias, ele as percorria buscando os enfermos e, quisessem eles ou não, levava as suas roupas sujas. Dentro em pouco era visto com um pedaço de saco de juta, ou de plástico, amarrado com um cordel na cintura à quisa de avental diante de montanhas de roupa. Alto e encurvado sobre os tanques suava em abundância. Tinha os cabelos brancos e os olhos claros, uma espécie de brilhante.

“Tirava-nos da cama para participar do culto.

“- Levanta-te filho de leão, porque o Senhor te chama!

“Ninguém conseguia negar-se. Se alguém se mostrava pensativo e cabisbaixo, ele dizia:

“- Quero ver-te no culto da tarde.

“E o companheiro ia. Suas prédicas eram de uma beleza primitiva, tinham um magnetismo extraordinário. Detrás de um púlpito improvisado com um lençol sobre caixas de bacalhau e uma singela cruz, a voz trovejante do *Irmão da fé* pregava a Palavra para nós diariamente, precedida de hinos de louvor e corinhos que

escrevia nos papéis de cigarro e espalhava entre os presentes. Muitas vezes a guarnição desbaratava esses minutos de oração a coronhadas, mas não conseguia atemorizá-lo.

“Quando o levaram para o campo de trabalho forçado na Ilha de Pinos, organizou leituras bíblicas e coros religiosos. A posse de uma Bíblia era um ato subversivo. Ele tinha consigo, não sabíamos como, uma Bíblia pequena que o acompanhava sempre.

“Se algum companheiro fatigado ou enfermo ficava para trás na capina, ou na quantidade de pedras que devia quebrar a marteladas, o *Irmão da fé* se aproximava. Delgado, musculoso, tinha uma resistência incrível para todo esforço físico e adiantava o trabalho do outro, salvando-o, assim, de uma pancadaria. Quando algum dos vigilantes passava por trás dele e lhe dava uma pancada, o *Irmão da fé* se levantava como uma mola, olhava nos olhos dele e lhe dizia:

“- Que o Senhor te perdoe.

“Éramos mil e tantos presos naquele edifício. Todos sentíamos carinho e admiração por aquele homem que reconhecia ter sido um grande pecador. Às cinco da madrugada, começavam a sair as companhias de trabalho. Devíamos estar no pátio central. Às vezes, no andar de cima ficavam alguns retardatários e quando isto acontecia, a guarnição entrava e distribuía pancadas sobre todos. E ali, encorajando-nos, estava o *Irmão da fé*.

“- Não dêem lugar ao Diabo, irmãos - dizia aos que se demoravam. Enquanto fazíamos a extensa fila para receber o *desjejum*, água doce quente que traziam em galões de cinquenta e cinco litros com gosto de querosene. Muitas vezes o *Irmão da Fé* contava casos bíblicos, ou nos fazia rir com suas apreciações pessoais sobre o pecado e a conduta dos homens.

“- Não se esqueçam de que eu vivi no pecado e conheci as tentações, dizia ele. Seu maior empenho se constituía em que não houvesse ódio entre nós. Em quase todas as suas pregações nos fazia esta advertência.

“Agora está no cárcere de Boniato, *Centro de Extermínio e Experimentação Biológica*; está numa cela blindada com placas de aço. Mas sua voz, como se viesse do fundo de uma caverna, se escuta todas as tardes chamando para o culto e a oração que não deixou de fazer um dia sequer. Todos se calam. Um silêncio respeitoso enche os corredores desertos daquela catacumba. Lá

morreram Estebita, Pires e Castilito. As pregações daquele dia arrancaram lágrimas dos mais austeros. Nunca pregador algum trabalhou para Deus e os homens em condições tão adversas.

“A fome e as enfermidades minaram seu organismo. É quase um esqueleto. Tem o cabelo mais branco e os olhos mais encovados do que antes.

“A guarnição entra em posição de combate. Já metralharam outros presos que não estão trancados na Seção da frente e jogaram granadas. Dentro das celas hermeticamente fechadas não se pode ver nada. Somente escutar. Começam então a abrir as celas e os vão tirando aos empurrões para o fim do corredor. Estão quase todos do lado de fora. Ficam de pé com dificuldade e se agarram nas paredes, caindo e levantando. Estão fracos, extenuados pela fome e pelas torturas. E começa a pancadaria brutal, quebrando braços e costelas, cabeças e rostos; aos inválidos arrancam das cadeiras de rodas puxando-os pelas pernas e arrastando-os pelo chão. Nesse momento um prisioneiro esquelético, espectral, com os braços levantados, se interpõe entre os guardas que espancam e grita, olhando para cima. *Perdoa-os, Senhor, porque não sabem o que fazem.* Seus olhos brilham como duas brasas acesas. Os guardas detêm por um momento as pancadas devido a expressão inesperada: *Perdoa-os, Senhor, porque não sabem o que fazem.*

“- Para trás! - grita o tenente comunista Raul Pérez da Rosa; os guardas recuam e o oficial aperta com ódio o gatilho do fusil soviético A.K. A primeira rajada atinge o peito do *Irmão da fé*; a segunda quase lhe separa a cabeça do corpo, rasgando-lhe o pescoço.

“- Perdoa-os tu, *Irmão da fé*, se queres perdoá-los, mas estes, sim, sabem o que fazem.”(*)

Como pode alguém esmagar fisicamente um poder espiritual? Os comunistas estão perplexos, porque, apesar de suas campanhas de diversão, a despeito da opressão, da substituição de jovens pastores marxistas por homens que não crêem na Bíblia, a Igreja continua prosperando. Na União Soviética a Igreja cresce muitas vezes mais rápido que na Europa Ocidental. Enquanto as mentes atéias estiverem espiritualmente nas trevas, não podem compreender o conceito de que a Igreja é composta de “pedras vivas”. O

(*) Transcrito de *El corazón con que vivo*, Ediciones Universal, P.O. Box 450353, Miami, FL, 33145. EE.UU.

apóstolo Pedro disse que somos pedras vivas edificadas numa casa espiritual; conheci muitas destas pedras. Estamos sobre a principal pedra angular, Cristo. Tentei explicar este conceito muitas vezes ao capitão Santos, mas para um homem materialista, a comida espiritual não tem sabor, nem cheiro, nem cor. Talvez algum dia seus sentidos sejam despertados e chegue a sentir fome de Deus.

Um dia pude tirar uma foto de Armando e ele tirou a minha com uma máquina russa que chegou até nós escondida numa bandeja de remédios. Os guardas invadiram nosso pavilhão no dia seguinte com o tenente Castillo, chefe de segurança, e acharam dois rolos de filme virgens na cela de Armando. Felizmente eles não sabiam que havia um terceiro rolo porque eu o havia escondido em meu corpo protegido por um curativo que envolvia minha cintura. Usei o mesmo método para esconder cartas para minha esposa, documentos, uma declaração firmada por doze cristãos na qual se delatava a mortal perseguição em Cuba.

Também enviei poemas para fora. Anos antes havia escrito algumas poesias e agora, com um poeta junto de mim, Deus começou a recordar-me o que escrevera. Um dos poemas era intitulado "Coroa de espinhos".

COROA DE ESPINHOS

Pontas de arame.
Uma coroa de espinhos nos rodeia
Penetrando através da carne.
As torres de vigia
São o flagelo da nossa igreja,
Fazem as feridas
Sangrarem de novo.
Bebemos deste cálice.
E seu prazer nos é superior
Acima dos cachorros,
dos gritos, do barulho dos ferros...
Assim como vivos dentro das tumbas,
Nós vemos os mortos lá de fora - os cegos,
Nossas orações derretem barrote,
Amassam concreto,
Quando nos sentimos fracos,
Em ti está a nossa força, ó Deus.

Amarrei a câmara com um barbante e a dependurei debaixo do ventilador do banheiro dos guardas. Dois dias depois ela foi encontrada.

O tratamento no hospital era precário. Em nosso pavilhão vi seis enfermidades diferentes serem tratadas com uma garrafa única de glicose. Nos dois meses que estive ali vi o médico durante cinco minutos. O exame que fizeram no meu suposto câncer no estômago foi realizado superficialmente.

Walter Clark, o outro americano que estava no hospital, tinha uma dor constante, devido a fratura na coluna vertebral. As autoridades não somente se recusaram a dar-lhe um tratamento melhor, como também negaram à esposa dele permissão para trazer um suporte especial. Walter ficava muitas noites sem dormir, em agonia, sem poder mover-se. Quando as relações entre os Estados Unidos e Cuba pioraram, ele passou a ser tratado de forma mais desumana. Durante meses penou ali. Nenhum médico ia vê-lo. Tinha de encontrar meios escusos para conseguir comprimidos que lhe amenizassem as dores. Perdeu mais de 25 quilos.

O cirurgião-chefe tinha o apelido de *dr. Paulada*. Ele, certa ocasião, arreventou com uma paulada a cabeça de um enfermeiro prisioneiro chamado Casavilla. Durante o tratamento médico de alguns prisioneiros políticos cubanos, quando desciam as escadas, surgiu um desentendimento entre os presos. Os guardas, com suas costumeiras práticas de destruição, começaram a espancar a todos os que estavam naquela parte do corredor. Leal a Castro, o *doutor Paulada* começou a espancar violentamente com um sarrafo a cabeça dos pacientes que estavam parados próximo à briga.

Outro guarda, chamado de Gorila, deu uma pancada no rosto de um preso, o Nápoles, um enfermeiro voluntário, fazendo voar-lhe os óculos e cortando-lhe o rosto. Mario Chaves foi golpeado brutalmente; estando na prisão já por vinte anos, Mario era um dos revolucionários que vieram com Castro no barco *Granma* para derrotar Batista. Muitos destes oitenta e três "libertadores" vitoriosos estão no cárcere, ou mortos, ou vivendo em Miami. De ano em ano, toda foto de Fidel Castro com seus homens tem que ser modificada, recortada e refeita devido ao desencanto do povo com a revolução que Fidel Castro chama "do povo"; assim é o comunismo. Uma mentira sutil, fervendo por baixo e transbordando rapidamente sobre o monturo das estruturas políticas que o sustentam, arrastando-

se como lava incandescente para consumir até seus próprios revolucionários ingênuos.

Poucos observadores casuais chegam a perceber o controle total que é executado sobre este povo. Um vazio de informação e as barreiras que ele levanta, são apenas um exemplo. Quando estive no hospital, pude obter um livro de curso secundário sobre física. Encontrei um capítulo sobre o sistema solar. As quatro páginas do texto sobre a lua e as fotos do satélite em nenhuma parte mencionava que o homem havia estado lá ou que trouxeram amostras do seu solo. O livro não continha fotos da lua tiradas pelos americanos.

“Talvez achem muito antiquado”, pensei, amenizando a má impressão, voltando rápido ao começo do livro. Registrava a data de 1976. O texto mencionava que os últimos progressos feitos na busca de conhecimentos sobre a lua eram os conseguidos pela União Soviética, com seu satélite Lunik II.

Cuba foi uma das únicas nações do mundo que não televisaram a descida do homem na lua. Esta carência de informação, por motivos ideológicos, atinge todo o programa, da ciência à religião. Esta cortina obrigatória cai inclusive sobre a atmosfera da terra. Havia dois rádios de ondas curtas escondidos entre nós; os guardas acharam o primeiro dentro de um livro oco. Isto só foi possível, devido a uma busca demorada. As autoridades souberam que tínhamos outro pelo fato de que certos grupos de presos cubanos e norte-americanos estavam sempre melhor informados sobre os acontecimentos mundiais do que as autoridades da prisão, ou os espões infiltrados entre os prisioneiros. Em várias ocasiões ouvi programas evangélicos pelo rádio, de Buenos Aires e Quito, com Juan Dominguez. Muitas vezes as transmissões sofriam interferência. Outras noites podíamos sintonizar uma frequência clara. Era emocionante escutar as maravilhosas e concisas mensagens de esperança e amor; os cânticos eram um prazer desmedido que procediam de uma pequena caixa para os nossos ouvidos. Usávamos tubos para transfusões intravenosas, como audifones, colocando tampões plásticos. Devido ao desgaste das pilhas, conseguimos um pequeno transformador. Certa vez, Mel e eu ouvimos, na Voz dos Estados Unidos da América, que nossas esposas viriam a Cuba. Outra transmissão mencionava o nosso acidente e a nossa prisão; as frequências eram interrompidas pelos instrumentos soviéticos instalados em Cuba. Mas com persistência podíamos encontrá-las

e receber conforto por meio dessas transmissões clandestinas.

Os cristãos e políticos cubanos empregavam sinais manuais para advertir aos que copiavam as notícias recebidas pelo rádio. Faziam os sinais de pontos estratégicos. O sistema geralmente funcionava sem maiores problemas. Uma tarde parei junto de Dominguez para escondê-lo enquanto escutava uma transmissão da WKWF, de Caio Hueso. A comentarista de notícias, Susan Grey, era nossa maior fonte de informação, uma vez que sua emissora estava perto de Cuba, com frequência *A.M.* João, encolhido a um canto e sentado no chão, escutava atentamente. De repente ouvi passos atrás de mim. Virando a cabeça ligeiramente e com cuidado, vi um guarda que se aproximava. Não estava a mais do que cinco passos. Não havíamos sido avisados previamente. Dei uma pancadinha no meu ombro com dois dedos, que era o nosso sinal e João meteu o rádio na camisa. Levantou-se e começou a andar, afastando-se do guarda. Imediatamente comecei a falar com o homem, bloqueando sua visão.

- Então, quando podemos sair esta semana? - perguntei animadamente, dando a idéia de estar pedindo - Há muito que não vamos lá fora.

Ele apenas sacudiu os ombros.

Voltando-me para seguir meu amigo, reparei que o fio do audifone estava à mostra balançando atrás dele, como se fosse uma cauda. Mas não foi visto pelo guarda. Protegidos de novo! Finalmente as autoridades fizeram desarrumar todo aquele quarto andar do Edifício Um, na intenção de encontrar a pequena caixa que para eles representava um grande perigo.

Fomos todos levados ao Edifício Dois e nos revistaram minuciosamente. Ninguém levava o rádio. Havia sido deixado escondido em alguma parede do Edifício Um. Os defensores da fé comunista passaram vários meses usando marretas, quebrando paredes, para descobrir onde estava a pequena caixa de plástico e os fios que disparavam mísseis espirituais e ideológicos sobre a sua "sociedade pura". As nuvens de poeira se levantavam, os martelos continuavam a quebrar. Os trabalhadores descarregavam montes de argamassa e areia em frente do edifício para as extensas reparações. Os guardas utilizaram detectores de metal para explorar os corredores e paredes. Era uma caçada às bruxas. Entretanto, era as bruxas que caçavam. Não acredito que tenham achado o rádio.

Por vários meses carreguei um pequeno cilindro que continha cartas. Costurei-o entre as pernas da minha cueca e a usava constantemente sobre outra. Quando precisava sair por algum tempo daquele andar, deixava a cueca com Rafael que a guardava enquanto eu estava fora. Certa tarde fomos revistados. Geralmente sabíamos com antecedência, por meio dos rumores da prisão, mas desta vez nos pegaram de surpresa. Todas as portas foram abertas de repente e os oficiais entraram em cada cela da nossa ala. Pelo fato de estar escrevendo nesse mesmo momento, pulei da cama e corri ao asqueroso buraco no chão que ficava no fundo da cela, nosso banheiro, para fazer desaparecer as cartas. E lá se foram elas. O tenente estava furioso, mas nada poderia fazer. Espancar-me de nada adiantaria. Enquanto estávamos todos amontoados para que os guardas verificassem nossas celas, encontrei-me com Rafael. Nesse dia ele estava com a minha cueca.

- Estás com a cueca? - perguntei em voz baixa.

- Não. Não tive tempo de vesti-la. Vieram muito rápido - disse ele nervosamente.

Meu estômago se apertou. Dentro do curativo no meu corpo havia uma carta referente às novas formas de introduzir literatura cristã em Cuba. Se fosse achada, eu jamais sairia daquela prisão. Nesta época haviam recomeçado os vôos. John Lessing havia feito um vôo de volta tendo sua esposa como ajudante no despejo de literatura evangélica.

Sentei sobre umas molas enferrujadas, com Glenn e oramos. Contei a Mel e ele orou. Orávamos com os olhos abertos para que os espias, que havia entre os prisioneiros, não soubessem o que nos causava temores: "Ó, Deus, eu creio que tu me trouxeste a Cuba" - disse eu com tranqüilidade - se queres que eu fique aqui definitivamente, fecha a porta; eu cumprirei a tua vontade, mesmo que eles achem a carta". Olhei para fora. Os guardas estavam jogando a maior parte dos nossos pertences no corredor, demorando bastante em cada peça, chegando a rasgar os colchões.

- Onde puseste a cueca? - perguntei a Rafael - está escondida?

- Não. Está perto da minha cama, bem a vista. Qualquer um poderá encontrá-la - respondeu ele quase em pânico.

Pensei nas fotos e cartas. Se tão-somente pegassem a cueca ou a levantassem, o pesado cilindro apareceria imediatamente.

- Ó, Deus, ainda que a levantem, não permitas que vejam o

cilindro! Não os deixes ver. Ainda que a toquem, não os deixes ver.

Depois de duas horas voltamos às nossas celas. A cueca não estava ali. Rafael estava temeroso mas logo a achou. Havia sido tirada e arremessada ao outro lado da cela; a informação estava intacta. Deus, como sempre tinha o controle de tudo.

Por este tempo eu esperava ansiosamente por uma visita familiar. Estas visitas eram tidas pelos presos como um contato com outro mundo, como um sorvo de ar puro. Estes acontecimentos tinham uma significação especial para nós. As notícias do “outro planeta” - a sociedade livre - eram recebidas, compartilhadas, passadas aos demais, analisadas, pesquisadas em seu conteúdo, quer fossem animadoras ou deprimentes. Muitos prisioneiros se lançavam às alturas das teorias mais otimistas, para abater-se depois às profundezas do pessimismo fatalista. Alguns deles se tornaram até mentalmente vegetais, prostrados na cama, sem comunicar-se com os outros.

Minha gratidão crescia cada vez mais, ao compreender que esse maravilhoso privilégio da fé, a presença de Jesus em mim, me podia conservar calmo a maior parte do tempo, num nível suave e tranqüilo. Recebi um total de cinco visitas da parte da minha família. O cálculo de gastos chegou a 700 dólares, realmente caro para visitas de três horas. Às famílias não era permitido voar independentemente a Cuba para ver-nos mas tinham que ir como parte de uma excursão organizada. Através de muitos sacrifícios, tanto Ofélia quanto minha mãe, meu pai e meu irmão mais velho me trouxeram momentos de refrigério. Por eles pude enviar centenas de cartas, fotos, o rolo de filme com as fotos tiradas no hospital. Tornaram-se contrabandistas. Eu os chamava “portadores de luz”. As cartas que eles levavam não eram somente as minhas, mas de outros prisioneiros cubanos e americanos. Por meio dessas cartas passaram muitas lágrimas, suspiros, risos, palavras de conforto e beijos de muitos velhos avós que nunca haviam visto seus netos.

Eu tinha comigo o rolo de filme do hospital quando meu irmão veio ver-me. A diferença dos outros “correios” era que estes não eram pacotes comuns de cartas, mas algo que poderia causar-nos sérios problemas. Se chegassem a ser descobertas, estas fotos de dois homens fracos, vestidos com pijamas do hospital da prisão, seriam consideradas como crime contra o Estado.

Chegou o dia da minha visita; sou o chamado. Quase

correndo, fui para a sala do tenente Calçada para ser desnudado e revistado. Podia ver muitos da ala cubana, aos quais não era permitido receber visita, balançando as mãos para dizer-me adeus. O guarda que me revistou foi o “coruja”, assim apelidado devido as empolas que tinha na parte inferior dos olhos. Mantinha-se bêbado a maior parte do tempo, provavelmente porque não gostava do seu trabalho. Era o mais briguento e o menos cooperador entre todos os guardas, os quais também zombavam dele. Nesse dia eu tinha muitas cartas, além do filme. Um dos envólucros inseridos em meu corpo era tão grande que me doía ao sentar-me.

- Tire a roupa - ordenou o “coruja” bruscamente, quando chegou a minha vez.

Sendo um dos poucos estadunidenses que falava espanhol, tentei distraí-lo por meio de um bate-papo. Era difícil falar porque tinha um pedaço de lâmina de barbear envolto num papel amarelo debaixo da minha língua. Era para cortar o curativo que cobria os envólucros.

- Como estão as coisas, Abel - disse eu sorrindo. Ele não falava muito, respondendo somente com grunidos - é chato trabalhar aos sábados, não? Quando é a tua folga? (como se eu desejasse que ele tivesse um dia de folga). O fato de que lhe falara em espanhol parecia abrandar-lhe um pouco. Ao mesmo tempo eu orava.

Ainda que estava nu Abel não via o pequeno tubo negro que estava oculto em meu corpo. O curativo estava fixado por um barbante. Depois desta revista, e antes de encontrar-me com meu irmão, pude esconder-me e retirar o material. Depois de cortar o plástico peguei os envólucros e os escondi. A transferência era então muito simples. Como de costume, ele estava tranqüilo. Numa visita posterior dei a Ofélia quatro desses envólucros. Durante nossos breves momentos juntos, ela me mostrou um pequeno pacote de pó, de cor purpurina, fechado com um elástico.

- Que é isso, querida? - perguntei, contendo por pouco a minha curiosidade.

- É suco de uva em pó - respondeu, sorrindo - Pensei que podíamos celebrar juntos a Santa Ceia.

Tirei uns corinhos e versículos em espanhol que estavam escritos em pedaços de papel amarelo, do mesmo em que embrulhara a lâmina, e ocultara debaixo da minha língua. Cantamos juntos, suavemente, por uns poucos minutos: “Há vida em Jesus”. Depois

lemos Mateus 10.37-39, a mesma passagem que me encorajara a cumprir aquela missão, quando me encontrava acomodado no conforto do lar: “Quem ama o pai, ou a mãe, mais do que a mim, não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e não segue após mim, não é digno de mim. Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á”.

Estas porções tinham um significado especial para ambos. Quando eu agonizava na prisão, Ofélia tomava a sua cruz. Ela também havia entregue a sua vida à causa do Senhor. Ainda que estávamos separados por milhares de quilômetros e eu encarcerado, nós, realmente, achamos a vida como nunca havíamos conhecido antes. Ao ajoelharmos juntos na pequena sala de visitas, tomando o suco e comendo um pedaço de bolo, uma doce paz encheu nossos corações.

- Senhor Jesus - chorou Ofélia, num murmúrio - sabemos que estás fazendo a tua vontade aqui. Quando chegará a hora de levares Tomás para casa? Sabemos que tu podes libertá-lo!

- Ó, Deus, - disse eu, unindo-me à oração - graças te dou por este tempo, este precioso tempo com Ofélia. Graças pelo teu cuidado e proteção sobre ela e sobre as crianças. Guarda-os constantemente em tuas mãos, querido Jesus. Estás fazendo uma obra tão maravilhosa. Quando terminar este “curso”, manda-me de volta para eles. Senhor, graças te dou.

Separamo-nos sem lágrimas; somente sorrisos, agradecidos pelo seu amor e cuidado.

Vento ao Redor do Mundo

Durante toda a minha vida serei grato ao Senhor por ter enviado aquele vento em nossa última viagem, porque ele levou a mensagem do Evangelho diretamente sobre Ciego de Ávila. Outro vento estava soprando agora ao redor do mundo e era conhecido em parte somente por mim e meu amigo Mel. Estava movendo corações a orar por nós e a clamar em nosso favor. Era o vento do Espírito Santo.

Hoje em dia muita gente piedosa tem a impressão equivocada de que a publicidade sobre um prisioneiro em países comunistas fará com que ele seja ainda mais torturado. Pelo contrário, nem sempre acontece assim; nossa libertação é um testemunho disto. Vasile Rascol foi libertado rapidamente da prisão da Romênia e George Vins foi tirado do cárcere e exilado da União Soviética devido a pressões da opinião pública.

Cerca de cinco mil australianos escreveram a seu Primeiro Ministro sobre o nosso caso. Logo após Merv Knight intercedeu em nosso favor; missões cristãs da Holanda, Alemanha, Inglaterra, Canadá, África do Sul e da Índia convocaram os crentes a levantar-se em oração, escrever cartas ou fazer chamadas telefônicas; cristãos de todo o mundo reuniram 175 mil dólares que Fidel Castro havia exigido pelo nosso resgate. Assim que Fidel foi notificado do depósito daquela importância no banco intermediário, exigiu imediatamente 300 mil dólares. Este tráfico de escravos é levado a cabo diariamente pelo governo da Alemanha Ocidental, que gasta milhões de dólares por ano, comprando e trazendo de

volta os descendentes e parentes de alemães do Oeste, que vivem na União Soviética e Alemanha Oriental.

Meus pais e outras pessoas oraram e choraram. Bateram às portas do Congresso. John McLario, da Defesa Legal dos Cristãos, quase foi preso em Havana por mencionar o nosso caso... Simplesmente por isso. Quatro semanas antes que fosse anunciada a nossa projetada libertação, o *Miami Herald* publicou minha fotografia na prisão e toda a matéria de cinco laudas que Mel e eu havíamos escrito no ano anterior. A carta foi reproduzida em vários periódicos cristãos e seculares. Foi inclusive colocada no Arquivo do Congresso em 17 de agosto de 1980, sete semanas antes que fosse anunciada nossa libertação.

Durante a disputa pela presidência entre Carter e Reagan, houve uma pressão visível que atormentava Fidel Castro, que odiava Reagan. Fidel gritou e esbravejou várias vezes pela televisão cubana chamando Reagan de "Adolfo Hitler". Muitos de nós cremos que este foi um fator influente na decisão de nos libertar. O faraó egípcio deixou ir os israelitas por motivos políticos, mas Deus foi quem fez a obra.

A coluna vertebral de todo esforço, o poder real veio através de milhões de cristãos que lavantaram a sua voz num poderoso grito de guerra - a oração. Mais tarde nos inteiramos das lágrimas que rolaram dos olhos e pela face de africanos, filipinos, cubanos, americanos, ilustres senhoras da Califórnia, homens e mulheres do Texas e Oklahoma, e jovens da Flórida. Todos estavam brandindo a espada mais afiada jamais vista pelos homens: a Espada do Espírito.

Nossa libertação oficial foi anunciada em 13 de outubro, mas devido aos trâmites burocráticos e falta de coordenação entre os governos fomos mantidos presos por mais duas semanas. Este foi um excelente exercício de paciência. Estávamos tão longe e tão perto. E havia ainda vinte e dois anos e meio a ser cumpridos na prisão. De todos os casos de americanos presos em Cuba, o nosso era - por imensa margem, o mais sério. Lembrava-me sempre das palavras de Fidel Castro referentes às nossas "circunstâncias extraordinárias"; não obstante, sabia que Deus podia resolver tudo. Este foi também um tempo de tremendas tensões, traumas emocionais e quedas depressivas para muitos. Todos nossos pertences, como toalhas, cobertas e objetos pessoais, deixados durante as

nossas três “libertações”, haviam sido confiscados. Muita ira, medo, esperança e prazer passaram-se sem obstáculo acima e abaixo dos corredores; Matt e outros americanos me mostraram animadamente uma mensagem escrita dois meses atrás, de uma igreja na Flórida. O grupo de oração havia prometido interceder por nós “até 15 de outubro”. O coronel da prisão, Pacheco Silva, nos notificou oficialmente esta data. Deus e não Pacheco tinha o controle de tudo.

Continuei fazendo meus costumeiros exercícios diários com Glenn, trocando informações e comentários com Mel sobre as notícias e tentava viver normalmente. Mas as esperanças continuavam se escoando, rasgando o meu peito como se fosse um segundo coração. Todos tentamos não erguer castelos de ilusão. Não desejávamos sentir-nos feridos mais tarde, se por acaso acontecesse um imprevisto. Efetivamente, ao regressar à prisão, depois de uma das nossas falsas libertações, muitos se sentiam frustrados e angustiados. Eu me mantinha intimamente decidido a esperar no Senhor. A melhor forma foi mais uma vez por meio do louvor. Enquanto andava, cantava o hino que entoaram durante o meu batismo: “Eu seguirei onde me mandar”. Quando as emoções frias ou quentes de outros prisioneiros, ou as minhas próprias me traziam indecisão, lembrava este hino; repetia-o várias vezes procurando alicerçar a minha fé.

Mel e eu podíamos ter sido excluídos da lista dos que saíam. Era possível que isto acontecesse a qualquer momento. Os comunistas têm prazer na guerra psicológica. Houve cristãos que estavam prontos a graduar-se em suas universidades e um dia antes lhes disseram: “Vocês não foram diplomados”. Havia prisioneiros cubanos, cujos nomes eu sabia que estavam nas listas de soltura, que empacotaram seus pertences e que no dia da libertação ouviram: “Sinto muito. Seu nome não consta desta relação”. Tudo planejado de antemão, diabolicamente.

Ainda assim continuamos preparando-nos para nossa libertação, porque criamos que sucederia a qualquer momento. Mel deu sua Bíblia aos prisioneiros cubanos. Mesmo que lhes tivessem tomado toda literatura cristã, especialmente qualquer material em inglês, oramos para que a Bíblia ficasse em segurança. Minha Bíblia foi também para as mãos de outro prisioneiro. Preparei pacotes de cartas de meus irmãos cubanos e quando nos fizeram a chamada final os escondi em meu corpo. Os ônibus que

nos tiraram da prisão foram diretamente ao aeroporto de Havana, onde fomos colocados num avião da Air Flórida, especialmente fretado e que nos estava esperando para levar-nos ao nosso país, ao nosso lar. Uns poucos veículos cheios de G-2 e outros oficiais estacionaram perto de nós. Nada dissemos, porque, naquele mesmo momento - enquanto começávamos a entrar na fila para o avião, eles poderiam tirar-nos dela.

- Perdão, mas houve um engano... White! Bailey! - mas não. Não se ouviram tais palavras. Subimos a bordo e apertamos os cintos de segurança, maravilhados diante das limpas almofadas, o ar condicionado e a cortesia e gentileza da tripulação. Sorriam solícitos por nossa comodidade. Mas ainda estávamos em Cuba.

O zumbido dos motores dando partida produziu calafrios emocionantes em todo o meu corpo. Com um rugido o Boeing 737 se dirigiu impacientemente ao final da pista, deu a volta e logo rodou. Mais rápido! mais rápido! mais rápido! As plantas tropicais e as palmeiras passavam dos lados velozmente.

- Vamos! Vamos! Avante! Força! Empurra! Aperte o acelerador!

Parecia que nossos gritos e lágrimas empurravam o avião para sair da pista ainda mais rápido. Olhei de novo para a ilha, pensando em Noble, Vargas, Armando e os outros, a nova parte da minha família que eu estava deixando para trás.

Ao aterrissar em Tamiami, um pequeno campo de pouso ao sul de Miami fomos cercados por centenas de repórteres e câmaras ruidosas. Havia uma bandeira grande que duas mulheres seguravam: Ofélia e Mary, nossas esposas. Num cartaz estava escrito: "Bem-vindos ao lar Mel e Tomás! Não há Deus como o nosso!" Um menino de suéter vermelho brincava com sua irmã na grama, em frente ao cartaz.

- Ei, rapazes! - gritei para os tripulantes que estavam na cabine - vêem aquele menino? Sim, aquele lá. É meu! Seu nome é Daniel. E a menina é Dorothy, com minha esposa Ofélia.

Cada oração, cada artigo, cada carta escrita sobre nós, quando estávamos na prisão, cada palavra falada agora me lembram um carpinteiro de mãos fortes e calosas das quais uma segura firmemente um cravo no lugar marcado com um X. Coloca-o com precisão. Rápida, suave e decisivamente introduz o cravo na madeira, com marteladas firmes. Outro cravo e mais outro. Marteladas

pacientes com resolução e habilidade. Nosso grande carpinteiro deseja que atuemos assim com sabedoria aprendida de nosso manual de instrução, a Bíblia. Com a suavidade obtida pela amável influência do Espírito Santo. Cada dia tomamos os cravos que Ele nos dá e acertamos no ponto marcado. Depois de sair de Cuba, tenho sido tentado em momentos de cansaço a deixar de lado o martelo e colocar os cravos numa caixa. A vida é muito mais complexa fora da prisão. Muitos assuntos, todos igualmente importantes, são defrontados cada dia pelo obreiro cristão e sua família. Mas quando olho para trás e vejo a mão de Deus cheia de graça e de misericórdia, nesta parte da minha vida, eu me conscientizo de que Ele me deu um martelo, algo que se adapta à palma da minha mão e que tem o peso ideal para que eu o carregue. O lugar marcado com um X para mim é Cuba e outros países comunistas, onde sofrem na prisão milhares de meus irmãos e irmãs. A extremamente curta duração de minha vida sobre a terra não vai mudar a grande trajetória de nenhuma nação. Mas Deus não está pedindo que faça isto. Ele quer a minha dedicação. Nada mais.

Poucos meses antes do último vôo sobre Cuba assisti a uma Ceia durante a qual o pregador fez uma ilustração rica de significado. Ela se tornou uma espécie de profecia para mim, aplicando-se inteiramente ao meu caso.

“Um passarinho assustou-se com um incêndio que havia no bosque. O pássaro voou até um riacho que havia ali perto, e voltou ao fogo trazendo no bico uma pequena gota d’água que deixou cair sobre as chamas. O tremendo incêndio não lhe prestava atenção. Pelo contrário, as asas do pássaro se chamuscaram gravemente; mas o animalzinho continuou o seu trabalho, mesmo sem alcançar qualquer resultado visível em sua luta contra as chamas. Finalmente, caindo entre as labaredas, o passarinho morreu. Mas ele não perdeu a batalha. Deus não lhe havia pedido que apagasse o fogo, mas que demonstrasse empenho. O passarinho venceu.”

A parte mais importante do Evangelho, o cerne do mesmo, está repleta de compaixão por aqueles que estão em dificuldades. O amor cristão implica em sacrifício: “Lembra-vos dos presos, como se estivesseis presos com eles e dos maltratados como sendo o vós mesmos também no corpo” - escreveu Paulo. “E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque com tais sacrifícios Deus se agrada” (Hb 13.3,16).

Durante a Segunda Guerra Mundial, os cristãos que protestavam a favor dos judeus contra a perseguição nazista, usavam a Estrela de Davi: estavam prontos a entregar suas vidas por este povo oprimido. Nossos irmãos cristãos que estão sofrendo perseguição e tortura nas mãos dos comunistas conhecem bem o significado do termo "sacrifício". Tenho visto as cicatrizes que os opressores deixaram sobre o povo de Deus. Muitas das perseguições sobre as quais lemos na Bíblia estão acontecendo hoje por detrás da Cortina de Cana de Açúcar e nas terras comunistas do mundo inteiro. O espantoso sofrimento infligido às que de outra forma seriam pessoas comuns, produz exemplos de fé que nunca serão esquecidos. O apóstolo Paulo disse com grande propriedade: "Trago no corpo as marcas do Senhor Jesus" (Gl 6.17). Podemos ser solidários com os mártires de várias maneiras:

Primeiro: por meio da oração. Deus está fazendo uma obra entre os crentes de Cuba, mas Ele entregou em nossas mãos a tarefa de apoiar estes queridos irmãos por meio de nossas orações. Podemos interceder pelos líderes cristãos, pelas igrejas e pelos prisioneiros; orar pelos comunistas e pelos mais de dez milhões de cubanos que estão debaixo dos seus pés.

Segundo: pensando criativamente. Usando a nossa inteligência, podemos imaginar, criar, construir, operar e potencialmente realizar atos poderosos. Estou decidido a tornar mais leves as cargas da Igreja cubana. Nós temos o Espírito, o amor, a tecnologia, a energia e o tempo. Deus tem os recursos, o poder, a sabedoria. Juntos, podemos levar o calor e a esperança da sua Palavra a nossos irmãos que estão em cadeias.

Terceiro: escrevendo cartas. As autoridades comunistas cubanas estão com medo de nossa luz e admirados com ela. Reconhecem o impressionante poder desses mísseis de natureza tão diferente; nossas cartas levarão a esperança e ânimo a crentes privados da comunhão, do amor de cristãos que se preocupam com eles nos países livres.

Quarto: investigando a situação dos mártires. Os informes conflitantes e as opiniões duvidosas sobre a verdadeira situação da Igreja perseguida podem deixar-nos confusos e inseguros em nossa tarefa. Descobrir a verdade nos fará mais eficazes, mais ativos.

Quinto: ajudando a manter grupos cristãos que de forma legítima estejam produzindo programas radiofônicos ou televisivos

para Cuba. No tratamento do câncer, o tumor é bombardeado com poderosas radiações; estas transmissões e outros esforços para penetrar a Cortina de Cana de Açúcar, são poderosos bombardeios contra o câncer do comunismo em Cuba. Nenhum lugar da terra pode escapar das poderosas ondas de rádio de Jesus. Graças a este pregador impessoal - o rádio, a Palavra de Deus pode ser ouvida nas aldeias mais remotas.

Deus pode usar a cada um de nós, quer em nossa poltrona, quer em nossas avionetas, como uma força espiritual de invasão para cumprir esta grande comissão. O tempo é pouco. Estamos numa corrida. As rédeas estão em nossas mãos. A linha de chegada está diante de nós.

Na semana em que assistia a uma Conferência Nacional de Radiodifusoras Religiosas, realizada em Washington, sonhei que estava parado numa rua muito suja, de barro vermelho, olhando para meus pés. Por alguma razão estava usando sapatilhas de corrida. Ainda não sei como apareceram em meus pés. Estavam desamarradas. Abaixei-me para amarrá-las, enfiando rapidamente os cordões brancos, sentindo o conforto pela forma como se ajustavam aos meus pés. Levantando-me, vi meu irmão Noble com seu rosto negro sorridente, o calvo Cleto, o velho e fraco Martell e o encanecido Vargas, correndo a toda velocidade, bem próximos de mim. Pararam um momento ao meu lado. Vestiam uniformes da prisão, feitos a mão, camisas brancas e calções curtos fabricados com panos de lençóis. Nada disseram. Somente me contemplaram com surpresa. Começamos a correr estrada abaixo, juntos no caminho. Fiquei curioso por saber o significado daquele sonho.

Uma estação de televisão americana transmite as boas novas de esperança para Havana.

Aproximadamente, 80 mil turistas visitam Cuba cada ano. Quantos recebem um único, um pequeno evangelho de João? Quem se sacrificará? Correr pode ser difícil e causar sofrimento, mas é muito estimulante.

Cuba é uma ilha. O coro favorito que cantávamos na prisão e que é sempre uma realidade espiritual e, às vezes, uma realidade física, era: "Jesus quebrou os meus grilhões". Posso agora ver os resultados da corrida, com essa emissora de televisão, com os turistas, nossas cartas, nossas orações, com as muitas outras maneiras que Deus revelará e por meio das quais poderemos proclamar a

liberdade a essa ilha de escravidão. Nesta corrida, não vamos simplesmente cortar a fita de chegada, mas de peito aberto, cheios do Espírito Santo, romper as muitas barreiras.

Epílogo

Escrevi este poema no quarto andar do Edifício Dois da prisão Combinado Leste, dedicando-o a meus irmãos e irmãs que estejam encarcerados em Cuba, aqueles que vitoriosamente nos saúdam hoje com a passagem de 2 Coríntios 6.5,10: “Nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns; como contristados, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como nada tendo e possuindo tudo”.

BARROTES DE LUZ

Barrotes de luz
Atravessam a nossa catedral de aço.
Raios de luz, como dedos,
Projetam-se através do corredor
E repousam sobre os rostos santificados,
Livres,
Da ira, do medo, do ódio;
lavados e justificados,
Cantamos e esperamos.
Gememos, enquanto sorrimos,
Sabendo que Deus encherá
Nossos pulmões outra vez.

Nota

O autor receberá com muito prazer quaisquer informações, idéias, sugestões, ou ajuda para colaborar com a sofredora Igreja de Cuba. A correspondência pode ser dirigida a:

TOM WHITE

P.O. Box 10715

Glendale, CA. 91209

EE.UU.

Representante no Brasil

Missão a Voz dos Mártires

Rev. Adon Alvear

Caixa Postal 3356

Curitiba, PR, 80001

P

risioneiro por dezessete meses, Tomas White sobreviveu para contar a história arrepiante da Igreja de Deus que sofre atrás da Cortina de Cana de Açúcar.

Um míssil é um projétil que pode ser dirigido por controle remoto a qualquer parte. Um dos maiores temores dos Estados Unidos é a ameaça dos mísseis provenientes de Cuba e esta se aterroriza com mísseis de outra natureza.

Durante sete anos Tomas White liderou uma invasão evangélica a Cuba, para levar a paz de Deus àquela ilha oprimida. Mais de 400 mil exemplares de literatura cristã, mísseis de amor, caíram do ar ou chegaram às praias levados pelo mar. Em 27 de maio de 1979, Tomas caiu com sua avioneta numa estrada de Cuba. O tratamento brutal da polícia secreta, meses de cárcere e uma sentença de 24 anos, perfazem a trama desta fascinante história. Sofrendo na prisão do Combinado Leste, o autor conviveu com a igreja sofredora de Cuba. Esta não é a história do triunfo de uma pessoa sobre o sistema. É uma narrativa dinâmica feita por uma testemunha ocular do amor cativante de Deus, sua proteção e paciente ensino no inferno de Fidel Castro.